

@verdade



RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela

www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 11 de Abril de 2014 • Venda Proibida • Edição N° 282 • Ano 6 • Fundador: Erik Charas



Estupradores impunes enquanto Parlamento não revê Código Penal

Sociedade PÁGINA 04-05

FUTURO

Tu decides o futuro do nosso País com o teu voto.
Tu tens o direito e o dever de votar nas próximas eleições.
Esta é a Verdade.

A verdade em cada palavra.

Tribunal
Administrativo
tem combustível
para dar e vender



Destaque PÁGINA 15-17



“Militares”
vencem Copa
Lurdes Mutola

Desporto PÁGINA 23



As heroínas do
seu dia

Plateia PÁGINA 26

Pergunta à Tina

SMS
email

90 441
averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

Para estar sempre
actualizado sobre o que
acontece no país e no globo
siga-nos no

[@verdademz](https://twitter.com/verdademz)

@TheRealWizzy Eish. RT
@verdademz: Acidentes
de viação em
#Moçambique mataram
34 pessoas e feriram 94 na semana
passada verdade.co.mz/motores/45382

@reinaldoluis19 @
verdademz AJOV abriu
candidaturas para
acolher artistas
enteressados em emigrarem para
o estrangeiro à busca de
experiências. #cultura

@jorgejx RT @
verdademz: Sem saúde
das mulheres não há
desenvolvimento
verdade.co.mz/mulher/45281
#Moçambique #DiadaMulher

@FernandoSrgio @
verdademz, 5 mil
famílias desalojadas
devido às chuvas em
#Nampula. Houve ainda 27 óbitos e
61 feridos por descargas
atmosféricas.

@oafrika Draft bill RT @
globalvoices Mozambique
Wants to Criminalize
'Insulting' Texts, Emails
and Internet Posts (@verdademz)
bit.ly/PnvsHj

@VirgilioDengua
#Moçambola2014:
Arranca a partida
#Ferroviário de
#Nampula X Ferroviário de
#Pemba. estádio 25 de Junho. @
verdademz pic.twitter.com/rku2cMvlaC



@nunouamusse “@
verdademz: Parajedista
morre nos EUA durante
uma tentativa de quebra
de recorde verdade.co.mz/internacional/...” É BOM !

@Zerinho_b4 Segundo
Alice Mabota, se Luisa
Diogo ñ concorrer
realmente às eleições
#Gerais2014 então ela terá que se
candidatar. @verdademz #PJ

@TioFreezy Confiem no
Jornal A @verdademz

@MR_ComeTodas “@
verdademz: África do
Sul: Ministério
processado devido à
falta de livros em Limpopo
verdade.co.mz/africa/45241” que
tal Moçambique imitar

@carneiron08 @
verdademz E quanto
custa isso? E a Renamo
quer que os observadores
permanecam no país ate
fevereiro/2015?! Democracia cara
essa nossa!

@swty_agatha “@
verdademz: Artistas
moçambicanos brilharam
no Cape Town Jazz
Festival @CTJazzFest verdade.co.mz/cultura/45218 pic.twitter.com/HWP0fuE6mh” sim sim :D

Editorial
averdademz@gmail.com

Ninguém faz nada

Há, de facto, cidadãos privilegiados neste rochedo à beira-mar. A série "Moçambique a saque" publicada nas páginas deste jornal que o leitor tem em mãos desvendou o véu de um mundo de regalias sem fim na instituição que devia, por razões óbvias, ser o 'bastião' da legalidade administrativa e, por consequência, a expressão máxima do respeito pelos bens públicos. E não estamos a falar dos 12 carros de afectação dos juízes, mas de um gasto irresponsável em combustível.

É injustificável o consumo mensal de quase um milhão de meticais no Tribunal Administrativo somente ao nível da província de Maputo no abastecimento de viaturas de expediente, dos juízes conselheiros e de transporte de pessoal. Num ano a despesa pode atingir os 12 milhões de meticais. Uma fortuna num país paupérrimo como Moçambique. A coisa fica bem mais vergonhosa quando o extracto da BP Moçambique mostra que apenas uma viatura é capaz de consumir mais de 800 litros de diesel, quase 30.000,00 meticais. Há aqueles que são menos despesistas e ficam pelos 700, 600, 500 ou 400 litros de combustível. Tudo pago pelo Estado.

O que faz um cidadão num veículo 4x4 com 800 litros de combustível? Serve ao Estado com tal esbanjamento do suor de todos nós? Não cremos. Até porque o mesmo TA gastou mais de 7.000.000,00 sem concurso público no aluguer de viaturas na ex-Viauto (actual Easy Link). Não há desculpa possível para tanto despesismo e nem para a leviandade dos responsáveis pelas contas do TA. Ninguém pega nos extractos e fiscaliza os limites admissíveis? O que acontece no TA não difere de uma gestão doméstica, onde ninguém controla os gastos e a responsabilidade de tudo é assumida por uma única pessoa. No caso em apreço tal pessoa é o Estado. Com tanta despesa e regalias espanta o número de processos sem desfecho. @Verdade, em 2011, reportou o drama de um cidadão que morreu à espera de justiça. O caso, esse, ganhou poeira nas gavetas do TA e o cidadão acabou por perder a vida na sua luta contra o Estado. Seria de estranhar se o TA condenasse a teta que lhe alimenta os caprichos. Era o mesmo que um cão morder a mão do dono que lhe dá de comer. Nem nos sonhos e os poucos casos são meramente cosméticos. O TA, já está provado, não existe para elevar a justiça, mas sim para defender o Estado.

Contudo, o que se gasta ou se deixa de gastar não é o mais espantoso. É o silêncio da opinião pública diante dessas falcatruas e da PGR. O silêncio do Governo, das bancadas da oposição e dos partidos travestidos de oposição construtiva mostram o país que somos. Não nos interessa o gasto irresponsável de todos nós, mas cada litro de combustível que entra nos carros dos "donos" do TA é menos uma carteira ou menos um comprimido. Significa menos uma escola e escassez do livro escolar. Isso acontece com a convivência do partido que nos governa por uma questão de solidariedade na podridão, de companheirismo de quadrilha e de irmandade que caracteriza os covis dos gangsters que tomaram de assalto o país.

Ninguém ainda pensou numa manifestação contra o silêncio que reside em torno desta podridão?



Boqueirão da Verdade

"(...) Refiro-me aos comentadores do costume que, nos últimos tempos, passam a vida a falar dos altos preços que a paz vai custar ao país. E falam-nos dos vencimentos de dois vice-presidentes da Comissão Nacional de Eleições (CNE), de dois directores adjuntos do Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE), e os carros e outras regalias desses dirigentes, de mais não sei quantos novos membros daqueles órgãos e de mais não sei quantos membros das mesas de voto e por aí adiante. E deitam as mãos à cabeça, arrancando os cabelos e chorando que é uma despesa enorme para este país tão pobre", **Machado da Graça**

"Curiosamente não me recordo de ouvir esses mesmos comentadores do preço da paz a comentarem o preço da guerra. A falarem do que se está a gastar na compra de blindados, artilharia pesada, aviões MIG-21, etc. A comentarem o preço de manter milhares de homens, em pé de guerra, no Centro do país. Para esses comentadores parece que fazer a guerra é a actividade normal e reconquistar a Paz é a despesa supérflua. Estranhos conceitos, sem a menor dúvida", **Idem**

"Já que os deputados vão ter direito a uso e porte de armas de fogo, penso que o Estado deveria providenciar uma fábrica de coletes à prova de balas. Assim sendo, antevêjo, nos próximos tempos, muito tiroteio. Serão mais 250 armas nas mãos de representantes do povo, que gozam de imunidade parlamentar", **Luís Nhanchote**

"A filha do Presidente da República é ou não é moçambicana? O facto de ela ser filha do Presidente e membro da Frelimo não significa que perde os seus direitos como moçambicana. Pensamos que é uma polémica desnecessária", **Damião José**

"Eu acho que Valentina Guebuza é moçambicana e nenhum dispositivo legal a impede de fazer negócios a seu gosto. Não percebo como algumas mentes a querem inerte quando se lhe apresentam oportunidades. Discriminar alguém por causa dos seus laços consanguíneos com o PR é passar por cima da Lei-Mãe. Se entre as propostas apresentadas a dela foi a melhor para o tal sinal de TV, porque não?", **Eusébio A. P. Gwembe**

"A oposição e a Imprensa de que se serve continuam a insultar, por força do hábito ou da prática, a Frelimo e a sua actividade política. O título de um dos jornais da praça é muito revelador porque em letras grandes ilustradas com fotografias de Guebuza e Nyusi diz: «os arrogantes». Uma ofensa desta envergadura não pode passar despercebida para os homens de bem e deixá-la passar seria um certificado dado para os ambiciosos organizarem a sua tirania", **Idem**

"Acho que este processo (digitalização) não está a ser bem conduzido pelo Estado. Não é um processo transparente nem é envolvente. É um processo que tem muito que se diga, uma vez que não se trata apenas de se definir quem será o operador, quando é que vai co-

meçar a funcionar e muito menos é um interesse apenas das televisões ou de gente que produz televisão, é também o interesse do público, do telespectador", **João Ribeiro**

"Se a mais nova ten years do país é simplesmente uma cidadã comum com direitos iguais aos outros para obter negócios, então: (i) porque é necessário o secretário do Comité Central do partido vir em sua defesa? (ii) porque pensa ele, o tal secretário do CC, que ela tem direito apropriar negócios sem concurso? (iii) porque não houve concurso? E, já agora, (iv) como é que o dito secretário do CC explica que o Governo liderado pelo seu partido evitou o caminho lógico, dar às Telecomunicações de Moçambique a capacidade de gerir este assunto, mesmo que em parceria com chineses, preferindo privatizar o que deveria ser público a favor da empresa de que a nossa "menina prodígio de ouro" (não estou a falar da Mutola) é PCA? Moçambique é maningue nice", **Carlos Nuno Castel-Branco**

"Por outro lado, a Frelimo, ao que parece renovada mas ainda assim mais dividida que unida e o Governo, ou certa parte dele, teimam em engordar o seu excesso de confiança e a estender os seus "tentáculos" abarcadores à vitalidade democrática que este País a tanto custo tem vindo a ganhar. Falta-lhe uma identidade construtiva na governação, um marketing político informado, convincente e aliciador, falta-lhe transparência e justiça no que emana, uma linha orientadora das prioridades políticas nacionais, falta-lhe uma estratégia de reconciliação e falta-lhe, principalmente, unissonidade nos discursos políticos em que se aborda", **Eduardo Costley-white**

"A Frelimo sozinha não é nem nunca será a solução para todos os problemas do País e nem se pode constituir, unilateralmente, como uma só voz de comando nesta viagem que todos fazemos rumo a um Futuro onde imperem os ideais nacionais, onde ela e todos nós nos revemos. Vai faltar a do Povo", **Idem**

"A Renamo ou está descomandada e desconformada consigo mesma, ou passa, como sempre pareceu, por uma grave crise de liderança, agravada com todos os anteriores e actuais acontecimentos por uma acérrima luta pelo Poder e por um processo de renovação que lhe é difícil contornar. Despalavrada, sem honra e dignidade nos compromissos que faz, a Resistência Nacional de Moçambique põe em causa, no momento, o Partido Renamo ao reassumir a sua veia belicista, terrorista e desestabilizadora. As suas acções armadas demonstram claramente que é por via das armas que ela melhor dialoga, que se revê e se reencontra, que se institui e se impõe", **Ibidem**

"Uma governação que encara o "My Love" (camionetas) como normal meio de transporte de seres humanos em pleno século XXI só pode ser criminosa e ilegítima! Haja respeito pela dignidade humana!", **Matias de Jesus Júnior**

OBITUÁRIO:

Kumba Yalá
1953 – 2014
61 anos



O ex-Presidente da Guiné-Bissau, Kumba Yalá, morreu na sexta-feira da semana passada, aos 61 anos de idade, devido a problemas de saúde.

Kumba Yalá, o emblemático homem do gorro vermelho, que morreu em Bissau, candidatou-se à Presidência da República na Guiné-Bissau em todas as eleições desde 1994; foi eleito em 2000, mas deposto em 2003, por um golpe de Estado militar.

O finado, que fez 61 anos de idade a 15 de Março, renunciou à vida política a 1 de Janeiro deste ano, alegando "haver um tempo para tudo", e decidiu apoiar o candidato independente às presidenciais, Nuno Nabian.

O ex-Primeiro-Ministro da Guiné-Bissau derrubado por um golpe de Estado em 2003 desistiu assim da corrida às eleições gerais (presidenciais e legislativas), adiadas por diversas vezes e agora marcadas para 13 de Abril, com 13 candidatos presidenciais e 15 partidos a concorrer à Assembleia Nacional Popular.

O fundador do Partido da Renovação Social (PRS) recorreu a várias citações da Bíblia para argumentar que chegara a hora de deixar o seu lugar a outros, não descartando a ideia de que poderia vir a ser "senador da República".

Filho de agricultores, Yalá é natural de Bula, poucos quilómetros a norte de Bissau. A sua imagem de marca era o barrete vermelho, que trazia sempre nas aparições públicas.

Foi candidato a todas as eleições à Presidência da República desde 1994, ou seja, desde que há pluralismo democrático no país.

Nas eleições de 1994, como líder do Partido da Renovação Social, desafiou o então chefe de Estado, o general João Bernardo "Nino" Vieira, mas saiu derrotado numa segunda volta renhida.

Chegaria ao poder em 2000, com os analistas da política guineense a afirmar que os eleitores "estavam cansados do PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde)", o partido histórico que tinha mergulhado o país numa guerra civil de 11 meses.

Kumba Yalá só ficaria na cadeira presidencial durante três anos, sendo destituído num golpe de Estado militar.

Desportista, refugiou-se em Portugal para fugir ao serviço militar (ainda no tempo colonial). Fez o liceu em Loulé e em Lisboa e, segundo a sua biografia oficial, licenciou-se em Filosofia e Teologia em 1981. Formou-se ainda em ciência política em Berlim e, em 1987, chefiou uma delegação do PAIGC a Moscovo (ao 70.º aniversário da Revolução de Outubro).

Ainda segundo a mesma biografia, em 1990 saiu do PAIGC e, quatro anos depois, foi eleito deputado já pelo PRS. Em 1995 concluiu a licenciatura em Direito, em Bissau. Era casado e tem vários filhos.

No meio do seu percurso político, entre as corridas eleitorais, converteu-se ao islamismo, mas raras foram as vezes em que foi chamado pelo nome que adoptou quando se converteu: Mohamed Yalá.

Simplesmente continuou a ser Kumba Yalá, ou Koumba Yalá Kobde Nhanca, mesmo nas camisolas usadas na campanha.

Ficha Técnica

MAPUTO - Av. Mártires da Machava 905
NAMPULA - Av. 25 de Setembro 57 A
Telemóvel +258 867581784
Telemóvel +258 843998624
Telemóvel +258 823056466
Fax. 258 21 490329
E-mail: averdademz@gmail.com

Tiragem Edição 281
20.000 Exemplares
Certificado pela

Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Fundador: Erik Charas. Director: Adérito Caldeira; Director-Adjunto: Sérgio Labistour; Director de Informação: Rui Lamarques; Chefe de Redacção: Emílio Sambo; Sub-Chefe de Redacção: Víctor Bulande; Redacção: Alfredo Manjate, David Nhassengo, Inocêncio Albino, Coutinho Macanadze; NAMPULA - Delegado: Hélder Xavier; Chefe de Redacção: Júlio Paulino, Sérgio Fernando, Sebastião Paulino; Colaboradores: Milton Maluleque (África do Sul), Alexandre Cháqueu; Director Gráfico: Nuno Teixeira; Paginação e Grafismo: Danúbio Mondlane, Hermenegildo Sadoque, Avelino Pedro; Revisor: Mussagay; Director de Distribuição: Sérgio Labistour, Carlos Mavume (Sub Chefe); Administração: Sónia Tajú; Internet: Francisco Chuquela; Periodicidade: Semanal; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.

Xiconhoca

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocos da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.



da Semana

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Presidência Aberta

A Presidência Aberta do Chefe de Estado moçambicano, Armando Guebuza, não está a ser realizada como um evento visando promover a aproximação e os contactos com a população que, por sua vez, tem a oportunidade de apresentar ao alto magistrado da Nação as suas preocupações quotidianas.

O que se verifica é que, além da sua despedida à população por ser o último ano da sua governação, o Presidente Guebuza está envolvido em campanha eleitoral antecipada, ou seja, pré-campanha que consiste na apresentação do candidato do seu partido nos comícios populares, facto que viola a Constituição da República.

O mais agravante é que nessa suposta Presidência Aberta são usados fundos exorbitantes do Estado para realizar actividades meramente partidárias. Os nossos leitores questionam se os candidatos de outros partidos políticos podem, usando os mesmos recursos, fazer a sua pré-campanha eleitoral. Neste momento, esta Xiconhoquice continua a decorrer em todas as províncias do nosso país.

Despedimentos de treinadores do Moçambola há duas jornadas

Quando estavam decorridas duas jornadas da prova máxima nacional, o Moçambola, eis que acontece uma das mais Xiconhoquices jamais vista. Duas "chicotadas psicológicas".

Por exemplo, a direcção do Clube de Chibuto decidiu rescindir o contrato com João Eusébio, treinador principal daquela colectividade. Ao comando dos "guerreiros", o técnico português nunca obteve sequer uma vitória.

No último domingo (30), o Clube de Chibuto perdeu em casa diante do Maxaquene. A outra "chicotada psicológica" do Moçambola edição 2014 registou-se no Têxtil de Púngue, onde o colectivo de direcção emitiu um comunicado no qual dava conta da saída de António Sábadu, técnico que vinha exercendo o cargo naquela colectividade.

Não se sabe ao certo da principal razão dos despedimentos dos treinadores. Se é por causa dos maus resultados, os leitores consideram infundadas as alegações das direcções dos clubes, pois devem saber relacionar-se com as derrotas, empates e vitórias.

Reparação da ponte de Chicumbane adiada desde 2013

No âmbito da reconstrução do país pós-cheias de 2013, o Governo moçambicano desembolsou mais de 180 milhões de dólares, dos quais 40 milhões provenientes do Orçamento do Estado e os restantes de contribuições externas.

Dentre várias infra-estruturas vitais para a garantia da circulação de pessoas e bens, a ponte de Chicumbane, na província de Gaza, estava na lista das prioridades do Executivo. Porém, até ao momento, ainda não beneficiou de nenhuma obra de reabilitação. A população que recorre àquela via para desenvolver as suas actividades corre todo o tipo de riscos.

Esta evidente incapacidade das instituições do Estado com vista mitigar os efeitos das enxurradas revela que o actual sistema de gestão das calamidades naturais não está a produzir os devidos efeitos, que consistem na eliminação dos riscos daí decorrentes.

E os dirigentes do nosso país continuam a fazer vista grossa quanto ao aumento da vulnerabilidade das pessoas residentes nas áreas em apreço.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt), uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2ACBB9D9) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Estupradores impunes e o Governo apático

Enquanto o Governo toma a violação sexual como um crime insignificante e cuja solução não é, aparentemente, premente e a Assembleia da República aprova uma proposta do Código Penal prenhe de preceitos infames, que consubstanciam a desprotecção das vítimas de estupro, no dia 30 de Março passado, uma adolescente de 13 anos de idade foi abusada sexualmente por um grupo de três indivíduos ainda em parte incerta, no bairro de Namutequelua, na cidade de Nampula. Em Maputo, um jovem de 35 anos de idade manteve uma cópula forçada com a sua própria mãe, de 85 anos de idade. São mais dois casos a ilustrar a impunidade deste tipo de maldade perpetrada contra as mulheres e as crianças.

Texto: Redação • Ilustração: Hermenegildo Como

No princípio da noite daquele dia, numa zona chamada "Nasser", a menor cujo nome omitimos por razões óbvias, regressava de um mercado situado nas proximidades da sua área residencial na companhia de uma prima, dois anos mais velha. Durante o percurso, as raparigas foram interpelladas por dois indivíduos desconhecidos e instadas a escoar a água da chuva que estava estagnada nas imediações de uma linha férrea.

Volvido algum tempo, os supostos predadores sexuais pediram para que as adolescentes lhes acompanhassem até um bazar perto do local onde se encontravam para comprar uma recarga de telemóvel, tendo a menina mais velha manifestado vontade de ir mas não podia porque devia chegar cedo à casa com vista a preparar o jantar. Perante essa indisponibilidade, os criminosos sentiram-se desobedecidos. A rapariga de idade avançada pôs-se em fuga por temer o pior. Entretanto, os bandidos arrastaram a rapariga mais nova pelo braço até uma mata chamada "Demo", onde, segundo a vítima, estava um terceiro agressor à espera dos seus comparsas.

A ofendida narrou que no sítio foi cercada, despidas, apalpadas e os seus choros e gritos por socorro não surtiram efeito porque os malfeiteiros – um de cada vez – abusaram-na sem misericórdia e abandonaram-na no local com a roupa ensanguentada. Consumado o acto, a vítima não teve socorro imediato e permaneceu no sítio do crime para recuperar as forças de modo a arrastar-se até à casa, a dois quilómetros dali.

A menina disse que não conseguiu fixar o rosto dos violadores. Os parentes foram alertados pela prima da menina violada sobre o que estava a acontecer. Eles mobilizaram os vizinhos para salvar a menina e se fosse possível fazer "acertar as contas" com os protagonistas de um crime hediondo como aquele. Entretanto, quando eles chegaram ao local, os estupradores haviam desaparecido sem deixar rasto, nem a menina estava lá.

Contudo, a lei, já aprovada na generalidade pelo Parlamento, em Dezembro de 2013, não penaliza os predadores sexuais; pelo contrário, favorece-lhes e dá-lhes mais vigor para continuarem a causar a desgraça de mulheres e crianças, causando traumas na sociedade. Nas condições em que a nova versão do Código Penal foi aceite pelo Parlamento, ela viola grosseiramente os direitos humanos, especialmente os dos menores.

Por exemplo, o artigo 223 do Código Penal – sobre os efeitos do casamento – estabelece que em caso de violação sexual de uma menor de 12 anos, se a pessoa acusada se casar com a sua vítima põe-se termo à acusação da parte ofendida e também à prisão preventiva do ofensor. A acção prossegue na justiça até ao julgamento final. Se houver condenação, uma vez que o agressor já está casado com a vítima, a pena fica suspensa. Depois de cinco anos de casamento, sem ter havido divórcio ou separação judicial, a pena caducará.

Para as organizações da sociedade civil a norma em alusão tem como consequência, por exemplo, o facto de as mulheres adultas terem mais força e autoridade para se recusarem a casar com os seus agressores, mesmo que a família as pressione. Mas as crianças terão menos oportunidades de evitar um casamento, se esse for do interesse das famílias. As meninas, depois do horror da violação, ainda serão obrigadas a casar-se com os seus agressores. Como serão as suas vidas? Este é o pior pesadelo para as vítimas de violação.



Mau serviço da Polícia

Na tentativa de localizar os malfeiteiros, os familiares da miúda estuprada recorreram à Polícia do Centro Maior de Segurança da Unidade Comunal Samora Machel para pedir auxílio, porém, os agentes da Lei e Ordem negaram "vasculhar" a mata alegadamente porque o crime não fazia parte da sua jurisdição e por falta de autorização do comandante da sua subunidade.

Em Moçambique, sobretudo na zona rural, o crime de violação sexual é muito pouco denunciado em virtude de as vítimas terem vergonha ou as famílias preferirem esconder o problema. Mas, em parte, há ainda o facto de as autoridades serem inefficientes em relação tratamento do assunto. Todavia, os parentes da ofendida, apesar de terem solicitado o apoio da Polícia, esta desvalorizaram a situação. Agastada

com isso, a tia da vítima disse ao @Verdade que a corporação agiu de má-fé uma vez que o local do crime está sob jurisdição da quarta esquadra, onde os policiais em causa estão afetos e não precisam de nenhuma anuência do seu chefe.

Os pais da adolescente retomaram as buscas por conta própria mas o esforço deles foi em vão. Houve quem pensou que a menina havia sido assassinada e o desespero aumentou. Nesse momento, a moça que inicialmente alertou sobre a violação e que de tanto estar abalada pela forma como a sua companheira foi arrastada para a mata não quis participar nas averiguações, telefonou para a tia a informar que a prima já estava em casa, mas debilitada.

Era o momento certo para os agentes da Polícia acompanharem atentamente o caso e dizer o que devia ser feito uma vez que a rapariga ainda trazia as roupas do crime. Porém, a corporação foi sensível e fingiu que nada havia acontecido. Não se fez nenhuma pergunta à rapariga estuprada, apenas emitiu-se uma guia para a menina se apresentar no hospital onde seria submetida a exames médicos. À nossa Reportagem a adolescente disse que não conseguiu fixar os rostos dos estupradores e passou dois dias a sangrar em resultado da agressão.

Atendimento insatisfatório

No Hospital Central de Nampula, a adolescente permaneceu horas a fios sem ser atendida. Ela deu entrada por volta das 20h00 mas só teve assistência médica na tarde do dia seguinte. Quando ela e a tia chegaram à unidade sanitária foram informadas, por uma servente, de que o médico ginecologista que devia cuidar da paciente estava ausente. Devido a esta situação, minutos depois, a gente de saúde aconselhou as pacientes, que esperavam impacientemente pelo terapeuta, para que fossem para casa a fim de repousarem.

Perante a relutância da senhora que acompanhava a doente em abandonar o hospital, a servente disse que havia uma alternativa: esperar pela outra médica que havia de estar em serviço no turno do dia seguinte. A parente e a enferma esperaram até às 06h00 da manhã, altura em que a referida terapeuta se fez à unidade sanitária mas, também, não prestou atenção ao caso da menina. "Fiquei na porta, de pé, à espera que a minha sobrinha fosse atendida. Estranhamente, às 11 horas apareceu uma menina que igualmente foi violada sexualmente mas não demorou a ser atendida. Fiquei a saber de que a tia dela trabalha no mesmo hospital".

Nessa altura, a rapariga chorava incessantemente por não saber em que estado de saúde se encontrava. O seu maior receio era ter contraído alguma doença. Por volta das 14h00, a rapariga estuprada foi atendida, tendo as análises indicado que, felizmente, não está infectada pelo VIH/SIDA. Após o atendimento, houve dificuldades

O que diz o Código Penal?

ARTIGO 223 - Efeitos do casamento

Este artigo diz que em caso de violação sexual e de violação sexual de menor de 12 anos, se a pessoa acusada se casar com a sua vítima, põe-se termo à acusação da parte ofendida e também à prisão preventiva. A acção prossegue na justiça até ao julgamento final. Se houver condenação, uma vez que o agressor já está casado com a vítima, a pena fica suspensa. Depois de cinco anos de casamento, sem ter havido divórcio ou separação judicial, a pena caducará.

Quais são as consequências desta norma?

As mulheres adultas têm mais força e autoridade para se recusarem a casar com os seus agressores, mesmo que a família as pressione. Mas as crianças terão menos oportunidades de evitar um casamento, se esse for do interesse das famílias. As meninas, depois do horror da violação, ainda serão obrigadas a casar-se com os seus agressores. Como serão as suas vidas? Este é o pior pesadelo para as vítimas de violação.

Em Marrocos, a lei é igual: permite que um estuprador evite a acusação e uma longa sentença ao se casar com a vítima, se ela é menor. Por este motivo, em 2012, Amina Filali, de 16 anos de idade, que foi violada, espancada e forçada a casar-se com seu violador, suicidou-se. Foi a única maneira que ela viu para escapar da armadilha. Esta tragédia está a levantar as vozes de mais de 8 centenas de milhares de pessoas no país, que protestam para que esta lei seja revista.

A quem beneficia esta norma?

Aos violadores e às famílias. Existe a ideia de que a violação de uma mulher é uma desonra e uma vergonha para a família. O bem jurídico que se pretende defender com esta norma não é a vítima, mas a honra da família. Não importa se isso destruirá a vida das vítimas que já tanta violência sofreram.

Texto: WLSA Moçambique
Ilustração: Zacarias Chemane



para comprar os medicamentos prescritos pelo médico porque não existiam na farmácia daquele Hospital Central de Nampula e a família não está contente com os testes feitos.

Algumas falhas

A assistência dada à cidadã a que nos referimos foi ineficaz e, à semelhança do que aconteceu em relação a outros casos, os agressores continuarão impunes. Primeiro, na esquadra os agentes da Lei e Ordem pautaram pelo desleixo diante de um crime hediondo que tende a infestar a sociedade. É difícil entender se a Polícia agiu dessa forma por má-fé ou por desconhecimento das normas para este tipo de situações, principalmente para a necessidade de se guardar as evidências do crime. Segundo, os técnicos do Hospital Central de Nampula negligenciarão totalmente o processo de atendimento. Os enfermeiros ou médicos não seguiram o Protocolo Médico de Assistência às Vítimas de Violência Sexual. Aqui, também, não se sabe se foi por desleixo ou algo proposto, porém, pela forma como as unidades sanitárias tratam estes casos parece ser mais fácil acreditar que se tratou de incúria premeditada.

Que fazer em caso de violação sexual?

- Mantenha a calma e tente fixar o maior número de indícios que lhe permitam descrever o agressor, cor e corte de cabelo, cor dos olhos, cicatrizes, sotaque, outras características, quer do agressor, quer do veículo, se existir, como marca, cor, matrícula, etc.;
- Não faça uma higiene profunda, a nível ginecológico, sem ser vista/o por um médico ou perito;
- Preserve todas as peças de roupa que vestia na altura da violação, sem as lavar;
- Preserve qualquer objecto que lhe pareça ser pertença do agressor, mesmo uma ponta de cigarro;
- Dirija-se à esquadra de Polícia mais próxima e o mais rapidamente possível. As peças de roupa e os objectos referidos anteriormente são para entregar na altura da apresentação da queixa;
- Na esquadra deve ser encaminhada para os serviços de urgência da unidade sanitária mais próxima, onde deve ter prioridade no atendimento;
- Na unidade sanitária devem ser colhidas evidências da violação sexual e a vítima deve ser tratada de acordo com o Protocolo de Assistência às Vítimas de Violência Sexual.

O que é o Protocolo Médico de Assistência às Vítimas de Violência Sexual?

Este Protocolo é um regulamento de aplicação obrigatória em todas as Unidades Sanitárias, e que visa garantir o bom atendimento a todas as vítimas, prevenir doenças que pos-

O que diz o Código Penal?

Artigo 216

A violação é a cópula ilícita com qualquer pessoa

Implica: ser contra a sua vontade, por meio de violência física, de veemente intimidação, ou de qualquer fraude

Também é violação quando a vítima está privada do uso da razão, ou dos sentidos

Quais são as consequências desta norma?

- 1 Quando se diz "côpula", só se refere à penetração vaginal. Logo, ficam de fora outras formas de violação por via anal, oral, ou por introdução de objectos.
- 2 Ao falar em "côpula ilícita", está-se a considerar que não existe violação no casamento. Como resultado, o marido pode violar a esposa sem que isso seja considerado crime.
- 3 A violação sexual é um crime particular, pelo que a vítima deve constituir advogado para acompanhar o processo, constituindo isso uma carga financeira que muitas vítimas não podem suportar.

O artigo 216 vai contra a Constituição de Moçambique

Discriminação das mulheres casadas: quando as mulheres se casam, o Estado deixa de lhes reconhecer o direito de decidirem sobre o seu corpo e a sua sexualidade. O marido aparece como o proprietário do corpo dela. Esta lei vai contra o princípio da igualdade entre mulheres e homens, garantido pela Constituição.

Desproteção das vítimas de sexo masculino: Ao não se reconhecer como crime de violação as relações sexuais forçadas via anal, oral ou com introdução de objectos, não se está a proteger as pessoas de sexo masculino, que são vítimas de violência sexual.

Desproteção de outras vítimas de violência sexual: Do mesmo modo, as mulheres que forem violadas por via anal, oral ou por introdução de objectos, ficam também sem proteção da lei.

WLSA Moçambique

sam surgir em resultado da violação e fornecer provas para instruir o processo criminal, permitindo a criminalização dos agressores.

O Protocolo inclui as seguintes medidas, se a violação ocorreu antes de terem decorrido 72 horas:

- Fazer a testagem rápida para o VIH
- Fazer a testagem da sífilis
- Fazer a colheita de secreções vaginais para avaliação médico-legal
- Providenciar quimioprofilaxia para o VIH por um mês (para evitar contrair o vírus)
- Contracepção de emergência (para evitar engravidar do violador)

Se já tiverem passado mais de 72 horas:

- Realizar a profilaxia para as ITS (infecções sexualmente transmissíveis)
- Realizar a testagem rápida para o VIH e Sífilis

O que fazer se for violado

As normas do Ministério da Saúde recomendam que, em caso de violação sexual, todas as mulheres e adolescentes com mais de 11 anos devem fazer a profilaxia da gravidez (contracepção de emergência). Todos os que forem sexualmente violentados, homens ou mulheres de todas as idades, devem fazer a profilaxia contra outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (ITS) e a Profilaxia Pós-Exposição ao VIH se forem sex-ronegativos.

Se os técnicos de saúde que atendem não oferecerem ou não fizerem a profilaxia, deve-se recorrer à direcção do hospital. Se não for possível falar com a direcção da unidade sanitária, pode-se contactar a Inspecção Geral de Saúde, através da Linha Verde.

Inspecção Geral de Saúde (Linha Verde)

Contactos por província:

Maputo Cidade – 84 151
Maputo Província – 84 152
Gaza – 84 153
Inhambane – 84 154
Sofala – 84 155
Manica – 84 156
Tete – 84 157
Zambézia – 84 158
Nampula – 84 159
Niassa – 84 160
Cabo Delgado – 84 161

Em caso de dificuldade, a Inspecção Geral do MISAU pode ser contactada através do número de telefone fixo 21 305 210.

Jovem estupra a mãe em Maputo

Uma idosa cujo nome omitimos por motivos óbvios, de 85 anos de idade, foi agredida e abusada sexualmente pelo próprio filho, de 35 anos de idade, cuja identidade também ocultamos para preservar a honra da sua família, sobretudo da vítima. O episódio, que alegadamente foi protagonizado com o propósito de obter melhores condições de vida, deu-se na zona de Mapulene, no bairro Costa do Sol, na cidade de Maputo, na noite do dia 02 de Abril corrente.

A vítima contou ao @Verdade que o jovem vive noutro bairro mas frequentava a sua casa e tentou, por várias vezes, persuadi-la a ir à cama com ele, para se tornar rico, segundo as recomendações de um curandeiro. Entretanto, a idosa nunca aceitou submeter-se a tal perversidade, por isso, para lograr os seus intentos, o jovem recorreu à força e pôs-se em fuga.

O jovem, quinto filho da senhora ofendida, está desempregado, vive maritalmente e não tem filhos. Na altura em que se deu o estupro, ele estava lúcido e ciente de que a idosa é sua mãe, que a devia respeitar e acatar as suas ordens, porém, mesmo assim agarrou-a, impiedosamente, e satisfaz os seus impulsos sexuais. Pela descrição do crime, percebe-se que o visado foi para a casa da mãe de forma premeditada e já com o intuito de cometer o crime de que é acusado.

Por volta das 23h:00 daquele dia, surpreendentemente e munido de

uma faca de cozinha, o indivíduo a que nos referimos introduziu-se, de repente, no quarto onde a progenitora estava a dormir alegadamente para pedir água. Depois de uma troca de palavras entre o filho e a idosa, esta acordou e dirigiu-se à cozinha com vista a satisfazer o pedido do seu filho, por sinal o último. Contudo, volvidos alguns minutos, a senhora olhou para trás e foi surpreendida pelo jovem com a sua arma branca em punho, que, em seguida, terá coagido a própria mãe a despir-se enquanto proferia vitupérios e ameaças de morte.

"Ele (o filho) entrou no meu quarto, perguntei o que ele queria e pediu água. Fui à cozinha onde ele olhou para mim subitamente, mostrou-me uma faca, mandou-me tirar a roupa, apalpou-me e disse que eu devia aceitar o que pretendia", narrou a nossa interlocutora visivelmente abalada com o crime. A senhora explicou igualmente que disse ao predador sexual que o que ele estava a fazer era errado, era vergonhoso e uma grande falta de respeito porque se tratava de mãe e filho.

Apesar da idade avançada, a idosa tentou resistir aos malefícios do jovem, mas não teve energia suficiente para evitar que fosse violentada, amordaçada e com os braços atados. Consumado o acto, a vítima foi abandonada no local do crime estatelada, ensanguentada, tendo sido socorrida por volta das 04h:00 quando a neta de 15 anos de idade se dirigiu à cozinha para beber água.

Agora o medo impera na residência uma vez que na casa só vivem duas mulheres: a idosa e a sua neta. Segundo a rapariga, por volta das 15h:00 daquele dia, o tio visitou a família mas ficou pouco

tempo e parecia estar com pressa. "Eu não imaginava que ele podia voltar à noite. Encontrei a minha avó deitada no chão e amarrada com uma capulana. Quando perguntei o que se passava e quem havia agredido a avó, ela confessou que foi o meu tio", disse-nos a adolescente, para quem o facto de o paradeiro do agressor ser desconhecido constitui uma ameaça.

Alguns filhos mais velhos da idosa vivem e trabalham fora da província de Maputo e outros na África do Sul. A anciã está traumatizada e jura que não pretende, nunca mais, ver o filho porque não imaginava que um rebento seu pudesse praticar tal acto.

Os vizinhos da vítima estão horrorizados e pedem que se faça justiça perante este acto abominável. "Este tipo de comportamento não deve ser tolerado na sociedade nem neste bairro, principalmente quando são protagonizados pelos nossos próprios filhos", disse à nossa Reportagem uma das pessoas mais próximas da anciã.

O irmão mais velho do suposto estuprador, que se encontrava na vizinha África do Sul, regressou a Moçambique logo que recebeu a má notícia e disse que não comprehende o que levou o jovem a espancar a mãe e a manter uma cópula forçada com ela.

Segundo o nosso entrevistado, o seu irmão anda desesperado por estar desempregado, vive de pequenos trabalhos ocasionais remunerados e tornou-se um alcoólatra. Há anos que ele está à procura de meios condignos de sobrevivência, mas sem sucesso. Todavia, esses obstáculos não devem ser motivo para alguém violar as normas de conduta social e ofender a própria mãe. / Redacção

Crianças “precisam” de padrinhos de formação em Inhambane

Não nos cansamos de recorrer a Samora Machel quando estamos diante das crianças de qualquer parte do mundo: “As crianças são flores que nunca murcham”. E nós acrescentamos, se forem regadas com carinho, como está a acontecer na Escolinha Nhassanana, no bairro Josina Machel, em Inhambane. Os petizes em alusão, com idades compreendidas entre os três e seis anos, aglutinadas num centro para lidarem com a língua portuguesa, instrumento essencial para a sua futura escolarização, são necessitados e precisam do apoio de todos, sobretudo de padrinhos que possam financiar parte das suas despesas de educação pré-escolar.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

A ideia de que os meninos estão aglutinados num centro para lidarem com a língua portuguesa para a sua futura escolarização parece não ter nada de extraordinário, mas quando viramos a página, e encontramos que os seus pais ou encarregados de educação devem pagar uma mensalidade, numa zona em que a maior parte deles não tem meios para tal, mudamos de concepção. Percebemos melhor o valor social que a Escolinha Nhassanana assume na comunidade. “Temos aqui 40 crianças, das quais 22 meninas e 18 rapazes, e muitas outras inscritas, mas, neste momento, não podemos recebê-las porque estamos limitados. Porém, no futuro a situação pode melhorar”.

A Reportagem do @Verdade esteve recentemente na Escolinha Nhassanana, que dista 25 quilómetros do centro da cidade de Inhambane e tudo o que vimos nos pareceu ainda um sonho para aquela instituição cujo grupo-alvo são crianças desfavorecidas moçambicanas vivendo em zona rural no bairro Josina Machel, em Inhambane.

Se calhar uma utopia. E todos nós sabemos que na ilusão, tudo aquilo que perseguimos fica mais distante quando estamos perto de alcançar e mesmo assim não paramos.

Peter Sander Augusto, filho de uma alemã e um moçambicano, chegou a Inhambane em 2010 e ficou imediatamente apaixonado por esta terra – como todos aqueles que aqui chegam – de tal forma que nunca mais regressou para o país de origem.

Peter tem formação em educação pré-escolar e logo pensou: “Para ficar aqui tenho que fazer alguma coisa e eu sei preparar crianças para entrarem no ensino primário com bases para avançar”. E foi o que fez, contactando uma organização aqui estabelecida, chamada Associação



Positivo Moçambique, que já trabalhava na área e o resto foi acontecendo. Refira-se que a Positivo Moçambique é uma associação de divulgação e de transmissão de mensagens através da arte. Embora a maioria de suas actividades nos últimos anos tenha sido baseada no uso da música e matérias ligadas ao VIH-SIDA, também desenvolve comunicação social interactiva através da pintura, do teatro, da dança e do cinema, dentre outras actividades.

Hoje, a Escola Nhassanana tem 40 crianças sob responsabilidade de dois educadores com formação. Todavia, a sua permanência nas instalações acarreta custos, ou melhor dizendo, cada criança que frequenta aquele estabelecimento devia desembolsar mil meticais.

“Ninguém tem esse valor porque as famílias deste local onde estamos, quase todas elas, vivem de rendimentos sazonais”. Mas não é isso que vai fazer voltar atrás um homem que acredita nas suas utopias. “Fiz alguns contactos aqui em Moçambique e também fora do país, com o apoio da Associação Positivo (porque presto contas a esta instituição), e o que se vê hoje é que estamos a fazer alguma coisa”.

Na verdade, a nossa Reportagem constatou que há um trabalho que está a ser desenvolvido. Por exemplo, quando Peter Sander se apercebeu de que nem todos os pais e encarregados de educação poderiam pagar o valor que seria ideal para a instrução dos seus filhos, teve de baixar o montante estabelecido.

O que se verifica hoje é que há famílias que contribuem com apenas 50 meticais. E este dinheiro, de forma alguma, vai cobrir os custos que decorrem da educação e dos lanches que são servidos todos os dias, de segunda a sexta-feira. “Fazemos tudo para servir lanches de qualidade, uma vez que os meninos chegam aqui às 07h:00 e só saem às 12h:00. E, durante este tempo, encontramos um intervalo para elas comerem qualquer coisa”.

De acordo com o nosso interlocutor, que é igualmente director e gestor do estabelecimento, “as crianças não têm culpa de os seus pais não terem condições para financiar os seus estudos e custear outras despesas de casa. Elas precisam de ser preparadas para o futuro. A maior parte delas – cerca de 75 por cento – chegou aqui sem saber soletrar uma palavra sequer em português, e hoje já há uma luz que se abre na sua mente”.

E todo aquele trabalho parece começar do nada. As salas de aula são construídas em material misto, “mas nós queremos evoluir para dar melhor conforto aos miudos. Felizmente, temos alguns apoios que nos permitem sustentar de alguma forma este projecto e esses apoios vêm de dentro e, também, temos a promessa de um alemão que trabalhou em Tete”. Para um melhor controlo da ajuda que é canalizada à Escolinha Nhassanana, há uma prestação rigorosa

de contas. “Prestamos contas à Associação Positivo e, também, damos o relatório aos nossos patrocinadores sobre o uso do dinheiro que eles nos enviam para apoiar as crianças”. Outro ponto é que o auxílio pode ser feito por “padrinhos”, que eventualmente se podem interessar em pagar as mensalidades de uma criança, “e nós passamos a dar regularmente o relatório sobre esses meninos. É bom que façamos alguma coisa pelas crianças, participando na formação do seu corpo e da sua mente”.

Entretanto, enquanto os apoios não vêm com maior substância, a Escolinha Nhassanana vai fazendo o que pode. “Temos aqui uma padaria e conseguimos vender nos nossos postos instalados, entre 200 e 250 pães por dia, e aos fins-de-semana despatchamos cerca de quatrocentas unidades. Com o dinheiro que ganhamos reforçamos o nível de vida aqui. Ainda não é nada, naturalmente, mas não podemos parar. Ficaríamos muito felizes se encontrássemos “padrinhos” para estas crianças, cujo futuro depende, também, de nós. “A sua contribuição poderia ser feita tornando-se um padrinho de uma criança, em forma de uma doação em dinheiro ou em materiais de que a Escolinha Nhassanana precisa. O padrinho simples oferece 500 meticais por mês e o padrinho maior desembolsa 1.000 meticais”.

RECENSEAR

A verdade em cada palavra.

Guiúa: O rio e o mito

Há um riacho que divide e une o município de Inhambane ao distrito de Jangamo. Vem de um lugar estranho e percorre, serpenteando, uma longa distância até desaguar no mar. Não é de grandes proporções, como nunca foram de grandes dimensões todos os riachos. Mas ele toma lugar especial porque nunca seca. Nunca secou. E não se conhecem relatos de transbordos que tenham causado estragos. É um mito. Que se agiganta por ser esta a fonte "insignificante" que fornece água a toda a autarquia, desde os tempos seculares. Sem limites.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque



A Reportagem do @Verdade decidiu ir até lá, mas não chegou ao destino. Estivemos perto disso, porém, a inacessibilidade do lugar não nos deixou avançar mais do que havíamos conseguido. Queríamos chegar até onde brota o líquido indispensável à vida, ou seja, à fonte de um rio que não se importa com a chuva, nem com a seca. Mas as pessoas da zona, que nos podiam ajudar, também nunca viram esse sítio.

De acordo com João Nguila, "não é fácil o senhor chegar até lá. Nós também aqui nunca vimos a tal fonte. O que fica à vista é um lugar onde a água se acumula, vinda de uma parte incerta e se transforma neste riacho que se vê aqui. Mas a verdadeira fonte nunca vi".

Do centro da cidade para a principal estação de tratamento controlada pelo Fundo de Investimento e Património do Abastecimento de Água (FIPAG), são pouco mais de dez quilómetros, e daqui para onde tudo começa são cerca de três.

E nesse percurso o que se pode ver é quase um fiapo, que se vai abrindo aqui e ali, sem qualquer significância aparente. Outro aspecto é que, aquelas águas preguiçosas parecem estagnadas, mas correm, em direcção ao mar, e as que não podem continuar na sua viagem são retidas na estação de tratamento.

E para chagarmos à fonte, tínhamos de ir em direcção contrária ao riacho, perguntando aqui e ali, onde é que fica a nascente. "Senhor, é difícil chegar até lá, porque nós também nunca fomos. Não sabemos onde nasce este rio. É muito longe".

Ninguém parecia disposto a levar-nos ao fulcro. Os próprios trabalhadores do FIPAG, cuja vocação é tratar e distribuir o precioso líquido, foram relutantes. "O que nós podemos fazer é levar o senhor até um sítio, mas que não é propriamente a fonte".

Na verdade, não é ali a fonte do rio, apesar da aparência. Quer dizer, vindo da estação de tratamento, chega-se a um ponto onde tudo termina ou começa. O rio é interrompido por um banco de areia seca, por sobre o qual se pode passar em segurança, como se não houvesse água, nem vestígios.

Parece ser a partir dali onde o riacho começa. Mas não. Estranhamente, as coisas não começam ali. As águas no local são letárgicas. Não parecem ser elas que irão, depois, caminhar desinteressadamente, até constituir-se num caudal de não acabar. "Só podemos chegar até esse lugar. Porque depois dali tudo é mato".

Aquilo que aos nossos olhos parecia simples é muito mais complexo. Porque à história do rio Guiúa junta-se uma outra de um riacho que vem da zona de Barbozene e irmanase com aquele, parecendo rios siameses. Para o nosso interlocutor, o mais estranho é que o caudal que vem de Barbozene tem um braço que desagua no mar, e outro braço que parece vir desaguar no Guiúa, criando uma confusão sobre a fonte que alimenta a autarquia de Inhambane.

É impressionante que um rio venha desaguar perto da nascente de um outro rio, porque o Guiúa tem a sua própria fonte. Há pessoas que viram essa fonte, mas hoje, com a erosão e o aparecimento do arvoredo, não é fácil chegar-se até lá.

Foi uma deveras frustração não termos podido chegar à fonte do riacho que nos dá a água sem parar. E tivemos de nos contentar com a sua continuação. Fomos até onde a situação nos permitiu ver o fiapo dividindo a estrada. De um lado o município de Inhambane, e do outro, o distrito de Jangamo.

É espantoso o que se pode constatar nas duas margens. As pessoas não se cansam de fazer machambas. Cultivam até muito perto do fio de água que corre lentamente sem parar em direcção ao mar, e mesmo assim as águas não secam. De cada vez que as usam para a irrigação natural, elas se renovam.

O que significa Guiúa?

O centro de Guiúa está instalado na missão da Igreja Católica de Inhambane. E o lugar não terá sido escolhido ao acaso, por tudo aquilo que ele representa. Possui uma paisagem arrebatadora e tem aquilo que nunca pode faltar na vida das pessoas: a água.

Sempre tivemos na agenda esclarecer este nome. Saber que é que ele significa. João Tinga, um dos guias que fomos abordando no nosso trabalho, abriu-nos toda a luz. Guiúa quer dizer um lugar sem ninguém, mais ou menos virgem, nunca explorado. E será disso que os missionários se poderão ter apercebido, e ali se instalaram.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque ela não quer limpar sempre a pentelheira?

Queridos leitores,

Mais uma vez volto a falar sobre a importância do Tratamento Anti-retroviral. Em Moçambique, todas as pessoas que têm resultado positivo no exame de VIH têm o direito e o acesso ao Tratamento Anti-retroviral (conhecido por TARV) gratuito em qualquer Unidade Sanitária do país. O objectivo do TARV é reduzir gradualmente as hipóteses de a pessoa seropositiva tornar-se imunodeficiente, ou, em palavras mais simples, incapaz de lutar contra qualquer doença ou infecção no seu corpo. O uso desta terapia, por via de combinações de medicamentos que são dependentes da carga viral e do vírus que a pessoa tem, é importante para a pessoa se manter saudável. O que tem estado a acontecer em Moçambique actualmente é que mulheres e homens desistem do tratamento, ou faltam às consultas de controlo e levantamento de medicamentos nas farmácias. Ora, quando as pessoas falham na toma destes medicamentos, elas tornam-se incapazes de lutar contra o vírus do VIH. Isto porque o vírus torna-se resistente e pode sofrer mudanças que não se tratam com as combinações de medicamentos existentes em Moçambique. Para que o TARV tenha o efeito desejado, é fundamental que a pessoa siga o tratamento em mais de 95% das doses prescritas. Por isso, se és seropositivo ou tens alguém próximo com o vírus do VIH, toma atenção a esta questão. Outras questões relacionadas com a saúde sexual e reprodutiva também são respondidas nesta coluna, bastando que nos

Enviem uma mensagem através de um sms para 90441

E-mail: averdademz@gmail.com

Por respeito à vossa confidencialidade, não usamos os nomes reais.

Olá Tina. Tudo bem? A minha namorada tem uma borbulha na parte baixa do sexo, supostamente de nascença, mas prejudicial à própria saúde. Ela também tem tido dores no orifício da parte exterior do sexo após e/ou durante o acto. Sente como se tivesse rachas que se vão abrindo quando faz movimentos. Como tratar estes dois casos?

Olá meu caro. A primeira achei que fosse uma pergunta simples, mas ela foi-se tornando complexa à medida que ia lendo. Teria sido para mim interessante saber o seguinte: há quando tempo vocês iniciaram as relações sexuais, e qual é a vossa idade? Eu também gostaria de saber se a tua namorada já sofreu algum tipo de lesão física na zona genital, que pode ter sido resultado de sexo forçado. Também queria saber se a tua namorada fica lubrificada durante o acto sexual. São perguntas que infelizmente não me poderás responder, mas que eu sugeria que carinhosamente procurasses saber da tua namorada. Não querendo afirmar que seja esse o caso, sei que há muitas mulheres na nossa sociedade que sofrem abuso sexual na infância ou adolescência e não contam a ninguém, vivendo por muito tempo com os danos nefastos desse acto no seu corpo e no seu espírito. Essa é uma hipótese no caso da tua namorada. Eu sugeria também que tu convidasses a tua namorada a consultar um/a médico/a ginecologista onde ela poder expor esta situação, quanto mais cedo melhor, para evitar que o problema se torne ainda mais grave. Enquanto não resolverem o problema, não acho que seja sensato continuarem a manter relações sexuais, principalmente sem usarem o preservativo. Ajuda-lhe e a ti próprio também.

Obrigado sempre a minha namorada a limpar a pentelheira, mas ela acaba por fazer uma vez ou outra! Diz que é contra a saúde!!! Quem tem razão?! FJ. Changara - Tete

FJ, até parece que vejo a tua face a dizer "Quem tem razão?". Bom, meu caro, nesta questão não se trata necessariamente de quem tem ou não razão, mas daquilo que é mais confortável para a tua namorada. Os pêlos pubianos ou pêlos púbicos têm a função natural de proteger a região genital, tanto no homem como na mulher por forma a reduzir o atrito ou lesões cutâneas. Se não fosse natural, não haveriam de crescer nos nossos corpos. Quando as mulheres estão completamente sem pêlos, a sua vagina fica desprotegida e vulnerável as infecções. Por outro lado, há mulheres que vêm vantagem na depilação, por acharem ou sentirem-se mais frescas e mais sensíveis ao toque durante o acto sexual. Para mim, tudo depende de como a tua namorada se sente. O que é certo é que ela tem o DIREITO de decidir o que é melhor para a sua saúde e, na minha opinião, tu deves respeitar.

O futuro sombrio de dois menores de idade

Duas crianças identificadas pelos nomes de Tino Armando e Saíde Fernando, de sete e 10 anos de idade, respectivamente, residentes no bairro de Carrupeia, arredores de Nampula, abandonaram os estudos para acompanharem, todas as sextas-feiras, o seu avô quando este percorre as ruas a pedir esmola nos estabelecimentos comerciais e mesquitas da urbe. Apesar de não estarem a estudar, devido a dificuldades financeiras, um sonha ser médico e outro técnico no ramo da acção social.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

Os pais de Saíde Fernando vivem na zona do Muako Anvela, bairro de Natikiri, algures na cidade de Nampula. O petiz foi obrigado pelos progenitores a abandonar os estudos porque eles não dispunham de condições financeiras para custear as despesas escolares, tendo sido enviado para a casa do seu avô, em Carrupeia, a fim de ajudá-lo na sua locomoção com recurso a uma cadeira de rodas, com a qual circula nas diferentes ruas da urbe, onde pede esmola.

Além dessa actividade, o menor é responsável por todas as tarefas domésticas, pois eles são uma família composta por apenas três pessoas, sendo duas crianças e o referido idoso, que é deficiente físico. A sua rotina diária resume-se no seguinte: acordar cedo, fazer a limpeza, lavar a louça, pilar mandioca ou milho e, depois, confeccionar os alimentos. O pequeno Saíde também tem a dura missão de acarretar água. Trata-se, na verdade, de uma situação por que passam várias mulheres e crianças da sua idade em resultado da crise de acesso ao precioso líquido.

As brincadeiras, confessou o menor, que devia ter com os amigos da sua idade são, simplesmente, uma miragem. Ele desabafou afirmando, ainda, que a sua infânci-



cia está a esfumar-se, uma vez que se tornou adulto muito cedo.

A esmola é a única fonte de sustento da sua família. A principal preocupação é assegurar o pão na mesa e, por vezes, comprar vestuário. Não tem sido fácil garantir alimentação, dado o elevado custo de vida. As deslocações que ele faz com o avô nas artérias da cidade não permitem obter dinheiro suficiente para suprir todas as necessidades.

O rapaz acrescentou que, desde que passou a viver com o seu avô, a sua vida transformou-se num autêntico martírio, uma vez que não se vislumbra nenhuma saída para a situação em que se encontra. Apesar da situação por que passa, Saíde sonha ser médico com o objectivo de cuidar de doentes e pessoas carenteadas.

Na mesma situação está Tino Armando, de sete anos de idade. As duas crianças vivem na mesma residência, onde ajudam o avô que se encontra fisicamente incapacitado. "Eu gostaria, se tivesse condições financeiras, de estudar e, quando crescer, ser um profissional que cuida de idosos e outras pessoas necessitadas", disse o pequeno Tino, tendo lamentado o facto de existir petizes cujos pais têm a possibilidade de custear os seus estudos, porém, estes não valorizam este esforço.

Engana-se quem pensa que Tino não gosta da tarefa de ajudar o seu avô. Ele confessou que, quando for adulto, pretende, efectivamente, continuar a cuidar daquele idoso pelo simples facto de ser uma pessoa necessitada e não dispor de ajuda de parentes próximos. O menor refere-se, por exemplo, à falta de apoio em produtos alimentares para que ele deixe de se dirigir até às lojas a fim de pedir esmola.

Sem apontar nomes de familiares com posses, o rapaz disse que não há necessidade de o idoso continuar a viver da mendicidade.

"Não nasci deficiente"

Augusto Muaparato, cuja idade desconhece, disse que se tornou deficiente físico na juventude. Segundo as suas palavras, a deficiência resulta de uma doença (lepra) de que padecia, cujo tratamento no Hospital Central de Nampula não surtiu os efeitos desejáveis. O mais agravante é que, volvidos alguns anos, ele decidiu casar-se na esperança de viver com uma companheira que o podia ajudar. E, para a sua tristeza, a esposa veio a perder a vida meses depois. Da união não resultou nenhum filho. Desde essa altura, cuja data não se recorda, passou a ser um mendigo, pois não tinha nenhuma fonte que lhe pudesse garantir a sobrevivência.

Muaparato lamentou o facto de os seus familiares mais próximos lhe terem virado as costas. Sem se mostrar grato pela ajuda que os dois menores de idade lhe prestam, o idoso disse que está a lutar, todos os dias, para continuar a viver.

Contudo, ele descarta a possibilidade de um dia deixar de viver da mendicidade, visto que este comportamento constitui a sua única fonte de sobrevivência. Por outro lado, Muaparato afirmou que os dois petizes com quem reside não podem estudar por falta de condições financeiras, e o que ele ganha nas ruas de Nampula só dá para comprar comida.

Previsão do Tempo

Sexta-feira 11 de Abril

Zona NORTE

Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Chuvas fracas a moderadas, localmente fortes no extremo norte de Cabo Delgado. Vento de sudoeste a sueste fraco a moderado.

Zona CENTRO

Céu pouco nublado localmente muito nublado. Aguaceiros ou chuvas fracas localmente moderada ao longo da faixa costeira. Vento de sueste fraco a moderado.

Zona SUL

Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Aguaceiros ou chuvas fracas localmente moderada ao longo da faixa costeira. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.

Sábado 12 de Abril

Zona NORTE

Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Chuvas fracas localmente moderadas na província de Nampula. Vento de sudoeste a sueste fraco a moderado.

Zona CENTRO

Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste fraco a moderado.

Zona SUL

Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.

Domingo 13 de Abril

Zona NORTE

Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Chuvas fracas ou chuviscos dispersos. Vento de sudoeste a sueste fraco.

Zona CENTRO

Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas ou chuviscos dispersos. Vento de sueste fraco a moderado.

Zona SUL

Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas ou chuviscos dispersos. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o XICONHOCA

 A cartoon illustration of a man with a long, thin face and a wide, toothy grin. He is holding a bottle in one hand and a glass in the other. He is wearing a simple, light-colored shirt. The background is dark and textured.

Envie-nos um SMS para 90440

E-Mail para averdadem@gmail.com

ou escreva no Mural do Povo



Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Somos moradores do quarteirão 37, no bairro Ferroviário, na cidade de Maputo. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor uma inquietação relacionada com as irregularidades fomentadas pelo chefe da nossa área de residência.

Quando apresentamos os nossos problemas ao líder do nosso quarteirão, ele fica indiferente e, por vezes, exige algum dinheiro para resolvê-los ou para fazê-los chegar ao secretário do bairro, principalmente as outras estruturas superiores a ele a nível da administração do Distrito Municipal KaMavota.

O senhor Jacinto Guidion estimula a desordem, a discordia e semeia o ódio entre os vizinhos porque quando há um assunto que inquieta o grosso dos moradores junta um grupo restrito de pessoas para debatê-lo.

Resposta

Sobre este assunto, o @Verdade contactou o chefe do quarteirão 37, Jacinto Guidion. Este negou todas as acusações que pesam sobre si, bem como a incompetência de que é acusado. Em tom arrogante, o visado disse que "essa gente só sabe falar mal da vida dos outros".

O nosso entrevistado alegou que está sempre em contacto com os moradores mas nunca teve conhecimento das reclamações apresentadas ao Jornal, por isso, se as pessoas que ele representa se mantêm caladas é porque as coisas correm bem e não existem preocupações que possam fazer com que a comunidade convoque reuniões.

Jacinto Guidion negou igualmente que está a fomentar a desordem no quarteirão. Aliás, ele afirmou ter uma relação saudável com os moradores e estar sempre atento às suas inquietações. Todavia, "é difícil agradar a todos. Mesmo numa casa não agradamos a todos os nossos filhos do mesmo modo. Há quem não concorde com certas formas de procedimento em relação a determinados assuntos".

Estamos agastados com a forma de actuação da pessoa a que nos referimos. Jacinto Guidion é o líder do quarteirão 37 há seis anos mas nunca tomou a iniciativa de se reunir com a população para auscultar as suas preocupações. Quando são os próprios moradores que pedem um encontro para discutir determinados assuntos que dizem respeito à comunidade o chefe do quarteirão está sempre indisponível.

Na zona temos vários problemas relacionados com os cortes constantes de energia eléctrica e falta de água potável, por exemplo. O líder do quarteirão está a par disso, mas nada faz. Ele nunca agiu com vista a influenciar as instituições que providenciam os serviços sociais básicos a criarem melhores condições de vida na zona. Escolhemos um chefe para nos representar e trabalhar no sentido de desenvolver o bairro, mas os actos de Jacinto Guidion revelam um fracasso. Afinal qual é a função dele na zona?

Relativamente aos cortes de corrente eléctrica e à falta do precioso líquido, o líder do bairro disse que as empresas que prestam esses serviços já foram informadas e prometeram resolver os problemas em causa brevemente.

O nosso interlocutor disse que há necessidade de os moradores perceberem que a resolução ou não de determinados problemas num bairro não dependem da pessoa escolhida para representar a comunidade. Existem assuntos cuja solução só é possível com a intervenção de outras estruturas, tal é o caso da Electricidade de Moçambique (EDM), do Fundo de Investimento e Património do Abastecimento de Água (FIPAG) e das Águas da Região de Maputo.

Jacinto Guidion admitiu, no entanto, que há questões que podem ser discutidas e resolvidas entre os vizinhos sem envolver outras partes. Todavia, é preciso que haja sempre diálogo e cada pessoa contribua de alguma forma para o crescimento e a felicidade de todos.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorretos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenores os factos. Envie por carta - Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email - averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS - para o número 90440.

A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.



Mamparra of the week

Procuradoria-Geral da República (PGR)

Luis Nhachote
averdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

O mamparra desta semana é uma instituição denominada Procuradoria-Geral da República (PGR) que, há vários níveis, assiste complacente às barbaridades contra os bens públicos, apesar de ela ser a guardiã da legalidade.

A PGR deve ser, no país, a única instituição que não soube que recentemente o Governo concessionou, sem concurso público, como manda a Lei do Procurement, os interesses colectivos da migração digital para um empresa, a qual é participada pelo cidadão Armando Guebuza, que por acaso é o actual Presidente da República.

A PGR também deve ser, no país, a única instituição que não soube que a empresa Transportes Públicos de Maputo (TPM) adquiriu à TATA Moçambique 150 autocarros movidos a gás, sem concurso público, conforme manda a Lei do Procurement. Curiosamente, a tal empresa é participada pelo cidadão "sortudo", de nome Armando Guebuza, que curiosamente é o Presidente da República.

A PGR, instituição que à luz da Constituição da República é a guardiã da legalidade, parece, pelos factos acima descritos, ser a guardiã da ilegalidade.

A PGR, sempre ela, parece não saber, por puro desconhecimento, que o Presidente da República, por acaso o cidadão Armando Guebuza, tem estado nas chamadas "Presidências Abertas e Inclusivas" a apresentar o candidato do seu partido como seu sucessor, atrelado à custa dos impostos dos cidadãos nacionais e estrangeiros, quando a época eleitoral ainda não abriu.

Os zelosos e distintos quadros daquela instituição parecem não estar a conseguir ver um céntimo dos atropelos que são feitos em plena luz do dia, quando o nome do protagonista é um cidadão que é tido pelos seus correligionários partidários como o "guia incontestável de todos nós"!!!

Não é de estranhar, como um surto de febre, que nas esquinas da pátria amada alguns nacionais resmunguem que o apelido Guebuza é de incomensurável valor em negócios sem transparência perante a apatia da PGR.

O Gabinete Central de Combate à Corrupção (GCC), uma instituição subordinada à Procuradoria-Geral da República (PGR), recusou-se esta semana a comentar sobre o assunto da migração digital. Deve ser por causa daquele apelido.

Também Armando Guebuza disse, no dia 25 de Junho de 2006, o dia maior das nossas datas, que a "a corrupção é um problema que tem a ver com a pobreza".

Deve ser por isso que a PGR não está cometida em verificar esses atropelos, uma vez que esse é um assunto (corrupção) da alcada dos pobres. E pelo que se saiba, Guebuza não é pobre, tanto mais que a sua riqueza começou com a criação de patos.

Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparris.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

CAPAZES
A verdade em cada palavra.

Democracia

Aplicação da lei pode pôr fim à violência político-eleitoral

É um facto incontestável que os processos eleitorais, em Moçambique, foram sempre caracterizados por episódios marcantes de violência que nalguns casos resultaram na morte de cidadãos inocentes. A hostilização dos partidos políticos da oposição, através de detenções ilegais dos seus delegados de candidatura, a presença exagerada da Polícia nas mesas de votação, sem necessidade, também foram sempre casos notórios. Assim, com o intuito de modificar esse ciclo e evitar a perpetuação destes fenómenos, o Parlamento Juvenil, um movimento social, analítico e apartidário orientado para a advocacia em prol dos direitos da juventude, juntou à mesma mesa diversos actores políticos para, em conjunto, se discutir as razões que levam à ocorrência de tais actos e encontrar-se as possíveis soluções. No encontro, para além das habituais trocas de acusações entre as principais forças políticas, defendeu-se a observância rigorosa da lei como forma de prevenir a violência político-eleitoral.

Texto: Redacção • Foto: Parlamento Juvenil

Na ocasião, a chefe da bancada da Renamo, Maria Angelina Enoque, repetiu a já velha posição do seu partido, segundo o qual as eleições multipartidárias, no país, não têm sido justas muitos menos transparentes, o que se afigura um dos principais motivos que leva a práticas violentas. “É sabido que quando as eleições são manipuladas, quando há intimidação de eleitores, a violência acontece”.

Acrescentando, disse que a violência ocorre igualmente quando as instituições do Estado que deviam ser isentas e imparciais, como a Comissão Nacional de Eleições (CNE), o Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE) e a Polícia da República de Moçambique (PRM) actuam de forma subordinada, obedecendo a quem não devem, ao invés de se cingirem à aplicação da lei. Para esta, a exclusão social e a intolerância são outros “ingredientes” que alimentam a violência eleitoral.

Maria Angelina Enoque acusa a Polícia de assumir, muitas vezes, protagonismo nos processos eleitorais, violentando desde os delegados de candidatura dos partidos da oposição, aos próprios eleitores, em vez de se limitar a desempenhar o seu papel de manter a ordem e a tranquilidade pública.

“Revisão da lei eleitoral trouxe igualdade, transparência e justiça”

A chefe da bancada da Renamo, que se debruçava acerca da “mais-valia do novo pacote eleitoral na prevenção da violência político-eleitoral” defendeu que, pela primeira vez, a legislação eleitoral moçambicana espelha os princípios de igualdade, justiça e transparência defendidos pelo seu partido.

Neste sentido, entende, se houver vontade de todos os intervenientes, principalmente do partido no poder, a Frelimo, o novo pacote eleitoral traz consigo princípios para prevenir ou eliminar a violência político-eleitoral que tem caracterizado as eleições em Moçambique.

Para a líder parlamentar da Renamo, a ausência ou minimização da violência só será uma realidade se a PRM e a Força de Intervenção Rápida (FIR) se abstiverem de intervir de forma violenta e excessiva no processo.

Para Enoque, a CNE deve deixar de ser passiva e actuar de forma a corrigir a tempo e horas todas as irregularidades que lhe forem reportadas ou de que tiver conhecimento e a produção dos boletins de votos deve deixar de ser fraudulenta. Acrescenta ainda que a contagem dos votos e o preenchimento das actas dos editais devem ser transparentes.

“A violência político-eleitoral deixará de acontecer se os bens do Estado não forem usados por aqueles a quem foram confiados para uso no trabalho do dia-a-dia, ficando



em vantagem em relação aos outros candidatos. Outrossim, a violência político-eleitoral será evitada, e respeitada a vontade do eleitor, se a nova CNE e os seus órgãos de apoio, nomeadamente o STAE, obedecerem à lei e a mais ninguém”.

Competitividade é que gera violência

No entanto, o deputado da Frelimo, Alfredo Gamito, que participou no evento em representação da chefia da bancada deste partido, Margarida Talapa, argumentou que a violência político-eleitoral resulta do nível de competitividade que é característica das próprias eleições.

Diferentemente dos outros intervenientes, Gamito não procurou apontar o dedo aos adversários mas argumentou que “os processos eleitorais são, pela

sua natureza, processos competitivos e, assim sendo, têm sempre um elevado potencial de conflito”.

Gamito reconheceu o grande desafio que é a alteração do actual cenário em relação à violência e avançou que tal será possível se os membros da CNE assumirem rigorosamente que ao actuarem naquele órgão não representam as organizações políticas ou sociais da sua proveniência.

Assinado compromisso de não violência

O evento promovido pelo Parlamento Juvenil sobre a prevenção da violência em período eleitoral teve como o seu ponto alto a assinatura, pelas lideranças das ligas juvenis dos três maiores partidos políticos do país, do “Compromisso Violência Eleitoral Zero”, um documento que “condena” todos e quaisquer actos violentos ou que possam resultar em violência político-eleitoral.

Com esse acto, o presidente do PJ, Salomão Muchanga, diz que se pretende traduzir os compromissos de lideranças nacionais com a paz e não-violência em resultados concretos, ou seja, partir de discursos para a prática.

Em Outubro do ano passado, diversos partidos políticos adoptaram um Código de Conduta Eleitoral que estabelece os princípios comportamentais que devem ser observados durante o período eleitoral. E é neste âmbito que Muchanga considera que “não basta que as lideranças se entendam, é importante que a juventude, tida como protagonista e principal vítima destes actos, traduza esses compromissos em actividades concretas. Estamos a dizer que o Código de Conduta tem que ser traduzido em actos do dia-a-dia, e para tal é imperiosa a realização de actividades que resultem no espírito de tolerância, debates públicos, e mensagens educativas, entre outros”.

Polícia esquia-se do debate

Nesse evento, a Polícia moçambicana, a principal acusada de protagonizar actos violentos em momentos político-eleitorais em total desobediência à lei, também foi convidada com vista a manifestar-se em torno da matéria. No entanto, a mesma não se fez representar e não se dignou informar sobre a sua ausência.

Questionado sobre se Polícia teria informado sobre a sua indisponibilidade para participar do evento, Muchanga respondeu o seguinte: “A mensagem vai chegar”.

“São debates que nunca aconteceram anteriormente em Moçambique e nós esperamos que a mensagem seja colhida. Ainda iremos convidar os agentes da Polícia porque eles são também actores dessa actividade eleitoral. E temos visto, de eleição a eleição, uma violência institucionalizada e com grande responsabilidade para a Polícia e é fundamental que eles aceitem vir ao debate público sobre a matéria”.

Órgãos eleitorais e da comunicação social contribuem para a violência político-eleitoral

A actuação parcial e sem observância do princípio de isenção dos órgãos eleitorais e alguns da comunicação social contribui para o surgimento de casos de violência durante os processos eleitorais, no país, defendeu recentemente o presidente da Comissão Nacional de Direitos Humanos (CNDH), Custódio Duma.

Duma diz, sobre a comunicação social, que alguns órgãos são de tal forma parciais que se confundem com representantes de partidos políticos e essa forma de proceder cria um clima desconforto às formações políticas que se sentem prejudicadas. “Não são poucas as vezes que vimos órgãos de comunicação social a actuarem como se fossem representantes de certos partidos políticos, transformando-se eles mesmos em actores interessados na vitória de uns e derrota de outros”, argumenta.

Prosseguindo, Duma diz que o mais grave ainda é quando a violência é provocada por representantes de órgãos eleitorais. Estes, vezes sem conta, aparecem também a favorecer uns em detrimento de outros.

A Polícia de protecção também é tida como parte crucial na promoção de violência político-eleitoral, pois ela, muitas vezes, ao invés de proteger os cidadãos, independentemente da cor partidária, adopta uma postura ameaçadora e repressiva em relação a membros e simpatizantes de uns partidos “como se o seu mandato fosse para proteger uns em prejuízo do outro”.

Entretanto, prossegue, aqui é preciso mencionar o papel de toda a máquina de administração da justiça que ao não responder de forma isenta às preocupações das vítimas de violência político-eleitoral, em tempo útil e de forma satisfatória, contribuem para que haja mais violência.

Duma chama ainda a atenção para o papel dos observadores eleitorais com vista à prevenção da violência durante esse período eleitoral. Diz ele que estes devem apenas observar o que está a acontecer para que todos os cidadãos tenham as mesmas oportunidades nas urnas. “O que se nota, infelizmente, é que alguns grupos de observadores não conseguem despir-se das suas cores e paixões partidárias, o que acaba por desembocar em violência, comprometendo o processo”.

“É também um grande desafio para todos e cada um dos eleitores deve assumir que o dia da votação é um dia sublime do exercício da cidadania; por isso, o cumprimento integral da legislação é fundamental”, afirmou e ajoutou que os membros da CNE devem assumir de uma forma completa a natureza do órgão, respeitando a legislação.

Revisão da lei não elimina a violência eleitoral

Intervindo sobre o mesmo tema, o chefe da bancada parlamentar do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), Lutero Simango, sustentou que a revisão do pacto eleitoral ocorrida recentemente por si só não implica(rá) a eliminação da tensão político-militar que se vive no país, nem da violência político-eleitoral e apontou os factores que na sua óptica contribuem para esse fenómeno.

“A abstenção, o recenseamento eleitoral deficiente, os cadernos eleitorais viciados, a manipulação dos agentes da forças policiais, o uso de meios públicos para fins eleitorais, e a ausência de tratamento igual aos concorrentes por parte dos órgãos públicos de comunicação social também alimentam os conflitos”, indicou.

Diante dessa situação, Simango considera ser fulcral que se acautele o uso da coisa pública para interesses privados. Para Simango, a prevenção da violência político-eleitoral só poderá ter êxito se os partidos políticos assumirem uma postura democrática, linguagem apropriada e observar o respeito mútuo. A par disso, a CNE tem



a responsabilidade de fazer cumprir as leis eleitorais e tornar as suas sessões acessíveis aos partidos concorrentes.

Simango acusou ainda a Procuradoria-Geral da República (PGR) de, muitas vezes, mostrar indiferença em relação aos ilícitos eleitorais e diz que este deve assumir o seu papel.

Ligas juvenis defendem respeito à lei

Os jovens membros dos três maiores partidos políticos de Moçambique fizeram-se também representar no evento e defenderam a observância da lei como forma de se evitar a violência durante o período eleitoral.

Entre trocas de acusações sobre quem promove actos violentos, os líderes juvenis da Frelimo, MDM e Renamo, bem como cerca de duas dezenas de outros jovens debatucaram-se sobre a matéria. O presidente da Liga Juvenil do MDM e porta-voz do parti-

do, Sande Carmona, apontou os agentes da Polícia de protecção como os principais promotores da violência em período eleitoral.

Carmona disse ainda que os casos que ocorrem no período em alusão e que, por vezes, resultam na morte de inocentes, permanecem impunes porque “quem deve julgar é quem manda matar e por isso não há julgamento.”

Claramente agastado, sustentou ainda que a Polícia moçambicana, no exercício das suas funções, tem-se furtado do respeito à lei para obedecer a comandos de figuras hierarquicamente superiores, interessadas nessa onda de violência político-eleitoral.

“Os agentes da Polícia estão para cumprir ordens de quem os admitiu na Polícia. Esquecem-se de que a Polícia está para servir a todos os moçambicanos, da Renamo, do MDM, da Frelimo e de quem não está filiado a partidos políticos, e por isso devem seguir a lei”.

Diante dessa situação, este atribui à Comissão Nacional de Eleições (CNE) o papel de formar os agentes da lei e ordem quanto ao comportamento a adoptar durante o pleitos.

“O processo eleitoral é regido por uma lei específica e se a própria Polícia não conhece a tal lei como é que se pode esperar uma melhor actuação desses agentes? É necessário que a CNE tome a peito a formação dos agentes da Polícia para que esta não obedeça a ordens quando estas contrariam a lei,” instou.

Por sua vez, a líder da juventude da Renamo e deputada da Assembleia da República, Ivone Soares, defende que só a observância da lei poderá garantir tolerância zero à violência nos pleitos eleitorais. “Se se respeitar a lei não haverá violência”, assevera e prossegue: “Os direitos dos candidatos, dos observadores, dos delegados e de outros intervenientes devem ser conhecidos para serem respeitados”, pois o desconhecimento da lei dá lugar a atropelos graves.

De acordo com Soares, se todos os intervenientes dos processos políticos “respeitarem as regras de jogo político” estarão criadas as condições para que haja tolerância zero à violação. Na mesma senda, ela chama a atenção para a cobertura jornalística que deve ser isenta e objectiva.

Por seu turno, o deputado da Frelimo, Félix Silvia, que esteve no evento em representação do secretário da Organização da Juventude Moçambicana, disse que os jovens da Frelimo, em períodos da campanha, procuram criar a sua própria segurança para evitar a violência, porque na campanha acontecem actos que não abonam a favor da democracia.

Empossados os quatro vogais da CNE provenientes da sociedade civil

O Presidente da República, Armando Guebuza, conferiu posse esta segunda-feira (07) aos quatro vogais da Comissão Nacional de Eleições provenientes da sociedade civil, cujas candidaturas foram chanceladas pela Assembleia da República na semana passada.

Trata-se de José Belmiro, proposto pela Associação Instituto Martin Luther King, Apolinário João, pela Associação Juventude para a Comunidade e Desenvolvimento, Salomão Moyana, indicado pela Associação Aliança Inter-Religiosa para a Advocacia e Desenvolvimento Social, e Jeremias Timana, indicado pela Confederação Nacional dos Sindicatos Independentes e Livres.

Os quatro membros foram eleitos pela Assembleia da República, na semana passada, de um total de 16 candidatos propostos pelas organizações da sociedade civil para integrarem o órgão que fiscaliza os processos eleitorais no país.

À luz da nova Lei Eleitoral, a CNE deve ser composta por 17 membros, cinco representantes da Frelimo, quatro da Renamo, um do MDM e sete da sociedade civil.

O Presidente da República, Armando Guebuza,

que foi quem conferiu posse aos novos vogais, desafiou-os a assegurarem, com auto-estima, sentido patriótico, zelo e profissionalismo a supervisão da implementação da legislação eleitoral em vigor.

Guebuza reconheceu a grande responsabilidade de que recaí sobre os empossados e disse haver enormes expectativas de que cada um destes possa contribuir para um melhor desempenho deste órgão.

Por sua vez, o presidente da CNE, Abdul Carimo, considera que a entrada dos quatro membros da sociedade civil irá credibilizar, cada vez mais, o órgão, quer na esfera pública assim como a nível dos partidos políticos.

“Este órgão, muitas vezes, é conotado com várias situações e criticado, mas pensamos que a diversidade da sua composição poderá criar uma maior confiança pública, bem como dos partidos políticos”, asseverou.

Ainda na observância das suas competências, o Presidente da República empossou António Chippanga, da Frelimo, para o cargo de primeiro vice-presidente da CNE, e Meque Brás, para segundo vice-presidente deste órgão./ Redacção

“Governo não violento pode pôr fim à guerra no país”, Alice Mabota

A presidente da Liga Moçambicana dos Direitos Humanos, Alice Mabota, defende que os confrontos armados que se registam na província de Sofala resultam da intransigência das partes envolvidas no assunto, principalmente do Governo, alegadamente por estar a promover a exclusão.

Segundo Alice Mabota, “uma pessoa excluída não é boi, não é leão, não é galinha. Ela sabe que meios usar para resolver as questões que a preocupam. Há exclusão política e económica no país e as pessoas sentem isso”.

A líder da LDH vai mais longe ao considerar que os guerrilheiros da Renamo, que ainda estão no mato e que se confrontam com as Forças de Defesa e Segurança, representam os interesses de uma maioria moçambicana que sofre os mesmos problemas da exclusão.

“Aqueles que estão no mato, na minha opinião, se quiserem podem desmentir-se, representam a ansiedade de todas as pessoas que não estão na guerra. Representam o ‘meu’ interesse, eu que gostaria de ser incluída, eu que gostaria de exercer a minha actividade política livremente e sou proibida. Mas eu não fui à guerra e aqueles que foram dizem: olha isto não vai resultar”, considerou Mabota, para quem o facto de, por um lado, haver

negociações entre o Governo e a Renamo, em Maputo, e, por outro, estarem a ocorrer confrontos armados no centro do país resulta de questões políticas sobre as quais ela prefere não se debruçar.

“Por vezes, perguntamo-nos porque é que de um lado há negociações e de outro há guerra. Essas são questões políticas. E a política é muito suja e muito complexa”, disse a presidente da LDH, que entende, no entanto, que a solução para toda essa situação passa necessariamente por se eleger um Governo que não seja violento como o actual.

Para governar o país, Mabota sugere que sejam eleitas pessoas distantes da política supostamente para garantirem a inclusão e os partidos políticos ficariam no Parlamento. Para Mabote essa é uma tarefa dos jovens actuais. “A solução é encontrar um Governo que não seja violento”. Os jovens, segundo a presidente, têm um papel muito importante na mudança do rumo das coisas.

Contudo, Mabota vira o cano contra os mesmos jovens e considera que eles são passivos e aceitam colocar no poder pessoas violentas. “Se eu fosse jovem não ia votar em qualquer das partes que fosse violenta. Eu penso que tem que haver pessoas muito distantes da política para governar”. / Redacção

Se vir uma condução perigosa reporte ao **@Verdade** (onde viu, quando viu, marca e matrícula da viatura)

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade



Migração Digital entregue à Empresa da Família Presidencial

Quando o Ministro dos Transportes e Comunicações, Gabriel Muthise, assinou na tarde do dia 01 de Abril de 2014 o acordo através do qual o Governo entregava o processo de migração digital da radiodifusão em Moçambique, à empresa do grupo chinês StarTimes, estava apenas a concluir uma etapa de um negócio sem transparéncia, sem integridade e de demonstração da promiscuidade existente entre os negócios do Estado e negócios privados do chefe do Estado. A arquitectação deste negócio foi denunciada pelo CIP há três anos, mas ninguém se moveu para evitar o que agora está consumado.

Texto: Borges Nhamirre/ Centro de Integridade Pública Moçambique

Foto: StarTimes / Arquivo @Verdade

Há três anos o Centro de Integridade Pública (CIP) denunciava através de um artigo investigativo, que o Governo acabara de criar condições para que a migração digital fosse executada pela StarTimes, empresa onde o chefe do Estado Armando Guebuza detém interesses económicos directos. O artigo do CIP foi publicado no newsletter de 11 de Abril de 2011 e referia claramente que a decisão já havia sido tomada. Com ou sem concurso público, a digitalização da radiodifusão em Moçambique seria feita pela StarTimes.

Nenhuma entidade de direito se dignou a fiscalizar este negócio. O Newsletter do CIP, onde o artigo foi publicado, está desde à data, disponível no página web (http://www.cip.org.mz/cipdoc/98_CIP_Newsletter11.pdf) e foi distribuído via e-mail pelos organismos públicos – incluindo aos deputados da Assembleia da República – e ao público em geral.

Em 2012, o estudo da IBISMoçambique voltava, dentre vários aspectos, a fazer alerta sobre a exclusão e secretismo com que o Governo estava a conduzir o processo da migração digital. O estudo foi apresentado e debatido, primeiramente em Maputo e depois em todas as capitais provinciais do país. Foi igualmente distribuído pelos organismos públicos, mas pelo sinal ninguém se interessou do mal que era anunciado.

“Em resumo: de um modo geral, reina um clima de ceticismo e insegurança geral sobre as possibilidades do País concretizar a transição até Junho de 2015, dada a ausência de progressos visíveis na mobilização de financiamentos, instalação da rede única de infra-estrutura, procurement, compra de equipamentos, ensaios técnicos, etc., sendo este um processo cumulativo que não leva menos de três anos”², referia o Estudo p. 34.

Dentre várias recomendações que o referido estudo fazia, estava a necessidade de “...reforçar a composição da Comissão de Implementação da Migração da Radiodifusão Analógica para a Digital (COMID), tornando-a mais inclusiva, no sentido de permitir a participação do sector privado e de produtoras independentes; conferir a COMID de autoridade deliberativa suficiente”. Esta recomendação veio em resposta à constatação de que o Governo não estava a implementar as recomendações da COMID, uma comissão constituída pelo Governo, integrando representantes da sociedade civil e de estações televisivas privadas, cujo papel era de acompanhar e aconselhar o Governo sobre o processo de migração digital no País.

O que está errado neste negócio?

A condução do negócio que culminou com a concessão do processo da migração digital à StarTimes enferma



de irregularidades que em última instância irão prejudicar o Estado, cidadãos em geral e o sector privado que trabalha na área de rádio e televisão, em particular. Negócio para a família presidencial A primeira grande irregularidade é que o negócio que vai custar 300 milhões de dólares aos cofres do Estado vai beneficiar directamente à empresa da família do chefe do Estado, a Focus 21 Gestão e Desenvolvimento Limitada, doravante designada por Focus 21.

A Focus 21 detém 15% do capital social da Startimes Media Company Moçambique, Limitada. O restante 85% do capital social da empresa é detido pela SDTV Holdings, firma registada nas Maurícias.

A Focus 21 tem 100 milhões Mts de capital social que é distribuído pelos membros da família do chefe do Estado (ele próprio e seus quatro filhos), obedecendo a seguinte estrutura:

- a) Armando Emílio Guebuza, com 80%, equivalentes a 80 milhões de meticais
- b) Armando Ndambi Guebuza, com 5% equivalente a 5 milhões de meticais
- c) Mussumbuluko Armando Guebuza, com 5% equivalentes a 5 milhões de meticais
- d) Valentina da Luz Guebuza, com 5%, equivalentes a 5 milhões de meticais
- e) Norah Armando Guebuza, com 5% equivalentes a 5 milhões de meticais

Assim, a concessão do negócio de migração digital à StarTimes beneficia directamente a empresa do Presidente da República, Armando Guebuza, e seus filhos, revelando-se a primeira grande irregularidade no tocante à promiscuidade entre a condução dos negócios do Estado e de negócios privados do chefe do Estado.

Sem debate e concurso público não há transparéncia

Contratação de empreitada sem concurso público. O Governo justificou esta opção alegando que se deveu ao modelo escolhido para custear o processo de migração digital, que impunha a indicação de uma empresa do país que financia o projecto. “Optámos pelo financiamento do Banco de Exportações e Importações (EXIM BANK) da China e, por isso, vamos trabalhar com a Startimes Software Technology no processo de migração da radiodifusão”, disse o ministro dos Transportes e Comunicações, Gabriel Muthisse, momentos após assinatura do contrato com a Star Times.

O Governo não foi transparente em duas importantes dimensões, primeiro, na não disponibilização de informação e promoção de debate público sobre o processo de migração digital, particularmente em relação ao modelo de migração digital incluindo as opções para o financiamento da operação. Segundo, em relação ao procurement para a contratação da empreitada. Neste processo se impunha a realização de concurso público, depois de transparente definição dos termos de referência da operação incluindo a explicitação dos custos para os cidadãos. O certo é que o negócio milionário foi entregue à empresa StarTimes.

Atrasar o processo para evitar concurso

Uma personalidade ligada ao processo da digitalização da radiodifusão em Moçambique explicou ao Centro de Integridade Pública sobre o braço de ferro que havia no seio do Governo, pelo menos nos organismos ligados às comunicações sobre a necessidade de se proceder ao lançamento de concurso público para seleccionar a empresa responsável pela migração digital. Entretanto, saiu vencedor o grupo que se opunha ao concurso.

Assim, foi se arrastando o processo até agora que é tecnicamente impossível lançar concurso público internacional para seleccionar a empresa; mobilizar o financiamento e ainda garantir a transição do sinal analógico para o digital até Junho de 2015.

Qualquer exigência, hoje, para se anular a adjudicação direcional à StarTimes e recorrer-se a concurso público perde a sua plausibilidade pois levaria mais tempo, pressionando ainda mais os prazos, já apercebidos. Entretanto, este atraso foi propositado, dado que era do conhecimento do Governo as etapas que o processo devia seguir.

Estranha exclusão de operadores privados

No dia a seguir à assinatura de contrato de adjudicação do processo de migração digital à StarTimes, três empresas públicas procederam à constituição de empresa que será responsável pela distribuição do sinal da televisão digital. Foi no dia 02 de Abril que a Rádio Moçambique, a Televisão de Moçambique e a Telecomunicações de Moçambique – todas empresas públicas - constituíram a empresa de transporte e transmissão de sinal digital. Na prática esta será a empresa que vai controlar, no terreno, todo o processo da distribuição do sinal digital.

Estranhamente, os operadores privados de rádio e televisão, que são a maioria no país, ficaram excluídos do processo. Desde a participação na Comissão de Implementação da Migração da Radiodifusão Analógica para a Digital (COMID) que foi insignificante (apenas a STV esteve representada na comissão e reclamou falta de espaço para debate) até ao processo da materialização da migração, os privados foram postos de lado pelo Governo, apesar de serem

a maioria. Outro grande problema decorrente desta situação é a concorrência desleal. A TVM é concorrente das outras estações de televisão, mas com a migração digital encontra-se numa situação de provedora de sinal aos demais – dada a sua participação na empresa criada para o efeito. Esta empresa distribuidora do sinal terá poderes para apagar, bloquear temporariamente, retardar ou mesmo suspender a emissão de todas as televisões. Numa situação de concorrência isto configura-se grave violação dos princípios de mercado livre.

Perspectiva-se uso de infraestruturas públicas pela Star Times

A constituição de empresa de transmissão e distribuição de sinal de televisão digital, que integra somente empresas públicas (TVM, RM, TDM) pode ser apenas uma estratégia cuja finalidade é aproveitar-se das infraestruturas destas empresas públicas já existentes para implantar o negócio da StarTimes. Isto não é novo neste país. Ao se consumar esta estratégia que é o cenário mais provável, à StarTimes caberá apenas trazer a tecnologia digital, sem nenhum investimento significativo em infraestruturas de transporte e distribuição do sinal. Isto será uma clara expropriação do Estado para benefício de famílias ligadas ao poder político, como é o caso da família presidencial.

Há uma diferença jurídica nas entidades envolvidas no negócio da migração digital mas economicamente irrelevante

Juridicamente, há diferença entre a Startimes Media Company Mozambique, Limitada, a empresa participada pela FOCUS 21 (a empresa da família Presidencial) em 15% e a Startimes Software Technology, empresa chinesa, a quem o Governo atribuiu o contrato millionário sem concurso público que, no acto da assinatura do contrato, esteve representada pelo Sr. Pang Xinxing, presidente da Star Times Group.

Mas esta diferença de natureza jurídica das duas entidades é irrelevante do ponto de vista económico. É que as duas Startimes são do mesmo grupo e o trabalho da venda de decoders será executado pela Startimes Moçambique, a empresa participada pela Focus 21. Isto implica que para além deste contrato millionário, a Focus 21 terá negócio milionário de venda de decoders.

Parlamento apático e oposição à margem do debate

Depois da publicação do artigo do CIP sobre a falta de transparência na migração digital, em 2011, o Governo foi ao Parlamento, pelo menos, por oito (8) vezes para, entre outros assuntos, (1) responder às questões das bancadas parlamentares e (2) prestar outras informações solicitadas pelas bancadas parlamentares.

Em nenhum momento o Governo foi interpelado sobre o processo da migração digital. Dominado pela Frelimo que detém 291 dos 250 assentos parlamentares, o Parlamento passou ao lado dum dos mais importantes debates nacionais: a migração digital.

Apenas a sociedade civil (através do CIP e do Estudo da IBIS/AGIR) é que levantou questões pertinentes à volta da migração digital e com algum eco na Imprensa privada, mas este esforço revelou-se insuficiente para resultar em acções concretas, porque a Assembleia da República optou por alhear-se dum dos mais importantes assuntos públicos da actualidade com grande impacto no futuro do País.

Um negócio à moda da Tata

Este tipo de negócio não é a primeira vez que se verifica no mandato de presidente Armando Guebuza. Em 2011 o mesmo Ministério dos Transportes e Comunicações, com Paulo Zucula na direcção, chancelou outro negócio do género e sem concurso público. O Governo adquiriu à Tata Group da Índia, 150 autocarros movidos à gás.



Os autocarros destinavam-se ao transporte público de passageiros pela empresa pública TPM – Transporte Público de Maputo. Os 150 autocarros custaram 565 milhões de dólares desembolsados pelo Fundo de Desenvolvimento de Transportes e Comunicações (FDTC), como crédito aos TPM. (<http://www.canalmoz.co.mz/hoje/19829-empresa-de-guebuza-vende-autocarros-ao-governo.html>)

A semelhança entre os dois negócios (Tata da Índia e StarTimes da China) é que a Tata Group detém em Moçambique percentagem significativa da

Tata Moçambique, empresa também participada pelo chefe do Estado Armando Emílio Guebuza, em 25%. Do mesmo modo a StarTimes da China detém 85% da StarTimes Moçambique, cujos restantes 15% são da Focus 21, empresa da família Guebuza.

Juridicamente, a Tata Group que vendeu autocarros ao Governo, sem concurso, é diferente da Tata Moçambique que é participada pelo chefe do Estado, mas do ponto de vista económico o chefe do Estado tem interesses directos nestes negócios. A Tata Moçambique é a única agência de manutenção, reparação e importação de acessórios para os autocarros adquiridos na Índia. E ao fim do primeiro ano depois de terem chegado a Moçambique, mais da metade dos 150 autocarros encontrava-se avariada.

Publicidade

GOLO

**A ÚNICA AGÊNCIA
EM MOÇAMBIQUE
PREMIADA NA 3ª EDIÇÃO
DOS PRÉMIOS LUSOS.**

A Agência moçambicana mais premiada internacionalmente, conquistou mais 4 prémios no Festival Internacional dos Prémios Lusos, concorrendo com algumas das melhores agências do Brasil, Portugal e Angola.

Criatividade Made in Mozambique.

Think local

www.golo.co.mz

Governo é insensível aos problemas das rádios comunitárias

A falta de um quadro legal específico constitui um obstáculo ao funcionamento das rádios comunitárias uma vez que, actualmente, estas são equiparadas às comerciais, o que faz com que sejam obrigadas a pagar taxas mensais que estão além das suas capacidades, sendo que, perante esta situação, o Governo se mostra insensível, apesar de reconhecer a importância do papel que estes órgãos jogam na democratização da sociedade através da difusão e massificação da informação.

Texto: Victor Bulande • Foto: Miguel Mangueze

Em 2004, o Conselho de Ministro introduziu, através do Decreto nº 63/2004, de 29 de Dezembro, a cobrança da Taxa Anual de Utilização do Espectro de Frequências, cobrada anualmente pelo Instituto Nacional das Comunicações (INCM) aos utilizadores do espectro de frequências radioeléctricas, quer para uso público, quer para servir o sector privado.

Porém, na concepção do referido decreto não foram separadas as rádios comunitárias das comerciais, o que faz com que os dois tipos tenham o mesmo tratamento, o que, no entender do Fórum Nacional das Rádios Comunitárias, "não faz sentido porque as rádios comunitárias não têm um objectivo lucrativo, diferentemente das comerciais".

Por isso, enquanto não se fizer tal distinção, as rádios comunitárias vão continuar a pagar a Taxa de Exploração do Espectro Radioeléctrico mensalmente, estimado em cerca de cinco mil meticais, um valor que está além das suas capacidades.

"É um valor muito alto e as rádios comunitárias não têm capacidade para desembolsar cinco mil meticais por mês. Elas não geram lucros, o que não acontece com as comerciais. Como diz o nome, elas são de natureza comercial. Estão para produzir lucros. (...) O problema reside no facto de as taxas serem elevadíssimas e as rádios comunitárias não serem entendidas como meios de comunicação que não são geradoras de receitas. Elas funcionam com base em pequenos apoios das comunidades e de algumas iniciativas locais", afirma Naldo Chivite, oficial de comunicação e advocacia do Fórum Nacional das Rádios Comunitárias.

Por outro lado, Chivite diz que em caso de não pagamento da referida taxa, para além de serem multadas, as rádios são ameaçadas de encerramento. "Achamos que o regulamento não teve em conta a questão da natureza das duas rádios (comunitária e comercial), daí a falta de diferenciação no seu tratamento".

"As rádios comerciais são, pela sua natureza, geradoras de rendimentos, algumas das quais em grande escala. Daí que para estes meios de comunicação social as taxas de cobrança pela exploração do espectro radioeléctrico podem não ser um calcanhar de Aquiles, não acontecendo o mesmo com as comunitárias. (...) As pequenas receitas que as rádios comunitárias têm são irrisórias e servem unicamente para cobrir pequenas despesas que garantem a sua sustentabilidade e estão muito aquém dos valores que são cobrados pelo INCM".

Governo ignora instrumentos internacionais

Ao não criar um regulamento específico das rádios comunitárias, aliado ao facto de estar a dar-lhes o mesmo tratamento que as comerciais, o Governo está a violar instrumentos internacionais que regem a matéria, nomeadamente a Declaração sobre a Diversidade da Radiodifusão, aprovado pela Organização das Nações Unidas em 2007.

O documento determina que "a radiodifusão comunitária deve dispor de uma lei específica ou estar expressamente reconhecida nas variadas legislações com uma forma diferenciada dos restantes meios de comunicação social pelo seu carácter não lucrativo".

Por outro lado, o Fórum Mundial das Rádios Comunitárias AMARC alerta para a necessidade de as rádios comunitárias serem "expressamente reconhecidas como uma forma distinta dos Media", que sejam órgãos que beneficiem de procedimentos justos para a obtenção de licenças".

Muitas rádios funcionam com licenças provisórias

Outro problema levantado pelo FORCOM tem a ver com a concessão das licenças às rádios comunitárias, que actualmente é feita pelo Conselho de Ministros, o que para esta organização não faz sentido.

"Quem deve atribuir as licenças às rádios comunitárias é o Gabinete de



"viver" das taxas pagas pelas rádios, independentemente da sua natureza.

"A justificação do Instituto Nacional de Comunicações de Moçambique INCM sobre as cobranças das taxas de exploração do espectro radioeléctrico às rádios comunitárias na mesma proporção que as comerciais, mesmo reconhecendo o carácter não lucrativo destas, reside no facto de o mesmo não ter orçamento por parte do Estado para cobrir as despesas do seu funcionamento e depender unicamente destas cobranças", explica.

O FORCOM diz que, depois desta tentativa de resolver o problema através do INCM, recorreu ao Gabinete de Informação e expôs a sua inquietação mas o órgão distanciou-se do assunto, tendo apenas referido que o seu raio de actuação limita-se ao registo de jornais e televisões, sendo que a questão das rádios é tratada a nível do Conselho de Ministros.

Sustentabilidade

Quando se fala das rádios comunitárias no país, um dos principais constrangimentos ao seu funcionamento tem a ver com a sua sustentabilidade uma vez que não têm um carácter lucrativo, o que, à partida, constitui um desafio.

Actualmente, Moçambique conta com 63 rádios comunitárias, das quais 46 estão associadas ao Fórum Nacional das Rádios Comunitárias, cuja missão de levar a informação às comunidades é tida como espinhosa nas actuais circunstâncias.

Ao FORCOM cabe a tarefa de mobilizar recursos para a "sobrevivência" destes órgãos, o que, segundo a explicação de Naldo Chivite, não é fácil. "São 46 rádios e estamos a falar de equipamento, recur-

tos humanos, meios circulantes, entre outros elementos imprescindíveis ao seu funcionamento. Refira-se que os nossos colaboradores não têm salário, mas sim subsídio".

Para contornar estas barreiras, algumas rádios prestam serviços de cópias nas suas instalações e passam spots publicitários nas suas emissões, o que lhes garante algum valor que, porém, só é suficiente para pagar as facturas de água e energia.

A dupla personalidade do Governo

Não raras vezes, o Governo tem reconhecido o papel das rádios comunitárias no que diz respeito ao acesso, difusão e massificação da informação no país, principalmente nas zonas rurais, mas das palavras aos actos há um abismo que os separa.

Naldo Chivite considera que este cenário revela que o Governo é insensível, apesar de estes meios jogarem um papel importante nas comunidades. "Eles precisam das rádios comunitárias. Quando chega o período eleitoral, todos os partidos recorrem a elas para difundir as suas mensagens. Quando se trata de assuntos ligados à saúde, educação, entre outros, nós somos o principal veículo de informação".

"Temos exemplos de instituições que se aproximam das rádios comunitárias para usar os seus serviços a título gratuito, mas as mesmas gastam rios de dinheiro quando se trata de órgãos comerciais e públicos, independentemente do tipo (rádio, televisão, jornal). Porque não fazem o mesmo com as rádios comunitárias?", questiona.

Interferências no funcionamento das rádios comunitárias

Nos últimos anos, os relatos de intimidações a colaboradores dos meios de comunicação social comunitários têm-se feito sentir de uma forma cada vez mais frequente, criando um cenário desolador para a Imprensa. De uma forma geral, estes actos são protagonizados pelos governos provinciais e distritais, nas pessoas dos respectivos dirigentes ou com recurso a terceiros que actuam a mando daqueles e a justificação é a mesma: as rádios divulgam informações que não são do seu agrado.

Homoíne

Um dos casos mais recentes deu-se em Janeiro, no distrito de Homoíne, província de Inhambane, quando da chegada dos homens armados da Renamo àquele ponto do país.

Aliás, este facto é que esteve na origem deste caso, pois a presença repentina dos homens armados da "segurança" da Renamo naquele distrito (Homoíne) e a agitação advinda dessa situação que levou muitas pessoas a abandonar as suas casas à procura de "esconderijos", foi considerado notícia de interesse público pela Rádio Comunitária Arco, sediada naquela zona, cujos colaboradores, no seu dever de informar, trataram de o difundir e ainda questionaram os governos local e provincial sobre o seu papel em relação à situação que se vivia naquele distrito.

No lugar de dar uma resposta à preocupação colocada, o governo distrital mandou um membro do comité de gestão da mesma rádio, de nome Benedito Cuna, por sinal membro assumido do partido Frelimo, "advertir" os colaboradores daquela emissora de que, caso não parassem de emitir informações sobre a matéria relacionada com a presença de ex-guerrilheiros da Renamo, a estação seria encerrada.

Assim, a partir daquele momento, a Rádio Arco estava proibida de divulgar qualquer que fosse a informação relativa a esse assunto. E para aterrorizar ainda mais os jornalistas, o portador da mensagem disse que, caso fosse necessário, a Polícia seria usada para a concretização de tal objectivo.

Quelimane

Outros episódios recentes de limitação das actividades da Imprensa aconteceram em Novembro de 2013, na províncias da Zambézia, onde a rádios Nova Paz e Quelimane FM, na cidade capital, viram a sua autonomia "beliscada" pelo partido no poder por estarem a veicular informações que não lhe convinham. As ameaças e intimidações tinham como alvo os seus colaboradores.

"No dia 20 de Novembro, dia das eleições autárquicas, as duas

rádios reportaram em directo o decurso do processo, incluindo algumas irregularidades verificadas nas mesas de votação, e realizaram programas que apostaram na participação do cidadão através de telefonemas", conta o FORCOM.

Estranhamente, a 10 de Dezembro, a Rádio Quelimane FM foi vandalizada por indivíduos desconhecidos que destruíram o material do jornal, situação que mais tarde foi denunciada à Polícia local e à Procuradoria Provincial pela FORCOM.

Manica

Em Outubro de 2012, o então presidente do município de Manica, Moguene Candeeiro, usando as Polícias da República de Moçambique (PRM) e Municipal, mandou encerrar, de forma ilegal, as portas da Rádio Comunitária de Maceuquece, no distrito com o mesmo nome.

Macanga

No mês seguinte, Novembro, era a vez de o administrador do distrito de Macanga, província de Tete, Alexandre Faite, exibir a sua intolerância. Este mandou encerrar a Rádio Comunitária de Furankungo por alegadamente estar a divulgar informações que, também, não eram do seu agrado.

Xinavane

De acordo ainda com o FORCOM, em Junho de 2012, a chefe do posto administrativo de Xinavane, no distrito da Manhiça, na província de Maputo, Teresa Gulamo, através do uso da força policial local, mandou encerrar as portas da Rádio Gwevhane, por ter divulgado informações sobre a qualidade do material usado na asfaltagem de uma estrada.

Morrumbene

No segundo semestre de 2011, a mando de alguns membros do governo do distrito de Morrumbene, na província de Inhambane, a Rádio Comunitária Millennium FM, 100.2 MHZ, situada no mesmo distrito, foi forçada a interromper a transmissão do programa "Retrospectiva dos 20 Anos de Paz", no qual estavam em debate vários aspectos ligados à paz, ao desenvolvimento e à governação local.

Mogovolas

Já em Outubro de 2010, a um jornalista da Rádio Comunitária de Luluti, no distrito de Mogovolas, em Nampula, foi arrancado o material de trabalho por estar a investigar a exploração de pedras preciosas por cidadãos estrangeiros. O governo local ainda exigiu que aquele abandonasse tal investigação.

Destaque

Moçambique a saque VI

A factura mensal referente aos custos de combustível gasto pelo Tribunal Administrativo (TA) impressiona, e não é só pelos valores. Com efeito, o TA despende cerca de um milhão de meticais mensais no abastecimento dos carros de expediente, juízes conselheiros, chefes de departamento e de transporte do pessoal. Uma das facturas em posse do @Verdade, emitida no dia 12/12/13 pela BP Moçambique revela que – em Outubro do mesmo ano – as viaturas daquele “bastião” da justiça administrativa consumiram 22.281,42 litros (entre gasolina e diesel) no valor de 913.289,440 (novecentos e treze mil, duzentos e oitenta e nove meticais e quatrocentos e quarenta centavos)...

Investigacão: Pro-@Verdade

Texto: Rui Lamarques • Foto: Miguel Manguez / Arquive



Especificamente, o TA desembolsou 413.144 (quatrocentos e treze mil cento e quarenta e quatro meticais) para 8654,15 litros de gasolina. No que diz respeito ao diesel foram 13.587,27 litros. Uma leitura atenta ao extrato da BP Moçambique revela que não há limites no que diz respeito à quantidade de litros a que cada viatura tem direito. Por exemplo, o veículo de marca Ford Ranger ACZ abasteceu, nas estações de serviço OK e do Clube Naval, 621,37 litros de diesel, 7,17 porcento do total usufruído pelos carros daquela instituição. No dia 2 de Outubro o automóvel em questão colocou no seu depósito 55,11 litros (2.330,72 meticais). Volvidos cinco dias foi 'buscar' mais 60,01 litros (2.208,78 meticais). Voltaram a transcorrer cinco dias para um novo abastecimento. Desta feita, foram 57,91 litros (2.131,56 meticais).

Nos dias 12, 13, 14, 15 e 17 tiveram lugar mais idas às estações de serviço pela viatura Ford Ranger ACZ-970-MP. Vinte e um litros no dia 12 (773,01 meticais), 57,91 litros (2.131,56 meticais) no dia 13. Setenta litros no dia 14 e 15 (2.576,7 meticais). A 17 do mesmo mês saíram da estação de serviço do Clube Naval mais 36,71 litros (1.351,37 meticais). Registou-se, depois, um interregno interrompido no dia 27 com mais 75,51 litros gasolina (2779,34 meticais) e mais 60 que fecharam o mês de Outubro no dia 28 com uma conta de 2.208,6 meticais para o TA pagar. No total 22.872,06 meticais por uma única viatura.

Engana-se, porém, quem julga que se trata de um caso isolado. Uma outra viatura da mesma marca e com a chapa de inscrição ACZ-976-MP teve um consumo maior. Ou seja, 808,29 litros de combustível. Cinquenta e cinco litros no dia 1 de Outubro, 38,52 a 4 do mesmo mês. Setenta no dia 7, 9, 11, 16, 17, 21 e 28.

O 4x4 Nissan Urvan com a chapa de inscrição MLZ-92-09, adquirido em 2007 pelo TA, usufruiu de 716,23 litros de diesel em Outubro de 2013. O custo para os cofres do TA foi fixado em 28.499,11 meticais. Tudo começou no dia 2 com 55 litros (2.029,55 meticais). No dia 7

foram 62,02 litros (2.208,78 meticais). No dia 10 o gasto foi igual ao do último abastecimento, tsto é, 2.208,78 meticais por 62,02 litros. Depois seguiram-se mais 10 abastecimentos. Nenhum abaixo dos 58 litros de diesel.

Algumas das viaturas não constam da lista dos veículos do TANDEM, em posse do @Verdade, como é o caso da KIA K2700 com a chapa de inscrição ABU-213-MP MP, cujo utente levou para o seu tanque de combustível 288,32 litros de diesel. Efectivamente, em Moçambique as regalias não são do domínio público. Curiosamente, o Governo alega que está a implementar medidas de austeridade para contornar a crise económica que afecta o país.

Com efeito, o Gabinete Central de Combate à Corrupção solicitou, através da nota de referência 40/CART/GCCC/2014, a relação de viaturas alocadas ao TA e as suas respectivas marcas e matrículas. Os dados solicitados pelo GCCC enquadram-se no

âmbito do processo de investigação registado sob o no 30/GCCC/2013. Ou seja, a nota do GCCC, que conta com seis alíneas, requer “a relação de viaturas cadastradas na BP Moçambique com vista ao abastecimento de combustível por via do sistema FUEL MASTER (marca e matrícula).

O GCCC também requisita “a relação dos técnicos encarregues do processo de requisição e pagamento de passagens aéreas, aluguer de viaturas e serviços de acomodação”.

Ainda assim... os juízes são os campeões

Lembre-se que o @Verdade reportou o consumo excessivo de combustível por parte dos juízes conselheiros nas edições passadas. Refira-se, por exemplo, que o juiz conselheiro Mujovo Ubisse ocupou folgadamente a primeira posição de acordo com a documentação a que tivemos acesso, referente ao mês de Outubro de 2013. Com apenas três viaturas, um Mercedes Benz E160, um Peugeot 407 e um Toyota Hilux abasteceu os tanques dos seus veículos com 1.399,57 litros, entre gasolina e gasóleo. O levantamento estatístico da factura M13H1630, emitida a 12/12/13, é claro: nenhum

		BP Moçambique, Lda.					
ORIGINAL							
				Parteira			
				Página		1	
Dados da Cliente Tribunal Administrativo Rua Nossa Senhora Maternidade No 254 MAPUTO N.º: 500002693				Dados do documento BP Moçambique, Lda Av. Sociópolis e Geografia, Pólo II Hallard Teléf. 201- A, 3º Andar Caixa Postal 854 Tel.: +258-21 317300 +258-21 326015 FAX: +258-21 326042 Maputo - Moçambique			
Data de vendimento 31/01/14		Mês MAR		Data de emissão 13/02/13			
Condições de pagamento Pagamento por cheque - 30 dias da data da fatura				Contato da BP: +258 21 387936			
NUFT: 499 000 398							
Data	Artigo	Quantidade	Unid.	Preço	Iva	Taxa%	Valor
30/11/13	Gasóleo Putimaster Maputo Out-2013 741/7184	15.987	LIT	29.8100	I.T. 0	399.854,47	
Putimaster Maputo Out-2013	Taxa sobre combustível pago Imposto sobre Combustível Gasóleo			6.3700			58.016,49
16/11/13	Gasolina sem chumbo Putimaster Maputo Out-2013 741/7184	8.494	LIT	36.0300	I.T. 0	298.886,82	
Putimaster Maputo Out-2013	Taxa sobre combustível pago Imposto sobre Combustível Gasolina			7.7100			67.030,74
						Sub Total:	798.758,93
						P/I:	134.536,99
						Total da Fatura:	933.299,92

Destaque



Verificação em curso

@Verdade abordou o secretário-geral do TA, Luís Herculano, em relação às viaturas de que os funcionários beneficiam por via da alienação das mesmas pelo Estado. Na entrevista concedida ao @Verdade, Herculano exigiu que lhe apresentássemos as matrículas e modelos dos veículos. A nossa equipa apresentou as chapas de inscrição. No entanto, o nosso interlocutor solicitou que o pedido de esclarecimento fosse reduzido a escrito. O nosso jornal, prontamente, enviou uma carta nesse sentido no dia 31 do mês passado.

E como já decorreram 10 dias, decidimos contactar telefonicamente o TA, na pessoa do seu secretário-geral. Porém, Luís Herculano fez saber que o processo de verificação das viaturas está em curso e, oportunamente, o jornal terá a resposta por escrito. O mesmo adiantou, sem deixar espaço para prazos, que o processo será “longo” porque, referiu, é necessário descobrir, primeiro, de onde são as viaturas de que o @Verdade solicitou informações.

Lembre-se que o nosso jornal apresentou

trechos da folha de salários dos funcionários do TA e o valor que lhes é descontado pelas viaturas.

Refira-se, contudo, que o @Verdade submeteu uma carta no passado dia 31 do mês de Março ao TA com o intuito de obter informações detalhadas em torno das viaturas alienadas e os critérios observados para tal procedimento. A pedido do TA, a missiva foi acompanhada das chapas de inscrição das

Duas semanas depois, o Jornal *«Verdade»*

voltou a contactar o secretário-geral do TA, Luís Herculano, para saber como está a decorrer o processo de verificação. "O processo de verificação ainda está em curso, em breve o tribunal irá pronunciar-se sobre o caso pelo mesmo meio usado pelo jornal", disse.

Questionado sobre o tempo que o processo levará, aquele quadro superior respondeu que não havia previsões por se tratar, no seu entender, de “viaturas que não pertencem ao TA. Precisamos de saber de onde são as viaturas”.

Vinte anos após o genocídio, há sinais de reconciliação no Ruanda

A 7 de Abril de 1994, teve início o genocídio contra a minoria tutsi e moderados da etnia hutu. Passados 20 anos, os ruandeses percorreram um longo caminho de reconciliação, apostando no progresso económico.

Texto: Deut Welle • Foto: Reuters

“Vi pessoas a incendiar casas e a matar. É muito difícil esquecer essas imagens.” D’Artagnan Habintwali tinha somente cinco anos quando tiveram início os assassinos em Butare, a sua cidade natal, no sul de Ruanda. O que ele viu naquela época nunca mais o deixou em paz. Durante três meses, entre Abril e Julho de 1994, o belo país, com as suas milhares de colinas, foi palco de massacres hediondos.

O Governo havia planeado o extermínio da minoria tutsi e incitou a maioria hutu a acabar com os inyenzi, as “baratas”. O massacre aconteceu sob o olhar de uma comunidade internacional paralisada. As Nações Unidas estimam que 800 mil pessoas tenham sido assassinadas.

Todos são ruandeses

Nas últimas décadas, os ruandeses percorreram um longo caminho de reconciliação. Uma das primeiras medidas do novo Governo foi retirar a indicação de etnia dos documentos de identidade. A partir daquele momento, todos os habitantes do país eram ruandeses, e não hutus ou tutsis.

A reintrodução de trabalhos comunitários regulares, dos chamados Umuganda, também deveria servir para a promoção de um sentimento de comunidade. Todos os ruandeses são convocados, uma vez por mês, a construir uma casa para os necessitados, estradas, e a limpar uma praça.

A elaboração legal do genocídio foi um dos maiores obstáculos. Ainda em 1994 foi criado o Tribunal Penal Internacional para Ruanda (TPIR). Com sede em Arusha, na vizinha Tanzânia, ele tinha como objectivo julgar os principais responsáveis pelo genocídio. No total, 65 pessoas foram levadas ao TPIR, e 38 foram condenadas a longas penas de prisão.

A nível nacional, os tradicionais tribunais Gacaca foram relançados em 2001. Entre 2005 e 2012, quase dois milhões de pessoas foram interrogadas em todo o país, e mais da metade delas foi condenada a penas de prisão ou a prestar serviços comunitários. Nesse contexto, organizações internacionais de direitos humanos criticaram muitos erros judiciais.

“Os Gacacas existiam para que as pessoas dissessem a verdade. Mas também para lhes proporcionar tempo e espaço para dialogar”, afirmou Damascène Gasanabo, alto funcionário da Comissão Nacional de Luta contra o Genocídio (CNLG). “Não se pode simplesmente pedir aos vizinhos que se reconciliem, nós tivemos que iniciar esse processo.”

Um vilarejo reconcilia-se

Em Simbi, um vilarejo no sul do país, perto da fronteira com o Burundi, mais de cinco mil pessoas foram vítimas do genocídio. Hoje, a comunidade vive novamente de forma pacífica. Uma ONG local, denominada Associação Modesta e Inocente, cuja sigla “AMI” significa “amigo” em francês, apoiou a reconciliação.

Jean-Pierre Karenzi participou no genocídio. Ele passou vários anos na prisão por causa dos seus crimes. Desde que foi libertado, em 2005, trabalha para a comunidade em Simbi. Hoje, ele olha envergonhado para o seu passado: “Eu tomei parte no genocídio porque o Governo de então instigou-nos a isso.”



Em Simbi também vive Jean-Baptiste Kanobayire. O sobrevivente, de 70 anos de idade, foi um dos primeiros a participar nos seminários da AMI. Ele conta que sofreu muito. “Mas, pouco a pouco, decidi que a vida continua. Nós aproximamo-nos para que, juntos, pudéssemos trabalhar pelo progresso e harmonia.”

Já há alguns anos, os membros da comunidade de Simbi estão organizados numa cooperativa agrícola, cujo nome é Duharanire Ubumwe N’Ubwiyunge – Trabalho pela Unidade e Reconciliação. Juntos, os cooperativistas querem expandir a produção agrícola. Para eles, um sinal de desenvolvimento.

Progresso económico

O Governo em Kigali também aposta no progresso económico a fim de reconciliar o país de forma duradoura. Um programa para a redução da pobreza – com medidas como a implementação de um plano de saúde para todos, a melhoria direcionada das oportunidades educacionais como também a promoção da economia privada – já mostrou os primeiros êxitos, confirma Daniela Beckmann, chefe do escritório do Banco Alemão de Desenvolvimento (KFW) em Kigali.

Segundo Beckmann, em apenas cinco anos, Ruanda reduziu a sua taxa de pobreza em 12 pontos percentuais, para 45% da população. “Em comparação com outros países africanos, isso é muito bom.” Isso não significa, no entanto, que não haja mais desafios, afirmou. Hoje, metade do orçamento de Ruanda vem da ajuda estrangeira.

Como um dos poucos representantes de uma oposição política interna, Frank Habineza, presidente do Partido Verde Democrático de Ruanda (DGPR, na sigla em inglês), discorda da ideia de que o seu país possui a maior desigualdade de renda na África Oriental. “Acreditamos que a justiça social é possível. No entanto, isso requer mais espaço político e o fortalecimento da democracia para que os investidores estrangeiros possam ter confiança e invistam o seu dinheiro no Ruanda.”

Nas próximas eleições presidenciais, em 2017, o Partido Verde quer lançar um candidato, oferecendo à população uma alternativa a Paul Kagame, pois, desde o fim do genocídio, a Frente Patriótica de Ruanda (FPR), do ex-líder rebelde, está à frente do Governo quase de forma autocrática. A FPR venceu as últimas eleições parlamentares, em Setembro de 2013, com mais de 75% dos votos.

Confiança no futuro

A capital, Kigale, possui 1,2 milhão de habitantes. Ela é considerada um símbolo do progresso ruandês. No centro, surge um arranha-céus comercial a seguir ao outro. O edifício Fidèle Ndayisiba diz estar certo de que, “se o desenvolvimento continuar, em dez anos Kigali será uma cidade moderna e próspera.”

Mesmo que, longe da capital, as pessoas ainda tenham que esperar pela modernidade – os ruandeses são pacientes e olham optimistas para o futuro. D’Artagnan Habintwali, o menino traumatizado de Butare, tem hoje 25 anos. Ele está a terminar os seus estudos e quer ser escritor. “Haverá um tempo em que tudo estará bem”, profetizou.

“Nenhum país é tão poderoso que mude os factos”, diz Presidente de Ruanda

O Presidente do Ruanda, Paul Kagame, advertiu na segunda-feira (07) à França que “nenhum país é tão poderoso que possa mudar os factos, mesmo quando pensa que é”, durante a comemoração do vigésimo aniversário do genocídio de 1994. “Os factos são teimosos”, disse em francês o líder – que pronunciou em inglês o resto de seu discurso – diante de milhares de ruandeses um dia depois de o seu Executivo ter voltado a acusar a França, aliada do Governo hutu no poder em 1994, de haver tido um “papel directo na preparação do genocídio”.

Em cerimónia transmitida pelo site oficial em memória do genocídio, na qual a

França cancelou a sua presença, Kagame também responsabilizou “oficiais belgas e à Igreja Católica” de instaurar uma organização política no Ruanda responsável pelo ódio étnico que desencadeou o massacre de cerca de 800 mil tutsis e hutus moderados.

Após as palavras “nunca mais”, segundo Kagame, “há uma História que deve incluir-se em maiúsculas, não importa quem sejam nem quão incómodos lhes sintais”. O líder criticou em várias ocasiões a herança da colonização europeia no seu país, diante de milhares de ruandeses e líderes internacionais reunidos no dia nacional de luto no Tutsi Amahoro Stadium de Kigali, onde 12 mil pessoas se refugiaram durante o massacre há vinte anos.

“O legado mais devastador do controlo europeu no Ruanda foi a transformação das distinções sociais. Fomos classificados, de acordo com um marco inventado noutro lugar”, lamentou.

A diferenciação social entre os grupos hutu e tutsi durante a colonização belga está na origem do confronto étnico que desembocou no massacre, principalmente de tutsis, durante 100 dias.

Kagame reivindicou a continuação da força de um povo que, segundo afirmou, “escolheu permanecer unido” após a tragédia. “Ruanda poderia haver sido um Estado fracassado. Poderíamos ter-nos transformado num protectorado permanente da ONU”, assegurou.

Nessa mesma linha, o Presidente do Uganda, Yoweri Museveni, responsabilizou os colonizadores de introduzir uma divisão na sociedade ruandesa que estaria na origem do genocídio. “A colonização foi uma grande vergonha para África”, para a qual os europeus levaram, segundo Museveni, “massacres, doenças e o saque dos recursos naturais”.

O Ruanda “foi uma das suas vítimas”, já que, até a colonização, “tutsis e hutus tinham uma relação simbiótica”, defendeu Museveni, seguindo as teses defendidas pelo seu colega ruandês.

Por sua vez, a presidente da comissão da União Africana, Nkosazana Dlamini Zuma, pediu que “não se permita nunca mais a nenhum grupo justificar a exclusão e o genocídio”. “A nossa diversidade é nossa força e devemos construir sociedades inclusivas onde ninguém se sinta marginalizado”, enfatizou.

A cerimónia foi realizada na presença de familiares das vítimas de todo o país e representantes governamentais de vários países. Entre eles estava o secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon; o ex-Primeiro-Ministro do Reino Unido, Tony Blair, e o ex-Presidente sul-africano Thabo Mbeki.

A guerra sem fim no leste da República Democrática do Congo

A partir do leste do Congo, a FDLR, responsável pelo genocídio no país vizinho, continua a tentar atacar o Ruanda e a atormentar a população local congolesa. Para se defendarem, as aldeias congolesas formam milícias.

Texto: Deutch Welle • Foto: Reuters



Há vinte anos que reina a guerra no leste da República Democrática do Congo. Em 1994, milhões de ruandeses procuraram refúgio nas florestas do país vizinho. Entre eles estavam também os autores do genocídio no Ruanda: soldados e oficiais do exército hutu.

Desde então a população no leste do Congo não tem paz. Os campos de refugiados continuam cheios até hoje. Só na província do Kivu Norte há mais de um milhão de deslocados. Há famílias que vivem na mais completa miséria há anos, totalmente dependentes da caridade, porque não podem regressar às suas aldeias para trabalhar as terras.

Os congoleses receiam sobretudo a milícia ruandesa hutu Forças Democráticas para a Libertação do Ruanda (FDLR). Nas tentativas constantes de atacar o Ruanda a partir do Congo, esta milícia comete atrocidades também contra a população local.

“A presença da FDLR leva a conflitos armados constantes. Por causa dela voltaram a desertar soldados do exército nacional, o que levou a combates”, afirma Jeremi Hangi, porta-voz dos deslocados no campo de Minova, no leste do Congo.

A FDLR tem cerca de mil combatentes, que até hoje protegem cerca de 20 mil refugiados ruandeses, na sua maioria as mulheres e os filhos dos milicianos. A FDLR arroga-se o estatuto de força de proteção.

No entanto, para alimentar os refugiados, procede à pilhagem de aldeias congolesas, confiscando colheitas e expulsando os habitantes das suas terras.

Jeremi Hangi entende, portanto, que “chegou a altura de o Presidente congolês, Joesph Kabila, e o ruandês, Paul Kagame, se juntarem para forçar a FDLR a negociar e a regressar ao seu país. Senão os congoleses aqui nunca mais vão poder viver em paz, pois a FDLR está sempre a provocar a guerra”.

Milícias do povo em fúria

Os congoleses começam a defender-se da FDLR. Quase todas as aldeias atingidas formaram milícias, chamadas Raia Mutomboki ou “povo em fú-

ria”. O seu líder, Kikuny, é oriundo de uma pequena aldeia por três vezes destruída pela FDLR, em ataques que custaram a vida a muitas pessoas.

Kikuny guarda ainda consigo as caveiras das vítimas. “Mostramos estes despojos à comunidade internacional para que se saiba a verdade. O Presidente Kagame, do Ruanda, também mostrou a todos os visitantes do seu país os restos mortais das vítimas do genocídio. Fazemos o mesmo, porque estamos fartos de conversa.”

O líder da milícia congolesa desabafa ainda afirmando que a comunidade internacional tem que compreender que tem motivos para se revoltarem. “Caso contrário, vão-nos matar a todos”, conclui.

Mas os Raia Mutomboki também cometem atrocidades, assassinando as mulheres e crianças dos membros da FDLR. Esta encontra-se em fuga, mas ainda não desistiu dos seus propósitos.

A milícia já tentou, por várias vezes, entrar em negociações com o Governo ruandês, mas em vão. Por seu lado, as Nações Unidas desistiram de convencer a FDLR a entregar voluntariamente as armas. Os capacetes azuis da ONU preparam uma ofensiva militar com a qual pretendem derrotar de vez a FDLR.

Publicidade

GOLO

Vem
para o BCI
e ganha
uma casa.

Durante todo o ano de 2014,
sobre uma conta no BCI
e adere ao Depósito Crescente
Novo Cliente BCI ou a uma
solução de financiamento
e habilita-te a ganhar
o grande prémio
de uma casa de valor
até 4 Milhões de Metical!

Se já és cliente BCI,
aproveita para subscriveres
uma poupança ou uma solução
de financiamento e também
podes ser um dos vencedores.

O melhor
vem daqui.



Termos e condições aplicáveis:
Prémio de 50 mil, 100 mil Meticais e uma casa de valor até 4 milhões de Meticais, atribuídos por sorteio, em Janeiro de 2015, para Clientes com:
Solução de Poupança, Solução de Financiamento, Cartão de Crédito ou Crédito Ordem.

“Todos os homens indianos batem nas mulheres e um dia eu vou fazer o mesmo”

Na Índia, muitas mulheres são espancadas todos os dias. “Todos os homens batem nas mulheres e um dia eu vou fazer o mesmo”, disse um rapaz de oito anos, Sujan Singh, durante uma reunião da Jagrit Youth numa aldeia do Estado indiano do Uttar Pradesh. A organização promove encontros entre jovens para os pôr a falar livremente das relações entre géneros. O objectivo é mudar pensamentos e comportamentos num país onde a violência contra as mulheres é endémica

Texto: Jana Gomes Ferreira/Jornal Público • Foto: Lusa

À saída do encontro – que uma responsável da Jagrit descreveu no Guardian –, Sujan estava confuso. O que lhe ouvia parecia-lhe justo, que os homens e as mulheres devem ser tratados da mesma maneira. Mas a sabedoria dos homens da família é feita de experiência: “As raparigas são parvas e tontas e temos que lhes bater todos os dias para ver se lhes entra algum tino na cabeça. O meu pai e os meus irmãos mais velhos dizem isto todos os dias”.

Na Índia, as mulheres são espancadas, violadas e assassinadas todos os dias. A violência de género é tratada como inevitável e difícil de erradicar. Tão difícil, que pouco se falou nela na campanha eleitoral que agora terminou – as legislativas começam segunda-feira.

Apenas um partido, o Congresso (esquerda), pegou no tema, com o candidato, Rahul Gandhi, a anunciar que se ganhar, e for Primeiro-Ministro, avançará com um projecto de lei para que 30% dos deputados do Parlamento Nacional sejam mulheres. Do lado adversário, o partido nacionalista Hindu (BJP), liderado por Narendra Modi – que vai ganhar, dizem as sondagens –, o tema foi omitido; a economia e o regresso da Índia aos palcos mundiais foram os temas de eleição.

“Estão a ser feitas grandes declarações sobre a Índia ter de se tornar numa grande potência”, disse Rahul Gandhi num comício. “Qual superpotência, qual quê! Antes de falarmos em superpotência, temos que fazer com que as mulheres se sintam seguras dentro de um autocarro. Esta é uma luta pela mudança das mentalidades em que cada um de nós, homens e mulheres, tem que desempenhar um grande papel”.

A guerra da Índia contra as mulheres – como lhe chama o jornalista indiano Ram Mashru, que escreveu vários artigos sobre o tema em The Diplomat – é um conflito de várias frentes.

Uma violação a cada 28 minutos

Segundo o departamento indiano de registo de crimes, em 2011 houve 24.206 queixas por violação, o que equivale a uma violação em cada 28 minutos. “Este número aflora apenas o problema, uma vez que a maior parte dos casos de violência sexual não é denunciada porque as vítimas optam por manter o silêncio por muitas razões, incluindo o estigma social que está agarrado a uma violação. Muitas vezes questiona-se o carácter da vítima, pergunta-se se estava na rua à noite ou se o seu comportamento provocou a violação”, explica Ram Mahru nos seus artigos que alertam para a relação entre demografia, economia, taxa de desemprego (300 milhões, sobretudo jovens) e política na guerra contra as mulheres.

A agressão e a violência sexual é, na maior parte das vezes, feita dentro da família dos maridos (quando casam, por norma muito jovens, as mulheres perdem o contacto com a família de origem). E os investigadores dizem que o trabalho a fazer é transversal e não se pode limitar à aprovação de leis, como aconteceu depois da violação, por um grupo de homens, de uma estudante num autocarro em Nova Deli, em Dezembro de 2012. Desde então, muitos outros casos polémicos apareceram com grande destaque nos media. Há que mudar o comportamento dos polícias, dos juízes que são brandos ou não criminalizam estes crimes, dos políticos que preferem não abordar o assunto.

A guerra contra as mulheres começa também nas mulheres. Na Índia, dizem as estimativas de organizações como o UNICEF, há 25 milhões de mulheres “desaparecidas” – não é um fenómeno localizado, existe em muitos países e, em todo o mundo, são 200 milhões as mulheres “desaparecidas” (números das Nações Unidas).

Desapareceram antes de nascer, nos abortos selectivos que na Índia são cada vez em maior número, apesar de proibidos por lei, ou foram mortas ao nascer por serem raparigas e um fardo para as famílias que valorizam os filhos homens que, quando casam, trazem uma mais-valia para dentro de casa (a mulher) e não pagam dote (uma prática também proibida por lei mas que continua a ser praticada).

“Estrangulei-a quando nasceu”, testemunha uma mulher indiana no impressionante documentário “It’s a girl”, de Evan Grae Davis (É menina, está disponível no Youtube). Numa casa indiana, olhamos para um bocadinho de terra onde as mulheres da família enterraram as filhas que foram mortas à nascença e ouvimos uma mulher mais velha contar que as mulheres dos filhos têm de matar porque ela também matou.



Publicidade

KPMG
cutting through complexity

Cursos
Moçambique

Curso Prático em Melhoria de Processos de Negócio

Corn vista a dotar os profissionais do mercado nacional de conhecimentos para a implementação, numa organização, de um projecto de melhoria de processos de negócio, numa perspectiva de melhoria contínua e em consonância com os princípios orientadores de gestão da qualidade, a KPMG vai realizar, nas suas instalações, durante 5 dias, das 8h-13h, de 21 a 25 de Abril de 2014, um **Curso Prático de Melhoria de Processos de Negócio** baseado em metodologias testadas e reconhecidas internacionalmente.

Público Alvo

Esta formação é destinada aos gestores da qualidade, gestores de sistemas integrados (qualidade, ambiente e segurança), analistas de sistema e gestores das áreas funcionais e técnicos do sector público e privado, alocados em projectos de melhoria tais como: (i) implementação de sistema de gestão da qualidade, para fins ou não de certificação ISO 9001:2008; (ii) Melhoria de sistema de gestão da qualidade existente; (iii) Redução desperdícios, burocracia, custos e ineficiências nos processos internos; (iv) Identificação de riscos inerentes aos processos e estabelecimento de sistema de controlo; e (v) Implementação de sistemas e tecnologias de informação.

21 a 25 de Abril 2014

Local: Escritórios da KPMG em Maputo.
Custo por Pessoa: **30 000.00 MT (IVA incluído)**

10% de Desconto para grupo empresarial (mais de cinco participantes)

N.B.: Trazer o seu computador dar-lhe-á vantagens nos exercícios práticos

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, n.º72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358
O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto Marceline Nkunda e-mail: mnkunda@kpmg.com ou de Claudia Tivane e-mail: ctivane@kpmg.com

Ucranianos colam documentos picadinhos à procura de casos de corrupção

Um grupo de voluntários está a juntar cuidadosamente documentos triturados em pedacinhos, na esperança de que eles possam revelar actos de corrupção cometidos pelo Presidente deposto da Ucrânia, Victor Yanukovych.

Texto: BBC Brasil • Foto: AFP

A mesa de Dmytro Pynchuk, de 11 anos, está coberta de tesouras e potes de cola. Ele tem talento para montar complicados modelos e exibe os seus aviões de papel e os seus tanques da Segunda Guerra Mundial.

Agora, a sua habilidade está a provar-se útil, já que ele e os seus pais abriram mão do seu tempo livre e passaram a dedicar os seus fins-de-semana a juntar pedaços picados de documentos.

Os documentos apresentam informações sobre bens roubados, contas no exterior, subornos e outros segredos que ninguém fora do ciclo do líder deposto da Ucrânia deveria sequer ter visto.

A família Pynchuk vem-se dedicando colectivamente a reconstruir documentos

Quando Viktor Yanukovych abandonou o seu palácio presidencial ao norte de Kiev, em meados de Fevereiro, a sua equipa tentou livrar-se de dezenas de milhares de folhas de papel – queimando-as, triturando-as ou atirando-as para dentro de um reservatório de água.

Outros documentos potencialmente incriminadores foram encontrados noutras partes da capital ucraniana. Havia várias caixas na sauna do ex-promotor geral Viktor Pshonka, e uma busca na residência do ex-ministro da Energia, Eduard Stavytsky, resultou na apreensão de mais documentos, incluindo cerca de cinco milhões de dólares, 48 quilos de barras de ouro, relógios de luxo e jóias.

Secos e scaneados

Os documentos encontrados dentro da água foram cuidadosamente secos, scaneados e carregados para um novo site chamado Yanukovych Leaks. Mas os documen-



tos triturados precisam de ser cuidadosamente reunidos, pedaço por pedaço.

A família Pynchuk e diversos outros voluntários encontram-se num espaço doado – um porão que pertencia ao Partido Comunista da Ucrânia.

É possível que eles passem meses a montar e a colar pedaços. Mas estão determinados a ajudar jornalistas investigativos, contadores e advogados a lançar mais luz sobre a maneira como os negócios eram selados durante o período em que Yanukovych esteve no poder.

Na semana passada, eles contaram com 40 pessoas por dia, mas nos últimos dias o número caiu para 20 por dia. Mais voluntários vêm aos fins-de-semana.

Eles colocam os pedaços de papel – sejam eles tiras, pedaços do tamanho de confetes ou rasgados à mão – em folhas, aleatoriamente, para que possam ser lidos por um sofisticado software de computador.

Denys Bigus, jornalista do canal de TV ZIK TV, é o encarregado do projecto de restauração. “É um processo muito longo e vai levar vários meses. O trabalho actual é extremamente tedioso, mas as pessoas sabem que ele é de importância vital”, diz.

O ambiente é bastante animado, conta Bigus. Ele afirma que é como um clube de debates. “Na semana passada, tivemos um casal que decidiu ajudar com os documentos, em vez de ir ao cinema. O voluntariado está a virar moda na Ucrânia ultimamente.”

Colecção de carros

A família Pynchuk está totalmente comprometida com o intenso trabalho, apesar de o jovem Dmytro admitir que a coisa pode ficar um pouco aborrecida.

O seu pai, também chamado Dmytro, abre o seu laptop para exibir uma amostra do penoso trabalho da família, que por vezes lhe dá uma dor de cabeça. Parece uma colagem abstracta. Trecho após trecho de finas faixas de papel coladas

numa folha colorida. As folhas são então scaneadas e podem ser decifradas por um software especial.

“Como você pode ver, os pedaços são pequeninos, como confete”, afirma Dmytro, que trabalha como consultor de uma empresa de tecnologia em Kiev.

Mas às vezes é possível recriar assinaturas, alguns nomes e algumas palavras. Dmytro encontrou um documento directamente ligado ao ex-Presidente – uma lista da sua colecção particular de carros.

“Alguns são modelos tradicionais. Cinco ou seis deles foram roubados dos nossos estúdios de cinema nacionais.”

Os documentos analisados por ele e a sua família foram descobertos em latas de lixo debaixo de um conjunto de edifícios da propriedade de Serhiy Kurchenko, jovem de 28 anos que se tornou um bilionário da noite para o dia e que é suspeito de ser um testa-de-ferro da família Yanukovych.

O novo procurador-geral da Ucrânia, Oleh Makhnitsky, acusa as companhias de Kurchenko com sede no exterior e que comercializavam derivados de petróleo de terem usado um esquema de evasão fiscal que custou ao Governo cerca de 1 bilião de dólares em receitas perdidas.

Enquanto toma chá na cozinha, a família Pynchuks admite que a corrupção na Ucrânia não se limita a políticos ou aos super-ricos. É algo endémico a todos os níveis da sociedade. São exigidos subornos para tudo, desde matricular um filho na escola, solicitar um passaporte, até para ir ao médico.

Dmytro e Lila já tiveram de pagar muitos subornos, mas agora querem pôr cobro a isso.

Muita participação e poucos incidentes nas presidenciais afegãs

Uma bomba matou dois polícias e feriu outros em igual número na cidade de Qalat, no sul, e quatro eleitores ficaram feridos numa explosão na província de Logar, centro, nas eleições presidenciais afegãs deste sábado para escolher o sucessor de Hamid Karzai. Os dois ataques isolados não impediram que as primeiras horas de uma eleição que os talibãs prometeram perturbar tenham decorrido de um modo globalmente pacífico.

Texto: Redacção/Agências • Foto: AFP

A Comissão Eleitoral estima que tenham votado sete milhões de pessoas, cerca de 58% da população, muito mais do que os 30% que participaram nas últimas presidenciais, em 2009.

Nas eleições de há cinco anos, vários ataques matinais condicionaram a afluência às urnas e contribuíram para a fraca participação.

Os boletins de voto acabaram em várias cidades e o encerramento das urnas teve de ser adiado por uma hora. “As pessoas não esperavam que tanta gente viesse votar”, disse aos jornalistas Toryalai Wesa, governador de Kandahar, a grande cidade do sul do Afeganistão. “Pensavam que a participação seria semelhante ao que tem sido e então mandaram menos boletins desta vez.”

Em Cabul, centenas de pessoas esperaram em fila o momento de votar. “Vim votar para que possamos ter uma paz durável no



país. Quero que o meu voto seja um estalo na cara dos talibãs”, disse à AFP em Cabul Laila Neyazi, um mulher de 48 anos, coberta por uma burqa. “Não tenho medo dos talibãs, e terei sempre de morrer de uma maneira ou de outra.”

Face às ameaças talibãs, centenas de milhares de polícias e soldados foram mobilizados para procurarem garantir a tranquilidade do processo – com 350 mil membros das forças de segurança envolvidos, trata-se da maior operação militar no país desde o derrube dos talibãs, no final de 2011.

O sucessor de Karzai será escolhido entre oito candidatos numa eleição que, pelo menos formalmente, será a primeira transição democrática na história do Afeganistão. Com as tropas da NATO de partida, quase tudo no futuro mais próximo do Afeganistão depende destas presidenciais. O processo será demorado e temem-se fraudes – calcula-se que haja 12 milhões de eleitores, mas desde 2004 foram distribuídos 21 milhões de cartões de eleitor.

A missão de observadores da União Europeia denunciou a suspensão por parte das autoridades do serviço de SMS durante a eleição, que diz minar o trabalho dos observadores e constituir um “risco” para a “transparência” das eleições. “A mim isto inquieta-me muito porque os observadores não podem comunicar entre eles facilmente sobre o que se está a passar em cada centro de voto”, disse o chefe da missão, Thijs Berman.

Os três candidatos considerados favoritos são Abdullah Abdullah, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, derrotado nas últimas presidenciais; Ashraf Ghani, ex-ministro das Finanças, que trabalhou no Banco Mundial; e Zalmay Rassoul, médico pessoal do último rei afegão e que foi até há pouco tempo conselheiro para a segurança nacional de Karzai.

A comissão eleitoral não prevê divulgar os resultados provisórios antes de 24 de Abril e, em caso de necessidade, a segunda volta acontecerá a 28 de Maio.

Moçambique: Ferroviário de Nampula cimenta a liderança!

A contar para a terceira jornada do Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambique, edição 2014, o Ferroviário de Nampula derrotou o Ferroviário de Pemba, por 2 a 1, e cimentou a liderança na prova. Na Matola C, a Liga Muçulmana derrotou o Costa do Sol, por 2 a 1.

Texto: Sitoi Lutxeque/Virgílio Dêngua • Foto: Miguel Mangueze

Logo nos primeiros momentos do embate, havia sinais de que o Ferroviário de Nampula tinha tudo para ficar com os três pontos no estádio 25 de Junho, desfecho que se verificou no fim dos noventa minutos.

Jogando diante do seu público, a locomotiva de chama "capital do norte" entrou determinada a pressionar o adversário, imprimindo grande velocidade nas transições da defesa ao ataque, o que, de certa forma, criou calafrios aos forasteiros. Apesar disso, os pupilos de Rogério Gonçalves pecavam no capítulo da finalização.

Por seu turno, o Ferroviário de Pemba, perante o atrevimento dos anfitriões, optou por baixar as linhas defensivas com o objectivo de explorar o contra-ataque, o que, até certo ponto, facilitou a tarefa dos donos da casa que ganharam a batalha no meio-campo, o "laboratório" do ataque.

O Ferroviário de Nampula criou a primeira oportunidade de golo à passagem do décimo minuto, quando o avançado Eboh, depois de receber a bola à entrada da grande área, rematou para uma defesa impecável de Fari, guarda-redes da locomotiva de Pemba.

No minuto 16 da primeira parte, os donos da casa continuaram na mó de cima, mas não conseguiram criar oportunidades para abrir o marcador. Foi a partir daí que os visitantes resolveram mudar de postura, pautando por uma atitude mais aberta, combativa e audaciosa, com o propósito de contrariar a corrente do jogo.

No minuto 20, o confronto tornou-se monótono e as duas equipas envolveram-se num festival de falhanços e de exibicionismo físico dos jogadores, o que obrigou o árbitro a interromper, por inúmeras vezes, a partida.

Depois disso, a normalidade e a qualidade de futebol regressaram ao triângulo do 25 de Junho quando, na cobrança de um livre directo, a castigar uma entrada violenta de Seri sobre Eboh, Taíbo tentou chutar a bola em arco, vendo o seu remate passar a largos centímetros da trave da baliza de Fari.

Sem pernas para travar a avalanche ofensiva da equipa treinada por Rogério Gonçalves, o Ferroviário de Pemba decidiu pautar pelo anti-jogo. O árbitro, que cedo se apercebeu dessa estratégia, exibiu um cartão amarelo a Seri, por ter caído no relvado, sem ter sido tocado, decisão que não agradou ao técnico Hilário Manjate que, enfurecido, exigiu explicações.

Depois de sucessivas tentativas, os locomotivas de Nampula chegaram ao golo, à passagem do minuto 28, na sequência de um livre que partiu da asa direita do ataque. Dondo, capitão do conjunto treinado por Rogério Gonçalves, cruzou a bola para o coração da grande área e Tony, livre de marcação, atirou para o fundo das malhas dos forasteiros.

O tento galvanizou a equipa da casa que cresceu ainda mais no jogo, subiu as linhas defensivas e pressionou o adversário nas saídas ao contra-ataque. Por seu turno, a equipa de Hilário Manjate, que já pedia o intervalo, não tinha argumentos suficientes para travar as investidas contrárias.

A sete minutos dos 45, o Ferroviário de Pemba tentou



mudar de postura e beneficiou de duas oportunidades de golo, todavia Seri foi infeliz na hora de finalizar, rematando para fora.

No minuto 42, Rogério Gonçalves, treinador do Ferroviário de Nampula, por pouco estragava o espectáculo ao invadir o campo, com o objectivo de puxar a camisola de um atleta dos "Pembinhos", alegando que o mesmo tinha efectuado mal o lançamento. O árbitro, no lugar de expulsar o técnico, admoestou-o verbalmente.

Momentos antes do intervalo, o Ferroviário de Nampula voltou a beneficiar de uma flagrante oportunidade de golo, numa jogada em que Atanásio, do lado direito, cruzou para a marca de grande penalidade e Eboh, que se encontrava naquela posição, cabeceou para fora da baliza.

No reatamento, os jogadores do Ferroviário de Pemba mudaram completamente de postura, manifestamente lutando pelo empate. Nesta fase, os treinados por Hilário Manjate encurraram os donos da casa que não conseguiram, durante um longo período, ultrapassar a zona do meio-campo.

E pertenceu àquela equipa a primeira oportunidade de golo nesta etapa conclusiva. Decorria o minuto 57 quando Bila, de fora da grande área, desferiu um portentoso remate, que foi defendido em dois tempos por Germano, antigo guarda-redes do Ferroviário de Maputo.

Vendo a necessidade de recuperar o controlo da bola, sobretudo na zona do meio-campo, Rogério Gonçalves lançou Massua no lugar de Atanásio, uma substituição que surtiu o efeito desejado.

Ainda assim, nenhuma das duas equipas conseguiu alterar as contas no marcador, prevalecendo a vantagem a favor do Ferroviário de Nampula que alcançou a terceira vitória consecutiva neste Moçambique.

No final da partida, o treinador adjunto do Ferroviário de Nampula, Nuno da Silva, disse que a vitória surgiu como resultado do trabalho que a sua formação tem levado a cabo desde o início da presente época, enquanto Hilário Manjate, técnico principal dos visitantes, reconheceu a derrota e felicitou os donos da casa pelo triunfo.

Verde: Massaua

Para os espectadores presentes no estádio 25 de Junho, Massaua foi a melhor unidade em campo, apesar de ter entrado na segunda parte. O malawiano trouxe qualidade ao jogo ofensivo da locomotiva de Nampula, sobretudo na criação de espaços que visavam atacar a baliza contrária.

Durante o pouco tempo que esteve em campo, aquele jogador soube ser maestro das jogadas de ataque, que só não culminaram em golo por culpa dos seus colegas de equipa.

Laranja: Sasi

Não fez um mau jogo. Mas foi pouco disciplinado durante os

58 minutos em que esteve em campo. Foi pouco intervintivo e passou a maior parte do tempo a discutir com o árbitro, até ao momento em que este, cansado dele, exibiu a segunda cartolina amarela e expulsou-o do campo.

Vermelho: Atanásio

O médio do conjunto orientado pelo técnico português, Rogério Gonçalves, foi, quanto a nós, a pior unidade em campo. No lugar de ajudar, prejudicou demasiadamente a sua equipa ao não desempenhar como deve ser o papel de médio defensivo. Foi pouco produtivo e não soube deter as jogadas de ataque da equipa adversária.

Campeões nacionais mantêm a perseguição ao líder

A jogar em casa, a Liga Desportiva Muçulmana de Maputo derrotou, pela primeira vez naquele reduto, o Costa do Sol, por 2 a 1. Dominante, sobretudo na primeira parte, a equipa da Matola C chegou primeiro ao golo no minuto 43, por intermédio de Sonito, na cobrança de uma grande penalidade a castigar uma falta cometida por James sobre Kito no interior da grande área.

Na segunda metade, o Costa do Sol tentou equilibrar a partida e Dário Khan restabeleceu a igualdade no marcador, na cobrança de um livre directo. Mas a alegria dos canarinhos durou pouco na medida em que, quatro minutos depois, Nando colocou a bola no fundo das malhas de Soarito, depois de um passe magistral de Kito.

Quadro completo de resultados

Des. Maputo	1	x	1	C. Chibuto
Maxaquene	1	x	0	Fer. Maputo
Fer. Beira	3	x	0	Des. Nacala
HCB	2	x	1	Fer. Quelimane
Fer. Nampula	1	x	0	Fer. Pemba
E. Ver. Beira	0	x	1	Têxtil
L. Muçulmana	2	x	1	Costa do Sol

Próxima jornada (4ª)

Costa do Sol	x	Maxaquene
Fer. Pemba	x	E. Ver. Beira
Fer. Maputo	x	Desp. Maputo
C. Chibuto	x	Fer. Nampula
Desp. Nacala	x	L. Muçulmana
Fer. Quelimane	x	Fer. Beira
Têxtil	x	HCB

Pos	EQUIPA	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1	F. Nampula	3	3	0	0	4	1	3	9
2	L. Muçulmana	3	2	1	0	7	3	4	7
3	Maxaquene	3	2	1	0	4	2	2	7
4	HCB Songo	3	2	1	0	4	2	2	7
5	F. Beira	3	1	2	0	4	1	3	5
6	Des. Maputo	3	2	2	0	4	2	2	5
7	Costa do Sol	3	1	1	1	3	3	0	4
8	F. Quelimane	3	1	0	2	4	5	-5	3
9	Têxtil	3	1	0	2	1	3	-2	3
10	F. Maputo	3	0	2	1	2	3	-1	2
11	F. Pemba	3	0	2	1	2	3	-1	2
12	E. Ver. Beira	3	0	1	2	2	4	-2	1
13	C. Chibuto	3	0	1	2	2	4	-2	1
14	Des. Nacala	3	0	0	3	1	6	-5	0

Futebol Feminino: Militares de Nampula vencedoras da Copa Lurdes Mutola

A equipa feminina da Academia Militar de Nampula venceu a primeira edição da Copa Lurdes Mutola e representará o nosso país no Torneio Internacional de Futebol Feminino, que terá lugar em Junho próximo na Suécia. As militares derrotaram na final o Magika da Matola, por 2 a 0.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

Naquela tarde de segunda-feira (07), feriado nacional alusivo ao Dia da Mulher Moçambicana, muitos desportistas moçambicanos, amantes do futebol em particular, afluíram em massa ao Estádio 1º de Maio, na cidade de Maputo, local que acolheu a final da 1ª edição da Copa Lurdes Mutola em futebol feminino.

Aquela competição, que arrancou a 20 de Setembro de 2013 em todas as onze províncias do país, surgiu como iniciativa do Ministério da Educação em parceria com o Ministério da Juventude e Desportos, a Federação Moçambicana de Futebol e a Fundação Lurdes Mutola, no âmbito do empoderamento da mulher e do desenvolvimento do país através do projecto denominado "Futebol Feminino em Desenvolvimento".

Dentro das quatro linhas do 1º de Maio, estiveram duas equipas que lutavam pelo mesmo objectivo, de unicamente conquistar a prova e terem a oportunidade de representar o país, pela primeira vez, numa competição internacional de futebol feminino.

Logo no princípio, as militares da chamada "capital do norte" mostraram índices elevadíssimos de organização, através de processos de jogo idealizados a partir do meio-campo, com jogadas colectivas e uma circulação de bola impecável para o nível de amadorismo dos dois conjuntos, não deixando dúvidas de que elas treinaram bastante para a final.

Do lado contrário pouco se viu, senão uma equipa que somente pensava no golo sem olhar, necessariamente, para os meios de obtê-lo, com uma capitã incansável e inconformada apesar de não ter sabido liderar a equipa.

Como era de se esperar, o primeiro lance de golo pertenceu à equipa militar de Nampula, por intermédio de Atija que, depois de um belo passe de Júlia, rematou ao lado da baliza contrária. Tinham decorrido cinco minutos da partida.

A resposta do Magika foi rápida e demorou apenas três minutos. Depois de receber o esférico vindo da zona central, Elina flectiu para o lado esquerdo do ataque e rematou fortemente para uma defesa complicada de Miami. Antes desse gesto, a capitã fintou duas adversárias mas não teve pontaria suficiente na hora de finalizar.

Depois desse lance, a Academia Militar assumiu, definitivamente, o comando da partida. Pressionou e encorajou a equipa adversária na zona mais recuada do terreno, tendo chegado ao golo à passagem do minuto 12, por intermédio de Serginha. Aquela jogadora desferiu um remate fraco à baliza e a guarda-redes contrária, no lugar de segurar a bola, deixou-a passar entre as suas pernas, indo terminar no fundo das malhas.

Ao tento sofrido, as jogadoras do Magika da Matola não



souberam reagir e até ao minuto 35 limitaram-se a "arruinar" o espectáculo de futebol que decorria no 1º de Maio. Chutavam a bola para a frente, sem dar continuidade aos lances, no propósito deunicamente cortar as jogadas de ataque da Academia Militar.

Em abono da verdade, diga-se, os primeiros 35 minutos terminaram de forma desastrosa pois, dentro das quatro linhas, pouco se via de futebol, senão o domínio da equipa militar que só não conseguiu ampliar a vantagem no marcador porque havia 11 jogadoras da Matola atrás da linha da bola.

No reatamento, as "Matolinhas" entraram dispostas a correr atrás do prejuízo, ainda que presas no "chuta-chuta". Souberam visitar a baliza contrária e chegaram, até, a provocar alguns calafrios às adversárias. Exemplo disso foi o que se assistiu no minuto 41, em que, depois de receber a bola na zona da meia-lua, Elina fintou duas defesas e disparou para as mãos de Miami.

Sentindo-se ameaçadas, as militares baixaram as linhas defensivas e perseguiram as oponentes no desejo de resgatarem o seu estilo de jogo. Mas, enquanto isso não acontecia, iam contando as jogadas de perigo do Magika que, no minuto 39, perdeu mais uma oportunidade para restabelecer a igualdade. Carla, com a baliza totalmente escancarada, tocou mal na bola e esta saiu pela linha do fundo.

Obrigado a fazer substituições, Titos Rocha mandou Teresa e Deotina descansarem, cedendo os lugares a Telma e Joaquina. As duas jogadoras, que ocuparam as posições de meio-campistas, recuperaram o fio do jogo da Academia Militar que se aproveitou, igualmente, do manifesto cansaço das rivais.

Elina, a jogadora mais inconformada da equipa da Matola, não conseguiu dar o melhor desfecho ao lançamento de contra-ataque rápido que ocorreu no minuto 44, rematando novamente para as mãos de Miami, depois de passar por quatro defesas. E porque quem não marca arrisca-se a sofrer, foi através de um pontapé de canto que Júlia cruzou para o centro, ao encontro de Olga, que cabeceou a bola para o fundo das malhas.

Depois do golo, até porque o gesto de Titos Rocha foi claro, a Academia Militar decidiu gerir a vantagem no marcador, privilegiando a circulação da bola e a administração do tempo, sem arriscar muito nas subidas das linhas ofensivas. E a cinco minutos do fim, Elina "brincou" novamente com a defensiva contrária ao passar por duas centrais, antes de isolar a sua companheira, Aninha, que, no lugar de rematar, preferiu fintar a guarda-redes até perder o esférico.

Sem mais incidências, o árbitro deu por terminada a partida no minuto 70, conforme ditam as regras internacionais de um jogo de futebol feminino, e a Academia Militar fez história ao tornar-se a primeira vencedora da Copa Lurdes Mutola. No próximo mês de Junho, na Suécia, esta equipa representará Moçambique no Torneio Internacional desta categoria, que contará com a participação de um total de 80 países do mundo inteiro.

A verdade dos intervenientes

Titos Rocha, treinador da Academia Militar de Nampula

Estamos muito felizes com a conquista deste título. Nós saímos de Nampula com o propósito de vencer esta copa e conseguimos. Tivemos três semanas de pre-

paração, em que fizemos quase 20 jogos em toda a província de Nampula e acredito que valeu o sacrifício. Agora temos de nos concentrar na preparação para o Torneio Internacional de Futebol Feminino.

Benjamim Raimundo, treinador do Magika da Matola

Não estivemos bem nesta final. Perdemos por culpa da desconcentração das minhas atletas. Sofremos o primeiro golo e perdemos totalmente a cabeça. Na segunda metade do jogo entrámos melhor e, quando estávamos mais próximos do empate, sofremos o segundo tento. São coisas do futebol e temos de nos conformar com o resultado.

O semáforo do jogo

Verde: Olga

A médio centro da Academia Militar foi, quanto a nós, a melhor unidade em campo. É muito criativa a jogar no meio-campo e exibiu uma qualidade de passe invejável para quem tem assistido aos jogos do futebol feminino.

Tal como queria o treinador, Olga soube arquitectar as jogadas ofensivas das militares e jogou perfeitamente nas costas das jogadoras mais avançadas no terreno. No minuto 12 fez a assistência que deu o primeiro golo, apontado por Serginha, e aos 47, de cabeça, marcou o tento que deu o triunfo à sua equipa.

Laranja: Elina

Conforme referimos na crónica, Elina foi a jogadora mais inconformada do lado do Magika da Matola. Carregou a equipa nas costas, mas não foi suficientemente líder para despertar as companheiras, sobretudo depois do primeiro golo da Academia Militar. Foi muito individualista e exagerou no desequilíbrio. Perdeu muitas bolas ao longo da partida.

É bom que se diga que Elina não esteve mal. Mas como capitã não soube organizar um conjunto desordenado.

Vermelho: Serginha

Pouco temos a dizer acerca da prestação desta jogadora. Simplesmente não ficámos agradados com a sua atitude de abandonar os flancos, onde desempenhava as funções de extremo, para atrapalhar o trabalho das colegas de outras posições, com destaque para as intermediárias.

Se vir uma condução perigosa reporte ao **@Verdade** (onde viu, quando viu, marca e matrícula da viatura)

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade

A CONTEÚDO

A verdade em cada palavra.

Futsal: Muçulmanos cimentam a liderança do Torneio de Abertura

Em confronto da quinta jornada do Torneio de Abertura de Futsal da Cidade de Maputo, a Liga Desportiva Muçulmana de Maputo derrotou, por 6 a 1, a equipa da ADEC e manteve-se no topo da tabela classificativa. O Iquebal humilhou com goleada o Centro Infantil Universo e pode sagrar-se vencedor desta prova devido ao calendário.

Texto & Foto: Redacção

É bom que se diga, em abono da verdade, que o conjunto de Roberval Ramos imperou no rectângulo do jogo, do primeiro até ao último minuto, e “despedeçou” uma equipa da ADEC ainda em busca da sua equipa base de modo a participar, condignamente, no Campeonato da Cidade que se avizinha.

Os adversários da Liga Muçulmana, naquela noite de sexta-feira (04), confinaram-se na própria área e tentaram, esporadicamente, jogar no contra-ataque. Sofreram o primeiro golo no minuto seis, num lance em que Ricardo, depois de completar o corredor esquerdo, cruzou a bola ao encontro de Tomás que, isolado, a desviou para o fundo das malhas.

Sem processos ofensivos claros, até porque desde o primeiro momento do jogo deu indicações de estar no pavilhão do Iquebal para se defender contra os golpes da Liga, a ADEC despertou, dois minutos mais tarde, com um lance de contra-ataque rápido em que Massango, depois de travar uma “batalha” com Ricardo, isolou Fofu que desferiu um remate, que foi travado pelas mãos de Custódio.

Aquele guarda-redes voltaria a salvar a noite dos muçulmanos, segundos depois, ao defender um tiro de Finass mercê de um clamoroso erro defensivo da Liga Muçulmana.

Restabelecida a normalidade, até porque Roberval Ramos fez algumas mexidas para resolver o problema no eixo da defesa, Mandito decidiu exhibir o seu talento, passando por dois adversários antes de fazer o último passe para Edson anotar o segundo golo da noite. Faltavam nove minutos para o fim da primeira parte.

Perto do intervalo, especificamente no primeiro quarto de hora, a “teimosia” de Roberval Ramos mandou que os seus jogadores somente circulassem a bola, no lugar de arqui-



tectarem lances de ataque. O confronto afrouxou e os jogadores da ADEC quase que jogavam parados, visto que ficavam simplesmente à espera do adversário no seu próprio reduto. Não faltaram assobios vindos do público contra aquela atitude dos muçulmanos.

No minuto 18, os jogadores da Liga encontraram a defensiva contrária completamente distraída e marcaram o terceiro golo. Depois de muitos toques na bola, e sózinho na zona intermediária do campo, Russo desferiu um portentoso remate que só parou no fundo das malhas defendidas por John.

Na etapa conclusiva, a vantagem no marcador relaxou os vice-campeões nacionais. Só para não variar, eles limitaram-se a circular mais a bola entre os jogadores e abdicaram do jogo ofensivo.

Ainda com 20 minutos por disputar, a ADEC decidiu arriscar na subida das linhas defensivas, exercendo uma grande pressão sobre a Liga Muçulmana. A audácia dos “académicos” só surtiu efeito no minuto 24, na medida em que Fofu, depois de fintar três adversários, se colocou à frente de Custódio, tendo escolhido o melhor ângulo da baliza para reduzir a desvantagem.

Aquele golo despertou novamente os muçulmanos que, perante o crescimento da ADEC, decidiram atacar a baliza contrária. “A Liga quando quer, marca”, pensámos nós, no minuto 28, quando Russo, na cobrança de um livre directo, elevou para três a vantagem no marcador a favor da sua equipa.

Os “académicos” acharam por bem, como era óbvio naquela situação, regressar à filosofia do jogo inicial, no propósito de evitar que a Liga marcassem mais golos. Mas era tarde demais para reimplantar a consistência defensiva. Só não puderam, os cinco jogadores, perfilar na linha do golo por questões éticas, como forma de parar a intensidade dos muçulmanos naqueles derradeiros minutos da segunda parte.

No minuto 36 veio o 5 a 1, com o bis de Russo, numa jogada em que Edson, depois de fintar até o guarda-redes adversário, fez um compasso de espera até à chegada do seu companheiro para ampliar ainda mais a vantagem.

E mesmo para fechar as contas, perante a desistência técnica da ADEC, Russo fez o hat-trick através de um portentoso remate a partir da zona da grande área.

O Iquebal pode ser vencedor por “culpa” do calendário!

A equipa do Iquebal, que na mesma noite derrotou o Centro Infantil Universo, por 12 a 0, com sete golos apontados por Nandeco e os restantes por Malk, Dino, Amin, Jacinto e Luque, está na iminência de se sagrar vencedora do Torneio de Abertura apesar da liderança, neste momento, pertencer à Liga Muçulmana.

É que, devido à desistência do GDM-Finâncias e à entrada, no decurso da prova, da equipa do Centro Infantil Universo, a Liga Muçulmana, líder com 11 pontos tem, no total, cinco jogos disputados, faltando apenas um contra o Nassela’s para terminar a sua participação neste torneio.

O Iquebal, segundo classificado na tabela com 10 pontos, tem ainda dois confrontos pela frente, nomeadamente diante da ADEC e do Nassela’s, havendo a possibilidade de ganhar seis pontos e terminar no pódio da tabela classificativa com 16, mais dois do que a Liga.

Ainda nesta quinta jornada do Torneio de Abertura, a Petromoc venceu a Auto Avenida, por 5 a 4.

Quadro completo de resultados

L. Muçulmana	6	x	1	ADEC
Petromoc	5	x	4	Auto Avenida
Iquebal	12	x	0	C.I. Universo

Próxima jornada

Auto Avenida	x	C.I. Universo
Iquebal	x	ADEC
L. Muçulmana	x	Nassela’s

Equipa	J	V	E	D	GM	GS	SG	Pontos
L. Muçulmana	5	3	2	0	29	20	20	11
Iquebal	4	3	1	0	24	6	18	10
Petromoc	5	3	1	1	20	12	8	10
Nassela’s	4	2	1	1	19	11	-9	7
ADEC	4	1	1	2	6	15	-9	4
Auto Avenida	4	0	0	4	7	17	-10	0
C. I. Universo	4	0	0	4	4	30	-26	0

houve um torneio de preparação para ambientar os participantes ao saibro. A organização fez isso porque sabia que a maior parte dos atletas estava habituada a um piso duro, até porque não fomos previamente informados disso, o que colheu muitos de surpresa”.

Cláudia Sumaia viajou sem o treinador

Mergulhada num mar de queixumes, diga-se, Cláudia Sumaia deu a conhecer, por outro lado, que foi àquela competição continental sem o treinador, ou seja, manifestamente desamparada.

“Durante a preparação em Maputo eu tinha um técnico só para mim. Trabalhámos juntos e planificámos muitas coisas com o propósito de representar condignamente o nosso país em Nairobi”, desabafou aquela tenista, tendo a seguir acrescentado que foi um duro golpe saber que já não podia contar com o amparo de João Paulo Lobo em Nairobi.

“A federação garantiu que eu iria viajar com ele. E no próprio dia da partida fui informada de que seguiria para Nairobi sozinha e que o treinador viria mais tarde. Tudo falso. Quando cheguei lá tive de ser orientada por um sul-africano, estranhamente indicado pela Confederação Africana de Ténis”, contou.

Sumaia avançou, ainda, que foi a única tenista que não teve a oportunidade de trabalhar com o seu próprio treinador naquele Campeonato Africano de Ténis de juniores.

Eliminada na primeira ronda por uma atleta queniana, curiosamente a que se sagrou campeã africana, a nossa entrevistada lutou para melhorar a posição na tabela classificativa geral, tendo terminado na 18ª, mercê de três vitórias e uma derrota.

Para todos os efeitos, Cláudia Sumaia usou os nossos canais para transmitir uma mensagem clara aos dirigentes desportivos moçambicanos, para que começem a pensar na construção de quadras de ténis de saibro, “de modo que, das próximas vezes, não se repitam situações desta natureza”.

Cláudia Sumaia desapontou no Campeonato Africano de Ténis de sub-20

A tenista moçambicana Cláudia Sumaia participou entre os dias 23 e 27 de Março no Campeonato Africano de Ténis, da categoria de juniores, que decorreu na cidade de Nairobi, no Quénia. A nossa representante terminou na penosa 18ª posição da tabela classificativa geral.

Texto & Foto: Redacção



um jogador acertar no tiro de um adversário.

“Lutei bastante. Na verdade, eu competia comigo mesma para conseguir enfrentar as minhas adversárias. Não estava habituada àquele tipo de chão que, para mim, estava muito escorregadio. As sapatilhas que eu trazia de Moçambique eram ajustadas ao piso duro”, explicou Cláudia.

Quando lhe perguntámos se realmente não tinha informações acerca do tipo de quadra que ia encontrar em Nairobi, aquela tenista esclareceu que, “antes do campeonato, a 23 de Março,

NBA: Kevin Durant ultrapassa Michael Jordan

OS Oklahoma perdem mas celebram recorde do extremo: 41.º jogo seguido a marcar mais de 25 pontos é obra. O recorde é de Chamberlain (106)

Texto: jornal Ionline • Foto: zimbio.com

LeBron ou Kobe? A pergunta é tricky. Michael Jordan engasga-se, pousa as mãos na mesa e demora a responder. LeBron ou Kobe? Durant. E ri-se. Nem um minuto depois, recompõe-se e diz novamente Durant. "Vai deixar marca na NBA." A começar agora.

Com apenas 25 anos, os últimos sete na NBA, o jogador dos Oklahoma City Thunder entra para os livros da história do basquetebol norte-americano com os 27 pontos na derrota frente aos Phoenix Suns por 122-115.

Bom, vamos lá ver um pormenor: não são propriamente os 27 pontos a fazer a diferença, mas sim o facto de marcar mais de 25 pontos pelo 41º jogo consecutivo, o que lhe permite ultrapassar um recorde de Michael Jordan datado da época 1986/87, com a camisola dos Chicago Bulls.

Bom, vamos lá ver um pormenor: não é propriamente um recorde de Michael Jordan, é apenas a terceira melhor marca mas vale pelo facto de ter batido um número assustador de um ET.

Insistimos nos pormenores: Jordan tem 24 anos quando estabelece a marca, Durant 25. Jordan detém a melhor média de pontos (37,3%), roubos de bola (2,8%) e bloqueios (1,7%) nessa série de 40 jogos a facturar mais de 25 pontos, Durant é mais forte nos ressaltos (6,9%) e assistências (6,2%).

E mais? Se avançarmos, os dados impressionam pela qualidade de Durant: melhor percentagem de dois pontos (51,7%-48,1%), fora do garrafão (40,2%-20,0%) e até lances livres (86,7%-86,6%). Continuamos nos pormenores, porque Durant tem o recorde de mais pontos (61) e ultrapassa os 40 pontos/jogo por 15 vezes - Durant só 11.



Fórmula 1: Mercedes Benz-se graças a Hamilton e Rosberg

O Grande Prémio do Bahrein foi animado desde o início. Rosberg tem a pole position e aguenta a finta de Hamilton na curva 1 (aquele conhecida como Michael Schumacher). Lewis insiste e troca as voltas ao alemão antes do final da primeira volta, que tem Massa em terceiro (ele que arrancara em sétimo!), Pérez e Bottas. Com dez voltas, o domínio Mercedes é mais que evidente - e não falamos só da dupla da frente (Rosberg e Hamilton); os cinco seguintes têm todos motores Mercedes. Uns mais rápidos que outros. Por isso, a equipa informa Hamilton que Rosberg está a economizar mais combustível que o inglês Roger that.

Texto: jornal Ionline • Foto: f1.com

Hamilton entra nas boxes, mete pneus macios e acelera. Rosberg, com pneus médios, é ultrapassado e perde-o de vista. A meio da corrida, a diferença já é de sete segundos. E agora? Calma, já lá vamos. Antes, centremo-nos naquela temida frase "x está mais rápido que tu". Quem a ouve? O tetracampeão Sebastian Vettel sobre Daniel Ricciardo. E o alemão abre alas para o australiano.

A 16 voltas do fim, Maldonado acerta em cheio no Sauber de Gutiérrez e o mexicano capota de forma espectacular. Os segundos que se seguem são ligeiramente assustadores porque Gutiérrez demora uns sustos para se mexer mas está tudo bem. Entra então um safety car e os carros aproximam-se uns dos outros. Com pneus mais rápidos, Rosberg aproveita e encosta em Hamilton. Aviso: a pressão do alemão sobre o inglês vai ser useira e vezeira até ao fim.

Na primeira tentativa, Hamilton fecha a porta com a classe que se lhe reconhece. Muito bom. À segunda, Rosberg é bem-sucedido, sim, mas leva um nó de seguida que até dói. Wow, isto sim é Fórmula 1, ao contrário do apregoado por Luca Montezemolo. Com o seu habitual aspecto de personagem de um filme de Federico Fellini e de olhar cravado nas jornalistas, o patrão da Ferrari reúne-se com Bernie Ecclestone e Jean Todt com o intuito de mudar algumas regras a meio do campeo-



nato. Porquê? "Não faz sentido haver controlo de combustível. Os espectadores não querem ver um piloto a conduzir como um taxista."

Taxista ou não, Hamilton faz pela vida em nítida desvantagem (por causa dos pneus macios, por isso mais lentos) e segura a vitória num GP histórico, o 900º na F1. Rosberg acaba em segundo e o mexicano Pérez completa o pódio. Daqui a duas semanas há mais, na China.

O que tem a dizer Durant sobre isso? "Não me preocupo muito com isso, quem me dera que isso já estivesse acabado", diz num tom simpático, sem ligar nada à marca. Actual melhor marcador da NBA, com uma média de 32,1 pontos/jogo, Durant nem dá muita bola à pergunta seguinte sobre a perspectiva de apanhar a dupla que se seguir: Oscar Robertson (46 jogos seguidos a marcar mais de 25 pontos) e Wilt Chamberlain (80).

Bom, vamos lá ver um pormenor: não são só 80 jogos os de Chamberlain. O poste consegue realizar uma sequência de 106 jogos a marcar mais de 25 pontos. Aquilo dos 80 é numa só época, o dos 106 é de uma época para a outra. Se Durant continuar assim nos cinco jogos que faltam até ao final da época regular e também toda a época seguinte, Wilt será apanhado. Mas isso é muita fruta, muito jogo.

Porque Chamberlain é um ícone. Dois títulos de campeão da NBA (Philadelphia 76ers-1967 e Los Angeles Lakers-1972) mais uma série de recordes individuais em pontos e ressaltos. É o único jogador em todos os tempos a fazer mais de 100 pontos num jogo e o único a ter uma média de mais de 40 ou 50 pontos por jogo numa época. É 11 vezes o líder em pontos e ressaltos/jogo e até é líder de assistências numa ocasião (1968), facto incomum para um jogador da sua posição fixa. É ainda o único jogador a ter média superior a 30 pontos e 20 ressaltos/jogo numa época. E agora, Le Bron ou Kobe? Durant.

Liga Portuguesa: Benfica derrota Rio Ave e fica a duas vitórias do título

O Benfica triunfou na receção ao Rio Ave por 4-0 e ficou a duas vitórias de conquistar a Liga. Rodrigo e Gaitan marcaram na primeira parte e Carvalho, que não marcava há cinco meses, bisou na segunda ao converter duas grandes penalidades.



Texto: Redacção/Agência • Foto: Lusa

No jogo que fechava a jornada 26 do campeonato e quando faltam quatro jornadas para o fim da Liga, a equipa encarnada precisou apenas de 17 minutos para se colocar em vantagem no marcador graças a um golo de Rodrigo, na sequência duma jogada de Silvio e Gaitan.

Perante um Rio Ave que revelava grandes dificuldades em construir jogo apesar dos bons resultados fora de casa, o Benfica chegou com naturalidade ao 2-0 por Gaitan, aos 29 minutos, após um primeiro remate de Lima.

No segundo tempo, os encarnados geriram a vantagem, sem nunca permitirem grandes hipóteses aos vila-condenses, tendo Carvalho entrado para o lugar de Lima aos 65 minutos. O avançado paraguaio, que não marcava há cinco meses, ainda foi a tempo de bisar nesta partida, com os seus dois golos a serem marcados em grandes penalidades.

Carvalho apontou o seu primeiro golo aos 77 minutos, após Maxi Pereira ter sido travado em falta na grande área, e fixou o resultado final do encontro já no período de compensação, num lance que resultou na expulsão de Marcelo.

Escrita miúda para Josina Machel

Yara Vaz Lopes Menete, Hulda Adriana Amância Abudo e Neusa Eldina Bambo – as duas primeiras são alunas da Escola Secundária Francisco Manyanga e a terceira é da Comunitária Armando Emílio Guebuza – foram as vencedoras do concurso “Mulher: História e Memória”, promovido pelo programa “Passeios pela História”.

Texto & Foto: Redacção

O certame artístico e cultural em que participaram 100 alunas, da 10ª classe das escolas secundárias Josina Machel, Francisco Manyanga e Comunitária Armando Emílio Guebuza, é realizado pela Organização para a Saúde, Educação e Cultura para o Desenvolvimento cujo objectivo oferecer elementos para a construção da identidade patriótica activa entre os adolescentes e os jovens – com enfoque para a rapariga – divulgando, assim, o 7 de Abril, data histórica alusiva à mulher moçambicana. É por essa razão que as participantes exaltam os feitos da heroína Josina Machel, o ponto de partida para a criação das suas redacções. O @Verdade apresenta, a seguir, do primeiro ao terceiro, os textos vencedores.

Primeiro prémio

Desde pequena contemplo e encanto-me com os fenómenos que considero únicos na natureza. Arecio o sol, que nos fornece a luz e nos aquece nos dias friorentos de qualquer Inverno rigoroso. Aprendi que a luz solar é armazenada em glicose por organismos vivos através da fotossíntese, processo de que dependem todos os seres vivos que habitam o nosso planeta.

Arecio a lua, que nos dá a luz de que necessitamos ao entardecer e nos tira o medo da escuridão. Os manuais que consultei apontam que a lua constitui, desde a antiguidade, uma importante referência cultural na língua, em calendários, na arte e na mitologia.

Gosto da chuva, um fenómeno meteorológico que resulta da precipitação das gotas líquidas ou sólidas das nuvens sobre a superfície da terra. Diz-se que a chuva exerce um papel importante na renovação dos rios, mares, oceanos, lagos e é indispensável para a vida animal e vegetal.

Mas também aprendi que para além destes fenómenos naturais, muito comuns, há outros, muito raros, sem os quais não teríamos a orientação para fazermos avançar os nossos projectos de vida. Josina Machel é um desses fenómenos de que Moçambique se orgulha de ter visto nascer no seu solo. Guerrilheira e militante da primeira hora, mamã Josina muito cedo percebeu a necessidade de mobilizar o seu povo e de pegar em armas para combater a injustiça, a opressão e todas as formas de discriminação.

Posicionada na frente da batalha, Josina Machel demonstrou a sua firme determinação de lutar e também de morrer pelo seu povo e pela independência do seu país. Queria um Moçambique livre, onde todos fossem tratados com respeito, independentemente da cor da sua pele, do sexo, do seu local de nascimento, do seu estado social, da sua tribo ou religião.

Mamã Josina compara-se à luz e ao sol porque os seus ensinamentos nos enchem de força e energia, iluminam os nossos ideais, mesmo que para isso corramos o risco de morrer. Tal como a lua, Josina é a nossa importante referência quando falamos dos melhores filhos deste belo Moçambique.

Tal como a chuva, lembrar Josina renova as nossas forças e dá-nos um motivo para continuarmos a viver e a lutar até à vitória final. Quem é então esta Mulher, mãe e combatente?

O livro Escolar da Plural Editores descreve Josina Machel como guerrilheira e activista moçambicana nascida a 10 de Agosto de 1945, em Inhambane, Moçambique, com o nome de Josina Abiatar Muthemba.

Aos 18 anos, em Março de 1964, Josina foi presa em Victoria Falls, na Rodésia do Sul (actual Zimbabwe) e posteriormente entregue à PIDE (a polícia política do regime português) em Lourenço Marques (agora Maputo). Em Maio do ano seguinte mudou-se para a Tanzânia.

Em 1967, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), que lutava pela independência de Moçambique face a Portugal, criou o Destacamento Feminino onde Josina se viria a filiar de imediato, abdicando, para isso, de uma bolsa de estudos no estrangeiro. Ainda nesse ano, foi nomeada chefe da Secção da Mulher, no Departamento de Negócios Estrangeiros. Ao longo da sua vida, defendeu sempre a igualdade de di-



reitos entre homens e mulheres. Em Maio de 1969, casou-se com Samora Machel, um dos líderes da FRELIMO e futuro Presidente de Moçambique, passando a adoptar o nome de Josina Abiatar Machel. Em 23 de Novembro desse mesmo ano nasceu o primeiro filho do casal.

Josina Machel viria a falecer a 7 de Abril de 1971, em Dar-es-Salam, na Tanzânia, vítima do seu desgaste físico, incluindo o seu estado de gravidez, o que não a impediu de continuar envolvida em actividades de guerrilha. As suas aptidões eram bastante reconhecidas pelos altos dirigentes da FRELIMO a quem ministrou instrução militar. A data do seu falecimento passou a ser celebrada em Moçambique como Dia da Mulher Moçambicana, em sua homenagem, mas também em reconhecimento do esforço e empenho de toda a mulher moçambicana que luta no seu dia-a-dia para cuidar do seu lar, do seu emprego e, desta forma, ajudar Moçambique a crescer.

Foi graças à coragem, determinação e ensinamentos de mulheres como Josina Machel que hoje encontramos mulheres na governação, na nossa Assembleia da República, nos negócios e noutras frentes de luta, ao contrário do que acontecia no tempo colonial.

Segundo prémio

Num simples olhar é possível ver que a moçambicana é uma mulher de virtudes: batalhadora, mãe e exemplo. Faltam-me palavras para descrevê-la.

Várias vezes não vemos o valor dessa mulher, dessa guerreira, pilar da sociedade, não apoiando a sua emancipação e não contribuindo para o seu empoderamento, mantemos conceitos e ideais antigos, transmitidos de geração em geração, que menosprezam a mulher, desvalorizando as suas virtudes. Em 1945, o bem-aventurado território moçambicano viu nascer uma estrela, aquela que iria marcar para sempre a história da mulher moçambicana, deixar o seu legado e revolucionar milhares de vidas.

Josina Machel ou Josina Abiatar Muthemba (quando solteira), mulher corajosa, forte e com espírito revolucionário, pôde ser exemplo numa sociedade oprimida, colonizada e destruída, onde a mulher era objecto de prazer e abuso. Abriu uma nova página na história do nosso país. Abriu os olhos a muitos moçambicanos e mostrou o valor da mulher moçambicana.

A sua missão em vida é motivo de regozijo e veneração. O seu coração aberto e cheio de amor pôde acolher a maior família que jamais se pode imaginar. A sua história cativa a todos e é motivo de aprendizagem contínua.

Graças à mamã Josina (mulher que nem a sua própria saúde poupa), a mulher hoje tem espaço na sociedade. A rapariga tem acesso à educação. A mulher tem a palavra. A mulher tem acção e faz parte da Revolução.

Actualmente, da mamã Josina podemos dizer o seguinte: “A tua vida reflecte-se nos que dão continuidade à Revolução”. Temos também exemplos de mulheres que ultrapassaram barreiras para representar o nosso país além-fronteiras e para estarem à frente do nosso povo, como Maria de Lurdes Mutola (mulher que nos representou no Campeonato Mundial de Atletismo). Mesmo tendo sido aliciada a mudar de nacionalidade, manteve o seu espírito patriótico) e Luísa Diogo (mulher de grandes ideias, revolucionária e ex-Primeira Ministra do nosso belo Moçambique). Mulheres que lutaram para dar continuidade à missão de Josina Machel.

É com pesar que recebemos a história do 7 de Abril, dia em que se deu o desaparecimento físico da mamã Josina, mãe da Revolução do nosso país, por isso podemos afirmar com certeza que “Josina Machel vive!”. A sua persistência, o seu legado, a sua vida mantêm-na eternamente nos nossos corações, na narrativa da emancipação da mulher moçambicana e na história de Moçambique. Hoje, pouco sabemos acerca da história desta heroína e da causa do dia 7 de Abril, o que é triste e lamentável.

Tendo já transcorridos 43 anos após o seu desaparecimento físico, é necessário manter-nos unidos por esta nobre causa que é a mulher (incentivando a sua participação e dando mais espaço à sua emancipação), seguindo os passos da mãe da nossa nação e dizer “Viva a Mulher Moçambicana. A luta continua!”.

Terceiro prémio

Josina Abiatar Machel, mais conhecida por Josina Machel, nascida a 10 de Agosto de 1945, é natural da província de Inhambane. Josina Machel, assim como a sua família, foi criada com um grande espírito de amor para com a nossa pátria. Ela era contra o colonialismo e a opressão.

Josina Machel foi membro da Associação dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique. Demonstrando amor para com a sua pátria num acto heróico, a par de outras pessoas, Josina Machel viajou clandestinamente para Tanzânia, em Abril de 1964, abandonando a sua família, os estudos e as amigas para defender a nossa pátria.

Josina Machel foi membro de vários órgãos de educação política, chegando a participar na luta contra o colonialismo, e a dar o seu contributo nos cuidados em relação às crianças desfavorecidas. Demonstrando ser uma grande mulher, graneou, desta forma, a admiração de muitos dos seus camaradas.

Josina Machel casou-se com Samora Machel, o secretário de defesa da FRELIMO, que acabou por ser eleito o presidente da referida organização. Após ter dado um prestimoso contributo para a nossa pátria, a saúde da grande heroína estava a necessitar de alguns cuidados médicos.

De seguida foi internada em Dar-es-Salam, onde perdeu a vida na madrugada de 7 de Abril de 1971, com apenas 25 anos de idade. Uma perda que ainda constitui um choque para os moçambicanos.

Josina Abiatar Machel é um grande exemplo de vida e superação, de amor para com o próximo e de solidariedade. Uma grande heroína que nunca será esquecida. Ela vive nos corações de todos os moçambicanos. O seu legado irá ajudar as meninas de hoje para que se empenhem nas frentes em que estejam envolvidas, principalmente nos estudos.

Muitas mulheres inspiram-se na figura que foi e é esta grande mulher. Heroína nacional, ela representa cada moçambicana, o legado da Revolução, do amor, do patriotismo e da emancipação da mulher. Josina Machel vive nos nossos corações.

O 7 de Abril é o Dia da Mulher Moçambicana. Foi decretado em homenagem Josina Machel, esta grande mulher, heroína nacional e de tantas outras mulheres que, com os seus feitos, elevam o nome de Moçambique além-fronteiras engrandecendo a moçambicana. O dia em que a mulher moçambicana celebra o seu dia. Por isso aproveito para desejar às moçambicanas um feliz dia 7 de Abril, principalmente à minha mãe que é uma grande mulher, batalhadora, carinhosa e muito amorosa.

Há mulheres condenadas pelo lado oculto da vida

No seu primeiro livro intitulado *O Lado Oculto*, que contém um conjunto de relatos, a jovem escritora moçambicana, Lídia Mussá, extraíndo da voz de quem se vê infernizada por um marido espiritual, muitas vezes mau, expõe a angústia de mulheres moçambicanas condenadas ao sofrimento por sagas causadas pelos seus antepassados.

Texto & Foto: Redacção

O Lado Oculto da Vida – grifo nosso – é um assunto complexo. Lamentavelmente, a obra só tem 500 exemplares, mas, dada a complexidade do assunto que as suas páginas abrigam, devia ser multiplicada e distribuída em todo o país. O problema dos maridos espirituais é sério e bicusito e, a avaliar pelos relatos das vítimas, provoca a estagnação da vida de muita gente. É muito sofrimento. São muitos lares que se frustraram precocemente. Outros não chegaram a formar-se.

Depois de ler o livro, o mínimo que se nos ocorre fazer, para a sensibilização do estimado leitor, ou para o consolo de quem passa por uma experiência similar, nesta narrativa – no nosso jeito particular – é transcrever alguns estratos de depoimentos de mulheres que, no âmbito do tema, revelaram as suas experiências à jovem jornalista moçambicana, Lídia Mussá. Mas o ideal era que as pessoas lessem o livro ou que – num arranjo urgente – o reciclassem para que muito mais pessoas consumam a informação.

No prefácio, logo na introdução, o psicólogo moçambicano Bóia Efraime Júnior escreve que os maridos espirituais fazem parte do imaginário de muitas culturas. Mas, depois da leitura do livro, constatámos que, infelizmente, eles fazem parte da sua realidade.

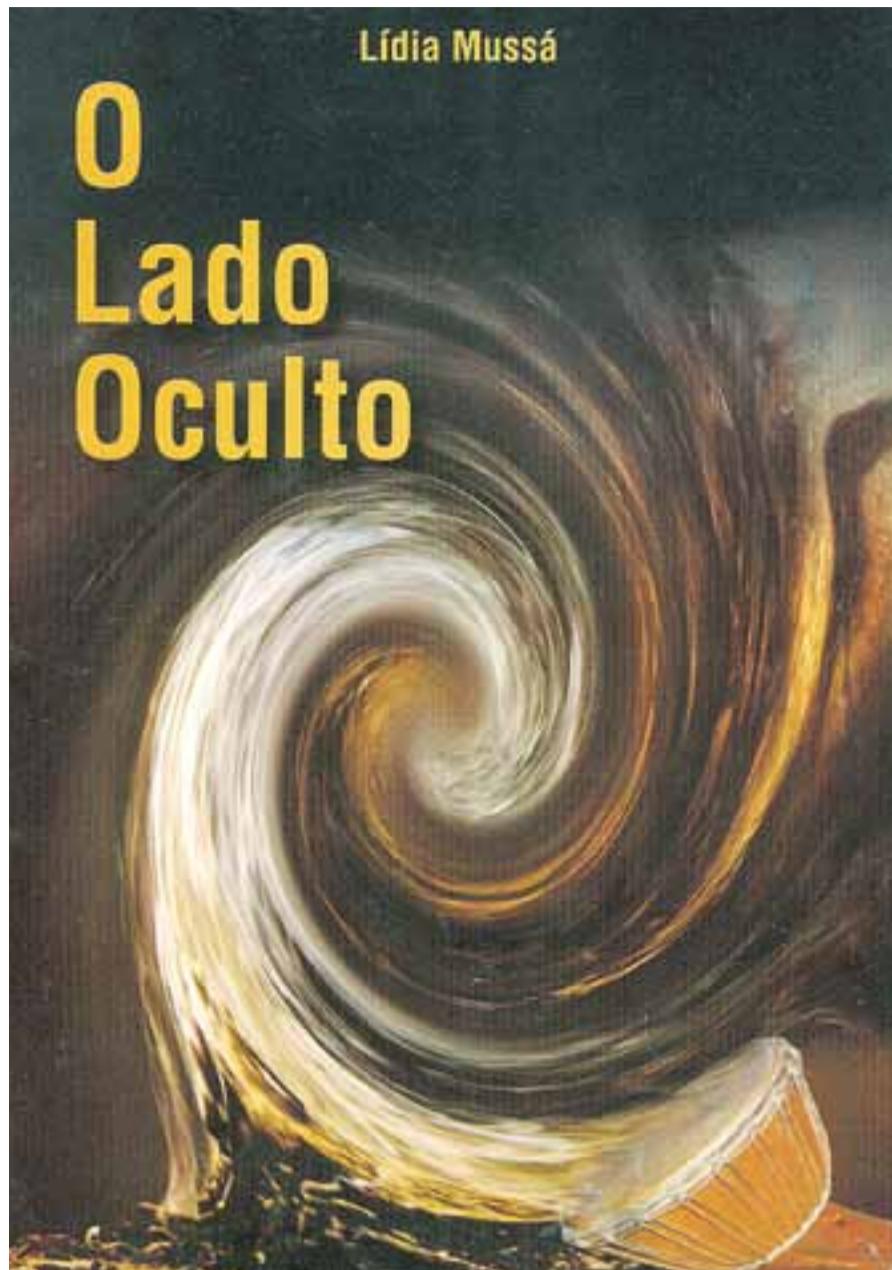
Na sua explicação historicista, Bóia escreve sobre a origem destes espíritos, tendo em conta o continente africano. Mas eles manifestam-se noutras civilizações das Américas. “Os povos Bantu, particularmente os Ndaus e Ngunis guerrearam-se na primeira metade do século XIX, aquando da expansão do império de Shaka Zulo. Muitos guerreiros não foram enterrados e hoje ainda clamam por vingança ou reparação. Estes espíritos dos guerreiros Ngunis, chamados ‘Xipocos’, ‘Mm-phukawa’, ‘Swikwembu swa mathlári’ ou ‘gamba’, para os apaziguar as famílias ofereciam-lhes uma esposa, uma palhota, entre demais coisas” (Sic).

As vítimas explicam que o referido marido é um espírito que elas assumem como cônjuge, contra a sua vontade, podendo até impedi-las de se casarem ou de engravidarem e ter filhos. O psicólogo Bóia Efraime – que também é consultor – esclarece que na sua experiência clínica “tive clientes que explicaram as suas dificuldades na relação conjugal com o facto de serem casados com espíritos. Os distúrbios eram diversos, desde a disfunção sexual até à infertilidade”.

Um assunto complexo

Tratando-se de um tema complexo, como relata a autora do livro, Lídia Mussá, “a dificuldade de muitos em conversar sobre este assunto constitui o maior entrave, até para as pessoas próximas das vítimas”. Mussá refere que o sentimento de angústia que a realidade lhe causou foi o motivo que lhe fez aceitar o desafio de investigar e escrever *O Lado Oculto*.

A experiência narrada foi vivenciada pela deputada moçambicana, Flávia Ernesto*, formada em Economia. Com 49 anos, até à data da realização da entrevista, 2013, ela casou-se aos 19 anos de idade. Experimentou as dificuldades que sente uma mulher controlada por um marido espiritual que a moveu a procurar tratamento em médicos tradicionais e curandeiros,



a fim de combater as barreiras que se lhe impunham na luta pela felicidade, incluindo a possibilidade de ser mãe.

Por isso, na sua história, muito triste, o ponto melancólico – por constituir a primeira grande perda da sua vida – ocorreu quando lutou a fim de ter a sua primeira filha e assegurar a estabilidade do seu lar. Afirma ela que “a bebé, no momento do parto, ficou presa na minha vagina, por três minutos, com a metade do corpo dentro e outra fora. Nesses três minutos, tive e senti as piores dores da minha vida, vindo em mim a imagem de um homem muito escuro, a receber a bebé nos braços. Aí gritei e a minha filha saiu”.

De acordo com o livro, depois do parto, instalaram-se na vida da deputada Flávia noites sequenciadas de sonhos – na verdade, pesadelos – com o referido marido espiritual a carregar a sua filha. O pior é que o espírito intercedia nas relações sexuais do cônjuge fazendo com o que seu marido sentisse uma presença masculina, o que lhe causava um grande desconforto, um mal-estar.

Sobre o tratamento tradicional a que recorreram – o primeiro porque depois houve viários – Flávia recorda-se de que “entre mios de gatos, sibilos de cobras, chiados de ratos, um espírito manifestou-se muito zangado, apontando para mim, disse que era o meu primeiro marido, pois eu tinha quatro maridos espirituais”.

Relata a vítima que “este espírito apareceu a exigir a consagração da minha filha para si como uma condição para sair de mim. Os outros três maridos também queriam o mesmo. Caso não fizesse a cerimónia da consagração da minha filha (...) acrescentou que o meu marido ia zudar sempre de emprego e seria um desgraçado”.

Como se percebe na segunda consulta com os curandeiros, na história de Flávia, o tratamento da luta contra os maridos espirituais é uma experiência difícil porque “enquanto os seus acompanhantes tocavam o batuque, ele matava as galinhas e deixava escorrer em mim o sangue, por cima da minha cabeça. Abriu o peito dos pombos, num golpe agressivo com os seus dedos, e retirou os seus corações. Acendeu as velas, colocou-as ao meu redor enquanto eu segurava a vela vermelha que estava acesa na minha mão. Mandou-me engolir os corações dos dois pombos, sem os mastigar”.

Flávia andou de tratamentos em tratamentos até que sucedeu a segunda ocorrência fúnesta da sua vida. “O homem que eu amava, o pai da minha filha, por quem tanto lutei, faleceu alguns segundos antes de chegarmos ao hospital. Naquele momento gritei acusando os espíritos, ‘mataram o meu marido, os maridos que eu não conheço, mataram o meu marido’”.

O tempo passou, a deputada Flávia Ernesto recompôs-se, mas a saga não parou de a perseguir. Por isso, narra ela, “seis anos depois de muito sofrimento, voltei a casar-me, tinha já 28 anos. A felicidade do meu novo casamento dependia de medicamentos ou de drogas do meu curandeiro. Tive uma felicidade fictícia durante dois anos. E do fruto do casamento tive duas filhas gémeas”. O grande receio é que a sua filha mais velha, actualmente com 24 anos, experimente situações similares. No seu depoimento, a cidadã Cristina, de 29 anos, que é estudante, afirma que falar sobre o dito assunto “é muito

complicado porque carrego algumas cicatrizes”. A sua irmã mais velha vivenciou os males perpetrados pelos maridos espirituais, chegando a acusar a sua mãe de ser uma das responsáveis pelo fenómeno. No entanto, inocente, Cristina não acreditava nas suas palavras.

“A tua mãe, para ter a riqueza que tem, vendeu-te a um espírito. Por isso não posso ficar mais contido, pois posso prejudicar-me, assim como à minha família. O tal espírito diz ser teu dono e eu, de forma alguma, segundo o curandeiro, não posso lutar ou desafiá-lo, porque a tua mãe não cumpriu com o acordo pré-estabelecido”. Foi assim que a irmã de Cristina reproduziu as palavras do seu namorado, cuja família já não queria saber do seu romance.

Estamos esclarecidos de que as experiências dos outros não se aplicam em nós e, tomando em conta que a comunicação é sempre um processo tentativo cuja eficácia, muitas vezes, se encontra nos espaços extra-lingüísticos, não nos espantámos com o estranhamento de Cristina perante a realidade de que a sua irmã lhe falava. Por mais que dele se fale é impossível fazer do sentir de uma pessoa o de outra.

Por isso, por sua vez, diferentemente da sua irmã que por causa dos maridos espirituais estava à beira de perder o namorado, ela, porque quase noiva, quando o seu marido espiritual começou a reivindicá-la, viu o seu noivado transformar-se numa grande miragem.

Narra ela o seguinte: “Eu felicíssima, já atrás dos convites, o meu noivo marcou uma reunião comigo e com os pais, para os preparativos do casamento. Saí da escola muito empolgada, era uma quarta-feira, noite fria, tendo chegado às 19 horas ao encontro na casa do Dilson. Ovi vozes, mas como o pai do Dilson, todos os dias após o jantar, tomava um vinho e falava em voz alta, acho normal; sentei-me na copa e, quando prestei atenção, ouvi:

– Dilson, não, não, não, não! Você não vai desgraçar a sua vida com aquela mulher feia, logo daquela família, há, há, há, há...”.

Os impactos da situação gerada pelos maridos espirituais são desoladores. Segundo as palavras da vítima Cristina, “a minha irmã namorava na nossa casa, porque o meu cunhado ia ter com ela, mas eu caí de noiva para ‘pita’. Namorávamos às escondidas. Passou um ano até que finalmente consegui dizer que tinha que sair da vida dele, que os seus pais nunca iam aceitar de novo a nossa relação, e que eu nunca teria filhos por causa do meu marido espiritual”.

De acordo com Cristina, “quem olha para mim, não pode acreditar nem sequer pode imaginar, muito menos pensar que tenho um marido espiritual. É um segredo difícil de revelar, pois todo o mundo culpa todo o mundo. Mas a verdade é que o africano é complicado. O africano usa muito a medicina tradicional em busca de riqueza e nós os filhos acabamos por pagar um preço muito alto”.

*Alguns nomes são fictícios

“Nós os moçambicanos não nos conhecemos”

De que maneira o conhecimento gerado na literatura artística moçambicana está a contribuir para o dissolvimento do país? A pergunta foi formulada ao recém-nascido escritor moçambicano, Nelson Lineu, o autor da obra poética ‘cada um em Mim’. O escriba afirma que a literatura é a única plataforma que nos possibilita o acesso a um maior conhecimento sobre nós mesmos. No entanto, o não usufruto de tais informações está a gerar impactos negativos.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

“Cada um em Mim’ é um livro que possui duas vertentes – a interna e a externa. Como sujeito poético, no meu ego tenho vários ‘eus’. Neste sentido, a obra acaba por ser a cara destas personagens. O lado externo reflecte o modo como o mundo, as pessoas e todas as coisas envolvidas, principalmente o mar, vivem dentro de mim. Há uma dialéctica entre estas realidades que coabitam o mesmo espaço – o meu eu”.

Esta explicação é expressa respondendo à razão de ser do título da obra. Mas, como mais adiante explica, o livro podia também ser intitulado “Palavras”. Elas, formando textos poéticos focalizados no belo e no estético, incluindo uma lírica erótica, são abundantes.

Com o livro impresso, o interior do poeta Lineu exteriorizou-se ganhando uma nova forma material. Como é que se descreve esse ego? Não há dúvida de que a leitura do ‘cada um em Mim’ é o caminho para se encontrar a resposta. De qualquer modo, explica o escritor que se está diante de “um passaporte para o nosso interior, na medida em que – com o livro – procuro incitar as pessoas para que descubram como elas são”. Por outro lado, lembra Lineu, “a professora Fernanda Angius escreveu no prefácio que estamos perante um eu lírico, alguém que deseja uma partilha ou que acha que viver é, necessariamente, partilhar. De facto, para mim viver é partilhar experiências com os outros”.

Assumindo-nos até como os arautos da literatura, dessa boa-nova artístico-cultural, o nosso trabalho oficial quebra-nos na medida em que a urgência anunciativa não se compadece com a nossa vontade de realizar uma leitura interpretativa. A premência do autor em dizer ao mundo, por nosso intermédio, que já nasceu é também um factor desfavorável. Contra o tempo da leitura. Porque ler é acrescentar algo. Recordar-se de algo. O problema dos poetas – dizemos isso em jeito de provocação – é esta maneira de escreverem um livro e esperarem que as pessoas percebam os seus textos.

“Não acho que os poetas estejam preocupados com que as pessoas leiam os seus livros, mas que percebam o que está escrito no seu interior. Eu acabo por ser uma bússola, mas neste livro quero que as pessoas se leiam a si mesmas, a fim de compreenderem o que há no seu interior”, riposta Lineu.

Há nesse texto um exercício de ‘outrocização’ – acho que a palavra não existe, mas quero-me referir à forma como olhamos para o outro –, não no sentido negativo do termo, mas no da ‘construção social do outro’, como a literatura sociológica, com o título similar discute o tema. Lineu afirma que “o prefácio da obra tem essa ideia do outro que, para mim, significa uma extensão do meu ser. Não vejo o outro como se fosse uma coisa apartada de mim. Logo, é o prolongamento de mim e dos meus próprios membros”.

É um exercício problemático porque se se analisar o título, sob o ponto de vista de estudos semióticos, percebe-se que os outros, expressos em “cada um”, a olhar para os sinais gráficos, o ‘um’ que equivale ao outro, que é uma extensão dentro da sua explicação, é menor que ‘Mim’. Que imagens se pretendem produzir com esta criação gráfica?

“Como estava a explicar a obra comporta duas identidades – uma interior e outra exterior – esse ‘um’ também sou eu. O ‘cada um em Mim’ expressa os vários momentos que vivo porque, muitas vezes, os contextos sociais definem o nosso ser. Por outro lado, o outro pode não ser um humano, mas um animal, um cão, o mar que aprecio bastante”.

De uma ou de outra forma, “o ‘Mim’ está destacado não só por uma questão de beleza artística mas, acima de tudo, por ser esse encontro dos ‘eus’ que estão dentro de mim, incluindo os tantos outros que coabitam o mesmo espaço”.



Uma assembleia de conhecimento

Talvez esta divisão da obra em duas categorias dialécticas – a interior e a exterior – por parte do autor seja uma postura egotista e, até certo ponto, reducionista. Um livro é sempre uma assembleia de conhecimentos. Por exemplo, no signo ‘cada um’, “este ‘um’ pode representar as várias vertentes como eu olho a poesia. Eu trabalhei muito com o belo e o estético – o que significa que a minha intenção não era gerar ideias revolucionárias. Como custumo dizer, o meu livro não é de intervenção social, mas é de intervenção pessoal”.

“Em princípio devia chamar-se “Palavras” porque uma boa parte de textos que o livro continha era sobre elas, embora haja alguns poemas de amor com um cunho erótico e um lado reflexivo muito grande. Espero que o leitor não seja passivo mas ativo, a fim de construir as imagens das palavras que aí se apresentam como pedras”, afirma o autor.

“O título do livro – infere o autor desta matéria – recorda-me a experiência diária que realizo quando saio de casa para o trabalho. Do meio do transporte público, desço num dado ponto devendo terminar a outra distância – diga-se, longa – a andar a pé. É uma cena muitas vezes proposta, porque, a escutar música pelo auricular, no referido percurso, aprecio, igualmente, as várias realidades do espaço que contribuem para a minha formação humana, enquanto membro desta sociedade. Neste ‘cada um em Mim’ vejo este exercício no sentido de olhar para os outros”. Mas quem são esses outros? De que maneiras os percebe? Que mensagens eles emitem para si? E como é que se reaproveitam essas mensagens?

“De igual modo, tenho feito este exercício. Muitas vezes, acordo muito cedo e ponho-me a andar por andar, sem nenhum outro objectivo além deste. Recorro também a esse movimento depois de estudar. Para mim, caminhar é uma experiência que me possibilita deixar os outros entrarem em mim. Quando isso acontece eu torno-me naquela criança que vejo a chorar, naquela mulher que se ri genuína e exageradamente na rua. Gosto de viver isso. Aprecio viajar para um bairro onde não conheço ninguém a fim de ver como as pessoas vivem e convivem”.

Trata-se de numa experiência única cuja maravilha dos seus podem ser percebidos em textos como ‘Morte de um poema?’ na página 55:

A imagem de uma mulher com bebé chorando no colo um saco procurando segurança na cabeça e uma enxada na mão ansiando beijar a terra fez-me desistir do poema.

Agentes da educação

Partindo do princípio de que toda a obra de literatura artística, incluindo o ambiente literário, repre-

senta um espólio do conhecimento, de que maneira esta informação contribui para o desenvolvimento do país? Nelson Lineu, de 26 anos, recorda-se de que “eu era um jogador de futebol, mas, em 2007, em resultado do acidente que sofri, tive a oportunidade de ter um segundo momento de vida em que fui educado pelos livros”.

Por outro lado, sabe-se que nos índices do desenvolvimento humano, “o nosso país está muito atrasado. Em contra-senso, felizmente, neste aspecto, a nossa literatura é muito rica. É abastada desta apreciação ao outro que faço no livro. Por exemplo, fala-se demasiadamente da unidade nacional. Para se estar em união com alguém é preciso que as pessoas se conheçam e tenham confiança mútua. Muitos dos nossos problemas, como moçambicanos, resultam do desconhecimento que há entre nós. Há muito preconceito no nosso seio”.

“Não falo só do conceito chingondo que se atribui às pessoas do centro e do norte do país, mas das dificuldades que há entre os moçambicanos dos sul se casarem com as pessoas do norte, por exemplo. Então, a nossa literatura é rica neste sentido. Ela possui um grande espaço que nos possibilita ter o conhecimento sobre nós mesmos. Os livros de Paulina Chiziane e de Ungulane Ba Ka Khosa são exemplares. Eles possuem vida”. Mais importante é que “a partir do momento em que nós nos conhecemos, vamos crescer e esse desenvolvimento irá acontecer. Já devíamos ter, na escola, uma disciplina de educação artística, a partir da qual se activaria a apetência das pessoas pelas artes, no seu todo”.

Muito triste é constatar que “há muita gente infeliz no país. Por exemplo, eu sou um escritor. Mas, além disso, tenho de lutar a fim de conseguir um trabalho que nem me dá prazer, pura e simplesmente, porque não posso ganhar a vida com o trabalho artístico. Se as pessoas valorizassem as artes, a vida dos artistas iria melhorar. Mas eu trabalho no activismo artístico e, particularmente, no campo da literatura, descobri que as pessoas não lêem por falta de livros, nem por falta de dinheiro, mas sim dada a ausência de incentivo”.

Conduzindo a sua opinião ao extremo, Lineu afirma que “o nosso desenvolvimento deve-se reflectir no progresso da moralidade. Não estou a dizer que o fim da arte é melhorar a vida das pessoas, mas há a necessidade de se passar a mensagem que nos fez reflectir sobre a arte”.

Para si, “se a nossa educação investisse na arte não estaríamos a reclamar de muitos aspectos. Temos um país com cerca de 25 milhões de habitantes, no entanto estes não conseguem esgotar 500 exemplares de um livro. Há que se reestruturar o país, porque não faz sentido que uma editora publique 500 cópias de uma obra acusando, instantes depois, os moçambicanos de não gostarem de ler, quando não se fez um trabalho de divulgação neste sistema que acaba por fazer com que o livro seja um mito e uma forma de exclusão dos outros”.



Mais um músico à deriva

Se neste país a qualidade das obras de arte – até, sob o ponto de vista de conteúdo – fosse um factor determinante para a popularidade do autor, o jovem moçambicano Hullo Octávio Grammyo seria um dos mais famosos da nossa terra. Com 27 anos de idade, 11 dos quais dedicados à música, o artista, residente no bairro do Aeroporto, em Maputo, luta a fim de popularizar as suas obras. Entretanto, apesar do aparente fracasso, o criador tem metas claras – publicar, ainda neste ano, o seu primeiro trabalho discográfico. Terá de transpor algumas muralhas...

Texto & Foto: Redacção



@Verdade: Enquanto músico, como se define na sociedade moçambicana?

Hullo Grammyo: Sou músico e compositor que se dedica à produção do estilo musical Pop, não obstante o facto de explorar outros géneros musicais como o R&B, o Ragga, a música electrónica, o Deep House, o House e o Jazz, incluindo alguns ritmos de música tipicamente africana.

@Verdade: Há quanto tempo se dedica à música?

Hullo Grammyo: Estou envolvido no mundo artístico há sensivelmente 11 anos. No entanto, a cada dia que passa avanço e procuro aprender mais sobre a música a fim de me profissionalizar.

@Verdade: Analisando o seu percurso e tendo em conta que já é longo a que ilações chegou? Está a valer a pena a sua aposta?

Hullo Grammyo: Da mesma forma que acontece com as outras formas de arte, em Moçambique não é fácil fazer música. Entretanto, apesar de ser difícil, e olhando para o trabalho que está a ser feito agora, acho que estão criadas as mínimas condições para se dar continuidade ao projecto já iniciado. Temos, para o efeito, de ultrapassar uma barreira básica – a resistência dos empresários em aceitar a possibilidade de contribuir para que os músicos sejam pessoas promissoras.

@Verdade: Na sua opinião o que faz com que os empresários não apoiem os jovens?

Hullo Grammyo: Acho que eles não acreditam muito nos projectos dos jovens, muito em particular, porque há muita juventude cuja obra não possui qualidade e, infelizmente, todos somos sancionados de igual modo.

@Verdade: Qual é o seu factor de diferenciação?

Hullo Grammyo: Além do beat, as minhas composições contêm boas mensagens – o que faz de mim um artista versátil com uma obra que possui qualidade para circular no mercado internacional.

@Verdade: Porque é que facilmente a área da música atrai artistas amadores, quando comparada com as outras formas de arte?

Hullo Grammyo: A música é o meio mais fácil que os artistas têm para expressarem as suas ideias e sentimentos. Por exemplo, as artes plásticas precisam de uma grande capacidade de interpretação por parte de quem as pratica e do consumidor. Talvez seja por essa razão que não são muito consumidas em Moçambique.

@Verdade: Na sua opinião, o que é que concorre para a pobreza, em termos de mensagem, que há nas composições da música dos jovens?

Hullo Grammyo: Há muitos ignorantes a dedicarem-se à música. O que não sei é se tal situação resulta da facilidade que as pessoas têm de iniciar uma carreira artística ou há outros factores. A verdade é que os músicos são incultos e não que-

rem aprender.

@Verdade: Tendo em conta a imensidão das dificuldades que envolvem a prática musical, qual é a sua motivação para a sua dedicação?

Hullo Grammyo: Gosto da música. Há dois anos participei no Festival Showesia que é, na verdade, um concurso artístico e cultural, especializada na luta contra a SIDA, com a música Vamos Prevenir a SIDA. A obra foi sancionada favoravelmente. Compreendo que há muitas pessoas que apreciam o meu trabalho. Eles não estão satisfeitos com o facto de eu ainda não ter conquistado alguma visibilidade na Imprensa bem como no mercado, não obstante a qualidade das minhas obras.

@Verdade: Que factores têm em conta na elaboração das suas obras, muito em particular aqueles cujo enfoque é a luta contra os problemas sociais?

Hullo Grammyo: É muito importante que, antes de se emitir uma mensagem, se olhe para o nosso entorno social a fim de se perceber os desafios que nos envolvem. Por exemplo, em relação à música sobre a luta contra a SIDA, além da actualidade do assunto, fiquei a saber – através da Rádio – da existência do Festival Showesia, que continha um espaço concorrente. Compus a obra e participei.

@Verdade: Em que consiste o projecto Showesia?

Hullo Grammyo: Trata-se de uma iniciativa promovida pela escritora e cantora moçambicana, Tânia Tomé, com o objectivo de utilizar as artes – música, poesia, teatro e artes plásticas – na luta contra a SIDA, bem como na educação das pessoas sobre como resolver esses problemas sociais.

@Verdade: Como analisa, na actualidade, o envolvimento dos artistas moçambicanos no combate à SIDA?

Hullo Grammyo: Há artistas que se envolvem nesta forma de arte só por puro divertimento. Os resultados das suas brincadeiras reflectem-se na forma e no tipo de música que produzem. Ou seja, existem músicos em Moçambique cujas obras não emitem nenhuma mensagem educativa. Em contra-senso, a nossa sociedade, neste momento, ainda precisa muito de receber mensagens que contribuem para uma construção social favorável.

@Verdade: Canta preferencialmente em inglês. Existe alguma razão particular para esta postura?

Hullo Grammyo: Como havia dito, a minha música é internacional. Por isso, canto em português e inglês. Infelizmente não posso interpretar as minhas composições em todas línguas bantu. De todos os modos, as músicas estão disponíveis para serem cantadas nos idiomas locais.

@Verdade: Entre o músico e o produtor em quem recai a responsabilidade da produção de uma música fraca, sob o ponto de vista de mensagem?

Hullo Grammyo: A culpa é do músico porque, muitas vezes, os produtores ajudam em termos de ideias sobre como melhorar uma dada composição. O drama é que os músicos não acatam os conselhos.

@Verdade: Já procurou perceber porque é que as suas músicas não chegam ao mercado?

Hullo Grammyo: Tenho músicas gravadas desde 2013. De uma ou de outra forma, penso que a Imprensa moçambicana é muito corrupta.

Os locutores e apresentadores de programas musicais dizem que preferem transmitir as obras de artistas famosos, mas o problema é que se esquecem de que ninguém começa uma carreira artística a partir da fama. Infelizmente, devo dizer, as pessoas que conhecem a minha música entrustecem com o facto de as mesmas não serem tocadas das rádios. Eu já solicitei esse espaço, mas, os radialistas são indiferentes.

@Verdade: Quando é que pretende lançar o seu primeiro álbum?

Hullo Grammyo: Já estou a trabalhar para a materialização do meu projecto. A única dificuldade, aliás, a maior, é o acesso ao patrocínio. Mas, se tudo correr como previsto, gostaria de lançar o meu primeiro trabalho discográfico ainda neste ano.

Kerygma



Cremildo Bahule
cremildo.bahule@gmail.com

IMAGEM BÉLICA

Eu gosto muito de ver televisão – aquela arma que sufoca o barulho educador no seio de muitas famílias. Gasto, quase, metade do dia a ver televisão. Costumo, em forma de defesa, dizer a seguinte verdade: Cresci sem esse aparelho em casa e para ver televisão tinha de ir ao círculo do bairro para ver alguma novela brasileira ou uma película chinesa. Essa é a verdade. Para ver aquela fita dos três putinhos – aqueles três meninos chineses que batiam nas pessoas mais velhas – era preciso percorrer quilómetros. Quando os nossos irmãos, os madjermanes, regressados da ex-RDA (República Democrática Alemã), chegaram a Moçambique, os aparelhos de televisão inundaram a Pérola do Índico. De lá para cá esse aparelho deixou de ser novidade. Até pode ser adquirido por qualquer um. Além do mais, existem as tais parabólicas que nos ampliam as possibilidades de ver outras coisas do mundo. E, por defeito com gotas de nepotismo, discutimos emigração do sinal analógico para o digital. Os moralistas dizem que a televisão é ruim. É, repito, aquela arma que sufoca o barulho educador no seio de muitas famílias. Gasto, quase, metade do dia a ver televisão. Os conteúdos que passam nas nossas televisões são de baixo nível e, sem nos apercebermos, abrasileiramo-nos por causa das novelas. Os radicais não vêem televisão e chamam tolos os que estão todos os dias em frente daquele aparelho. Então, eu sou tolo. Os que gostam dela, como eu, acham-na um aparelho mágico porque nos conecta a outras realidades. A televisão possibilita novos olhares pedagógicos e ajuda a perceber o que acontece noutras latitudes. De tanto gostar de televisão não durmo sem ver um filme. Ontem, cumprí com satisfação a minha rotina televisiva. Por volta das vinte e duas horas, uma das televisões moçambicanas surpreendeu-me ao transmitir o "O Expatriado". O filme é realizado por Philipp Stölzl. Os actores principais são Aaron Eckhart, Liana Libareto, Eric Godon, Garrick Hagon e Kate Linder. O filme tem uma linguagem americanizada. Um agente secreto da CIA (Agência Internacional de Inteligência/Americana) que depois de duas dezenas de anos decide procurar outra forma de vida, mas o seu passado – de vindimo – persegue-o. Traição, pistolas, mortes, 'dossiers' quentes, carros blindados, mulheres bonitas, tecnologia e exibição do sistema de segurança de que os americanos se gabam por possuir. Porém, numa das passagens do filme, figura o nome de Moçambique como um destino de armamento para fomentar guerras étnicas em África. Em "O Expatriado", mesmo sendo um filme de ficção, não consegui digerir aquele trecho porque colocava o nome do meu país num contexto de sujeira com um só propósito: "Moçambique é um país adepto de sangue". Senti-me um patriota com vontade de quebrar o televisor. Depois de fumar um 'jalapão' e de sorver um copo de água, continuei a ver o filme. Percebi o contexto de se colocar o nome de Moçambique naquele fragmento. Porém, isso fez-me lembrar de um outro filme em que se coloca o nome de Moçambique na rota do tráfico de armas. Chama-se "O Senhor da Guerra", dirigido por Andrew Niccol, onde os actores principais são Nicolas Cage, Ethan Hawke, Jared Leto e Bridget Moynahan. Até no filme "Johnny English II", onde o comediante Mr. Bean satiriza o espião 007, fala-se de Moçambique como um dos lugares onde se urdiu o roubo das jóias da coroa britânica. Estes três exemplos bastam para irritar a nossa auto-estima. Quando "O Expatriado" terminou, a primeira ideia que me ocorreu foi a seguinte: Há uma tendência de denegrir a imagem de Moçambique nos filmes americanos. Moçambique é, na visão de Hollywood, associado à guerra, ao tráfico de armas e fomentador, noutras regiões de África, de genocídio. Porém, não há nada de inocente nessas películas tornando como exemplo alguns acontecimentos como a apreensão de armas em Nampula, a captura de MGs em território onde estiveram os madjermanes, a montagem de carros blindados e o direito de porte de armas dos deputados. Será que o representante do povo precisa de andar com uma pistola? Apoquentado com aquele pensamento liguei para a minha amiga Enedina e desabafei. Depois de me ouvir a ventilar, ela gozou comigo: "Dá-nos andar a ver muita televisão". A provocação não fez nenhum efeito em mim. "Mas isso pode ter a sua razão de ser", continuou ela. "Olha que nós temos uma arma na nossa bandeira; até há mais armas que transporte público". Depois daquela verdade não quis ouvir mais nada e desliguei o telefone. A minha amiga baiana pode estar certa. Os manos de Hollywood devem ter descoberto o que a nossa bandeira possui de ruim: uma arma, AK-47 (Avtomat Kalashnikova Obraztsa 1947 Goda). "O Expatriado" fez-me procurar culpados da imagem que o meu país está a ter no mundo. Primeiro culpei a minha teimosia. Depois culpei a televisão. Mas depois de rever a culpabilidade da minha culpa – a repetição é propositada – culpei todos os moçambicanos. Porque temos de continuar com aquele instrumento de guerra na nossa bandeira? Estou consciente de que essa pergunta não é nova. Ela já teve várias respostas e modelos de solução foram concebidos para mudarmos a imagem da nossa bandeira. Neste caso, sem tapar o sol com a peneira, para não queimarmos as mãos, a culpa é nossa. Sim, a culpa dessa imagem pejorativa, de armas e do pensamento bélico é de todos nós. Eu continuarei a ver televisão até ao dia em que mudarmos essa imagem que temos no mundo.

Lazer

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Um dos sítios mais extraordinários do mundo situa-se no chamado "Corno de África", que abrange a Etiópia, a Somália, a Eritreia e o Djibuti, onde abundam os lagos secos de sal, rodeados de antigos vulcões, numa depressão em que aqueles se situam, por vezes, a 800 metros abaixo do nível do mar, rodeados de montanhas que atingem os 2.800 metros de altitude.

O sal é extraído a picareta e transportado por caravanas de milhares de camelos, que terão de caminhar toda a noite, desde os 100 metros abaixo do nível do mar até 2.300 metros acima.

Sobre os lagos aparecem inúmeras chaminés calcárias.

Os cristais avermelhados tingem os lagos e tomam formas e cores surpreendentes, quase surrealistas.

RIR É SAÚDE

Dois amigos encontram-se.

- Estás melhor?
- Estou na mesma.
- Foste consultar o médico que te aconselhei?
- Fui.
- E acertou com o que tinhas?
- Quase! Eu levava 400,00 meticas na carteira e ele pediu-me 375,00.

O médico:

- Vá à janela e deite a língua de fora.
- Para quê? - Pergunta o doente.

Responde o médico:

- É que eu não gosto dum sujeito que mora aí em frente.

O cristão foi confessar-se e o padre, que suspeitava dele, perguntou-lhe:

- Diga, filho: quem é que anda a roubar as esmolas da igreja?
- Não consigo ouvi-lo, padre. O que foi que o senhor perguntou?
- Eu quero conhecer o ladrão das esmolas! Sabe quem é?

- Olhe, padre, daqui onde estou não se ouve nada. Vamos ver se, trocando de lugar, nos conseguimos entender.

O padre sai do confessionário e o cristão entra. Este pergunta ao padre:

- O senhor sabe com quem a minha mulher me anda a trair?
- De facto, você tem razão - afirma o sacerdote -, daqui não se ouve absolutamente nada.

QUEBRA-CABEÇA

Substituindo os traços por letras, achará os maiores países das seguintes Regiões:

Africa, Europa (Excepto a Rússia, que se estende pela Europa e Ásia), América do Norte, América do Sul, Ásia, Austrália + Oceânia.

- - D - -
- - R - - - -
- A - - - -
- - - - I -
C - - - -
- - - - - A - - -

PENSAMENTOS...

- O homem mais importante na vida de uma mulher não é o primeiro, mas aquele que não deixa que exista o próximo.
- Quem semeia ventos colhe tempestades.
- A morte é um sono.
- Quem se deita sem ceia toda a noite rabeia.
- Fazer uma mulher feliz é fácil, difícil é juntar dinheiro para isso.
- Se as pessoas lhe tentarem deitar abaixo é porque você está acima delas.
- O problemas das mentes fechadas é que elas vêm geralmente acompanhadas de uma boca aberta.
- A cenoura faz bem à vista, mas só o álcool lhe consegue pôr a ver a dobrar.

SAIBA QUE...

Grande Depressão é uma expressão vulgarmente utilizada para se referir ao colapso da Bolsa de Wall Street, em 29 de Outubro de 1929.

Gulag é um termo russo que designa o sistema de prisões e campos de trabalho usado para silenciar os dissidentes e os opositores do regime soviético.

No tempo de Estaline, entre as décadas de 1920 e 1930, milhares de prisioneiros morreram em consequência das más condições em que se vivia nesses campos longínquos.

O uso de armas nucleares é denominado Guerra Nuclear. A pesquisa sobre estes dispositivos bélicos teve o seu início na Inglaterra em 1940, tendo passado para os EUA quando estes entraram na II Guerra Mundial.

O programa de pesquisa, conhecido por Projecto Manhattan e dirigido por J. Robert Oppenheimer, culminou com as explosões atómicas sobre Hiroshima e Nagasaki.

GUEPARDOS, TAMBÉM CONHECIDOS COMO LEOPARDO CAÇADOR

VINEM NAS SAVANAS ÁFRICANAS, SÃO VELOZES E EXISTEM HÁ MAIS DE 4 MILHÕES DE ANOS.

MAS ELES MORREM DE MEDO DOS LEÕES...

HORÓSCOPO - Previsão de 11.04 a 17.04



carneiro

21 de Março a 20 de Abril



touro

21 de Abril a 20 de Maio



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Poderá iniciar-se um novo ciclo, no aspecto financeiro, em que poderão verificar-se algumas entradas de dinheiro; será um sector fundamental, que irá sofrer alterações, substâncias e que contribuirão para uma, acentuada, paz de espírito que tan-ta falta lhe tem feito.

Sentimental: A sua situação amorosa encontra-se numa fase, francamente, agradável. A aproximação do seu par, o entendimento, o diálogo, a empatia física e espiritual tornarão este período num romance de verdadeiros apaixonados.

caranguejo
21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Não se verificam grandes alterações em relação ao período passado. Poderão verificar-se entradas de dinheiro e os investimentos estarão favorecidos. Não considere o dinheiro como o assunto mais importante da vida mas, sim, um suporte da mesma.

Sentimental: O diálogo é muito importante para a clarificação das situações erradas. Tudo poderá estar, aparentemente, bem mas, sem se esclarecerem as questões, poderá parecer, que algo estará errado e levar a um distanciamento, desnecessário, com consequências menos boas.

balança
23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: O dinheiro poderá ser motivo para alguma preocupação, durante esta semana, evite as despesas, despesas desnecessárias e fuja a aplicações de capital por muito forte que seja a tentação, no entanto, ainda durante este período, a tendência será para melhorar, especialmente, a partir do meio da semana.

Sentimental: Será uma semana muito complicada, no aspecto sentimental. Caso não proceda com a serenidade necessária, poderá ser confrontado, com uma situação de desencanto pela parte do seu par.

capricórnio
22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: O aspecto financeiro poderá criar-lhe alguns problemas, especialmente, para o fim da semana. Neste sector, a serenidade será necessária para não empolar, excessivamente, os acontecimentos.

Sentimental: São previsíveis grandes alterações neste aspecto. O relacionamento com o seu par deve melhorar de uma forma muito acentuada, dependendo unicamente de si. O aspecto sentimental, para esta semana, estará condicionado pela forma como o gerir.

escorpião
23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Tente moderar os seus gastos pelo consumo superfluo; algumas dificuldades, neste aspecto, poderão originar uma quebra no seu humor que, se não controlar, deviamente, poderão ocasionar alguns dissabores.

Sentimental: O aspecto sentimental estará muito dependente da forma como se conduzir e reagir. Tem amor para que tudo decorra da melhor maneira mas, necessita de mais equilíbrio emocional. Não se deixe conduzir por juízos precipitados e seja flexível nas conversas com o seu par.

áquario
21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Tudo o que envolva dinheiro, de uma forma quase natural, tenderá a equilibrar-se; algumas dificuldades que lhe forem surgindo começarão a resolver-se de uma forma que se poderá considerar natural. Trata-se de uma fase favorável para alguns investimentos, depois de bem analisados.

Sentimental: No campo sentimental recomenda-se uma grande compreensão para com o seu par. Seja compreensivo e não deixe de manifestar o quanto aprecia a pessoa com quem divide o seu coração.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Semana tranquila em questões de dinheiro; poderá verificar-se uma pequena entrada de capital. A tendência, neste aspecto, será para que encontre o equilíbrio e a estabilidade.

Sentimental: Não pretenda ser, sempre, o dono da razão. Uma aproximação de ordem espiritual poderá tornar tudo muito mais agradável e gratificante; tem, este aspecto nas suas mãos, dependendo, unicamente, da forma como agir.

Grito por uma Organização da Mulher Moçambicana!

Enquanto o país estava mergulhado na guerra e no processo de conversação para a Libertação Nacional, estrategicamente por parte da Frelimo, houve um espaço para se pensar na mulher, razão pela qual, aos 16 de Março de 1973, foi criada a Organização da Mulher Moçambicana com a sigla OMM. Por sua vez o Dia da Mulher é celebrado a 7 de Abril dado que nesta data e no ano de 1971, Moçambique e o partido Frelimo perderam Josina Machel, uma mulher com um percurso histórico marcante, simbólico e representativo. Uma mulher com legados até hoje recordados e seguidos por várias mulheres moçambicanas de stuts sociais diferentes.

Josina Machel é a heroína que justifica o 7 de Abril. No entanto, a pedido do Destacamento Feminino, uma organização da era colonial dentro da Frelimo que visava a emancipação da mulher, o Governo institui o 7 de Abril como Dia da Mulher Moçambicana. É relevante e legítimo o reconhecimento, mas a indagação é: com que bases socialmente aceitáveis, tendo em conta as diferenças e diversidades dos grupos, a OMM e a Praça da OMM representam a Mulher Moçambicana?

Se, por um lado a OMM é criada como um instrumento da emancipação e inclusão da mulher, um dos objectivos do Destacamento Feminino, é aceitável que ela represente um grupo social: membros do género feminino filiadas ao partido Frelimo. Está a dizer-se que, a imagem da OMM é a Frelimo, e as mulheres que incorporam a OMM são membros da Frelimo, e o que se pretende levar à reflexão é: a necessidade urgente de se dar existência a uma "Organização das Mulheres Moçambicanas" e não da Mulher Moçambicana que apenas representa um punhado delas. Onde uma das suas características principais seria a imparcialidade e a universalidade, ou seja, (a) uma organização que pugne por políticas de inclusão democrática; (b) criada sobre um quadro legal; (c) que não exalte as diferenças nas cores partidárias, grupos sociais, status económico, académico, entre outros; (d) e uma organização criada e sustentada pelo Estado e ou privados, com autonomia política, e sob ges-

tão de membros e ou organizações da sociedade civil.

Por isso, quando se exalta a democracia em Moçambique como um processo de criação de pilares que assegurem a sua existência, obviamente que a Frelimo não se deixa de fora, olhando para a vertente da liberdade e a Frelimo como a instituição dos moçambicanos que aquando da sua criação exaltou a liberdade. Há uma grande necessidade de se despartidarizar (libertar) a Praça da OMM e criar-se uma organização que represente as mulheres moçambicanas no seu verdadeiro sentido, sem nenhum vínculo partidário.

Esta acção certamente não poderá em nenhum momento colocar contra a parede nem extrair a vitalidade de um instrumento estratégico da Frelimo para a consolidação dos seus planos de abrangência, manutenção no poder, popularização dos seus feitos e legados. A despartidarização da Praça da OMM não constituirá um retrocesso para o país, mas sim um avanço inigualável na sustentabilidade, na consolidação da emancipação e inclusão da mulher (aspectos democráticos).

Falar da despartidarização da OMM é o mesmo que aceitar a possibilidade da existência de um Círculo de Quadratura, por isso se descarta essa possibilidade dada a escassez de probabilidade de esta suceder. Assim, a opção viável, por um lado, seria a continuação da existência da OMM (o que é certo e justo) como um órgão interno e de historicidade imensurável de Moçambique na Frelimo e, por outro, a criação de um órgão para as Mulheres Moçambicanas (reflecte a igualdade). A justiça não pressupõe a igualdade, mas a igualdade reflecte a justiça.

Refira-se que no dia 20 de Março do ano em curso diversas organizações da sociedade civil e com grande afluência de mulheres marcharam contra o que se acredita ser uma violação dos Direitos Humanos no Código Penal, cujo anteprojecto foi aprovado pela Assembleia da República. Mas o ponto focal é que a marcha teve partida (início) na Praça da OMM e o seu término na Assembleia da República. Isso mostra que

forçosamente a Praça da OMM representa as mulheres moçambicanas, mas o facto é que aquele local não é para todas as mulheres e isso está contra os ditames da democracia. A OMM é uma organização financiada e presta contas a um partido político.

E por este motivo o 7 de Abril acaba por ser uma data monopolizada pela Frelimo, cujos membros estiveram lá com bandeiras e outros símbolos deste partido. O certo seria que todos (partidos, organizações da sociedade civil, etc.) tivessem as mesmas oportunidades nesta data, celebrando, num viés de paz e irmandade, exaltando os seus direitos, reconhecendo deveres sem opressão machista e social no geral.

No entanto, penso que se pode admitir que este artigo e outros com o mesmo pendor são um comprovativo de que a luta pelos direitos humanos no geral (a mulher e a criança como as principais vítimas) ainda não foi vencida.

Atenção que não estou a falar da falta de vontade política de instituir uma organização das mulheres e para as mulheres, mas sim da falta de iniciativa governativa para tal. Devemos questionar se realmente existe em Moçambique uma instituição que representa a mulher.

Sem perder o espírito que enaltece esta data (Dia da Mulher), previamente apelo aos homens para o facto de não existir tese nenhuma que sustenta a masculinidade como a condição principal para se sobrepor às mulheres. O ser é só um: o humano. Os géneros são dois, feminino e masculino. E os direitos são iguais. E sustento: "O homem e a mulher são iguais perante a lei em todos os domínios da vida política, económica, social e cultural" (Título III, Capítulo I, artigo 36 CRM). A emancipação da mulher é uma questão de igualdade de direitos.

Felicitó de modo afectivo todas a mulheres moçambicanas, desejando sucessos. Feliz 7 de Abril.

Uric Raul Mandequisse

República de Moçambique
Ministério da Educação
Governo da Província de Nampula
Instituto de Formação de Professores de Nampula

Carta Denuncia NO 1/2014/Formandos
 Servimo-nos desta para junto da vossa instituição dar a conhecer os principais problemas que temos enfrentado ao nível do Instituto de Formação de Professores de Nampula. O Instituto de Nampula está a passar por um período de turbulência agudizado com a introdução do novo modelo de formação de professores de 10a +3. No role das faltas que tem sido perpetradas pelo director Ussene Amade e seu chefe do Internato damos a conhecer o seguinte:

1. Participação constante e continua dos formandos nas actividades da machamba e cozinha.

Cada turma é responsável de no mínimo 3 vezes por semana em actividades da cozinha que inclui cozinhar uma refeição para cerca de 250 formandos em panelas de cerca de 1m de altura sem o mínimo de protecção perigando assim a nossa saúde; inclui também servir, lavar a loiça e limpar o soalho.

No que diz respeito a machamba cada turma participa 4 vezes por semana para além das porções individuais que cada um é responsável e chegamos mesmo a abandonar as aulas ou faltar as mesmas sob pena de sermos severamente punidos em casos de não cumprimento. Isto tem efeitos negativos em nós porque afecta o nosso desempenho pois pouco tempo estamos na sala de aula e quando lá chegamos estamos sem energia para estudar porque gastamos na machamba; há mesmo colegas que já pensam em desistir do curso. Diante de tudo isto nós questionamos: Que qualidade se espera do nosso ensino se o professor sair do curso mal formado? E se estamos a ser formados para sermos agrónomos ou professores?

2. Assedio Sexual

O director Amade e seu chefe do Internato fizeram do Instituto de Formação de Professores de Nampula uma propriedade privada fazendo e desfazendo a seu bel-prazer o

que bem lhes convém. As nossas colegas do sexo feminino são esposas declaradas dos chefes; eles escolhem com qual delas preferem estar no dia mesmo sabendo que existe no meio de nós casadas e donas de lares. Algumas desaparecem misteriosamente das camaradas durante longos períodos da noite e quando questionadas elas respondem: Será que não sabem que os chefes dão um outro tipo de formação nas noites? No meio de tudo isto surge-nos a questão: Como é que se espera que se combata o assédio sexual nas escolas se o futuro professor vê nos seus dirigentes um exemplo a seguir mesmo durante a formação? Para evitar denegrir imagem das nossas colegas não vamos citar nomes.

3. Desrespeito para com o formando

Nós formandos do Instituto de Formação de Professores de Nampula perdemos a nossa identidade como pessoas, não somos jamais conhecidos pelos lindos nomes que nossos pais e parentes nos deram e que gostaríamos que nos chamasse. Mas sim macacos, sujos, feios, analfabetos, e por tantos outros nomes que por boa educação não podemos mencionar aqui, pensávamos que podíamos aprender dos nossos líderes como lidar com pessoas para que possamos aplicar esse conhecimento no trato com os nossos futuros alunos. Puro engano!

4. Violão do Novo Currículo de Formação de Professores

O Ministério da Educação está a implementar a título experimental em alguns institutos do país uma nova formação de professores de 10a+3 anos e dentre várias melhorias centra-se na formação por competências e ocupação efectiva do formando; isto é, o formando deve estar todo tempo ocupado em actividades de formação produzindo relatórios reflexivos e investigando os conteúdos pois o formando é responsável da sua formação e até porque a formação é modular. Mas o que acontece neste instituto é totalmente o contrário. Para além das actividades de machamba e cozinha que atrás mencionamos, o director tem dito constantemente que o presente modelo de formação não é nada, que estamos a perder tempo com isto, que ele vai inverter tudo é só uma questão de tempo. Se o dirigente que devia ser o nosso suporte acha que a nossa

formação é perca de tempo, como é que se espera que nos dediquemos se de antemão sabemos que a formação é um fiasco?

De referir que umas das exigências deste novo modelo é que todo formando seja interno mas eles autorizaram exteriorizar dois colegas do segundo ano nomeadamente Geracia Cossa e Eufrásio com todo impacto pedagógico que isso acarreta para eles.

5. Obrigacão para comprar Capulanas e Camisetas para o dia 7 de Abril

O dia de 7 de Abril simboliza um marco importante na nossa história de emancipação da mulher moçambicana, isto não está em causa. Mas o que cria espanto em nós é obrigar os formandos a comprar capulanas (180mt) e camisetas (300mt) mesmo se sabendo que a maioria de nós veio de famílias desfavorecidas e carenciadas e estão a milhares de quilómetros de distâncias. Para cumprir com esta obrigação, algumas colegas nossas tiveram que se envolver sexualmente com desconhecidos o que é triste e inadmissível. Quando confrontamos o director sobre este assunto ele disse que devíamos obrigatoriamente comprar aquele vestuário pois não era a primeira nem a ultima vez que aquilo acontecia e quem quisesse se opor se veria com ele.

Será que não basta que preocupemos os nossos encarregados com materiais realmente inerentes a nossa formação? É a capulana e camiseta que dita a comemoração de uma data festiva? Salientar que para não criar espanto na praça dos heróis, obrigaram-nos a usar as capulanas e balalaicas (formandas) e as camisetas devíamos esconder dentro das balalaicas para todos os formandos. E aqui surgiram-nos as seguintes questões: A quem beneficiou o dinheiro da venda das capulanas?

De que eram as capulanas e as camisetas? Ministério da educação? Sabemos que não. Se não havia nada de errado com tudo isto porque nos obrigaram a esconder as camisetas na praça dos heróis? Sabemos as respostas e todo já sabe.

6. Formandos ou Empregados?

Existem aqui dentro do Instituto de Formação de Professores de Nampula formandos que tem por obrigação lavar

a roupa e carro do chefe do internato senhor Marcelino ou Presidente do Município como ele gosta que lhe tratem. Nós repudiamos esta atitude, salvo informação contrária não existe documento que diz que o formando é obrigado a lavar roupa do chefe do lar.

7. Mau tratamento aos seus Colegas

O senhor director Amade e seu chefe Marcelino tem constantemente falado mal do outro grupo de formadores transferidos do Instituto de Formação de Professores de Marrere. Sempre diz que eles não são nada e não sabem nada, chama-lhes de palhaços e refugiados. Prometeu que está a esperar que a poeira baixe e vai começar a "varrer um por um". Diz que foi obrigado a retirar melhores formadores e trouxeram-lhe sucatas de retardados mentais. Se eles dizem isso a nossa frente como acham que vamos olhar a eles sabendo que são nossos formadores?

Por hoje queremos terminar com estas sete, sabemos que não vão nos levar a serio porque acham que somos formandos e mais nada, que inventamos tudo isto, que queremos manchar o nome do director e da sua direcção, vão também dizer que ele é bom dirigente e já teve inúmeras menções honrosas e diplomas de mérito.

Tudo bem com o que acharem mas quisemos revelar o que acontece connosco, acontece e vai continuar a acontecer se nunca se denunciou porque o lema aqui dentro é ver, ouvir e calar; aliás os outros tinham só um ano de duração do seu curso e nós temos 3 anos. Ponham-se no nosso lugar e reflectam isto a acontecer para vocês ou para vossos filhos.

Estamos a falar de maus tratos, humilhação, assédio sexual, trabalhos de machamba em detrimento da nossa formação.

Para terminar queremos salientar que não estamos contra cuidar o nosso belo instituto, mas quando temos que sair da sala para capinar até 12 horas, trabalhar na cozinha sem o mínimo de protecção no meio de muito fogo quase sempre pondo em causa a nossa tarefa principal algo não esta bater certo.

Clamamos por Socorro!
 Cordiais Saudações!
 Nampula, Abril 2014

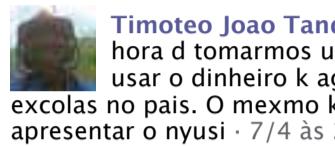
Cidadania



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Segue no Twitter #Gerais2014 @DemocraciaMZ: Em campanha eleitoral antecipada na província da Zambézia o Presidente de Moçambique Armando Guebuza continua usar meios do Estado para apresentar o candidato do partido #Frelimo



Timoteo Joao Tandique Tandique Ta na hora d tomarmos uma atitud pork ela Xta usar o dinheiru k agente paga impostos para excolas no pais. O mexmo k o guebas xta levar pra apresentar o nyusi. · 7/4 às 22:08



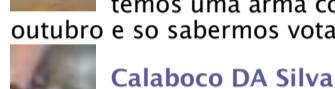
Trin Magesso avante nao há recua. Viva Guebuza... Viva nyusi... Frelimo a força da mudança... · 7/4 às 19:40



Zeferino Fanequicô Camarao que dorme a onda leva... · 7/4 às 18:45



Idalino Uache ele sabe k o povo nao vai lhe fzer nada por isso age assim,,,mas ainda temos uma arma contra isso no dia 15 de outubro e so sabermos votar bem · há 23 horas



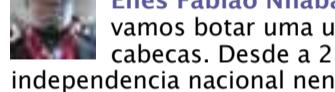
Calaboco DA Silva Almeida 0 c0ta esta bem desesperado... · Ontem às 11:09



Suidique Selemane Cota guebas xta baralhado cm o nhusi,nem cm issu... · 7/4 às 22:51



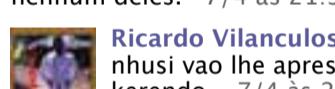
Enes Fabião Nhabanga Mocambicanos, vamos botar uma uma coisa nas nossas cabecas. Desde a 25/06/1975. Dia da independencia nacional nenhuma lei funcionou neste Pais. · 7/4 às 21:55



Abdul Cafrik Nexe paix cada um puxa para o xeu lado xi um faz qualqer coixa xta violar a lei max xi for da frelimo n xta violar xta a exercer a dimocracia. · 7/4 às 21:41



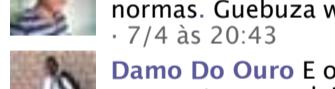
Jamila Mando DA Sheila Vce ricardo nao fale em nome do povo.talvez fale em nome da tua familia e nao do povo.purk o povo nao ker nenhum deles. · 7/4 às 21:39



Ricardo Vilanculos Kkkkkk, vao falando e nhusi vao lhe apresentando e o povo ta lhe kerendo. · 7/4 às 20:53



David Jeremias Macuvele Ela tem falado da democracia ,mas ele é o primeiro a violar as normas. Guebuza wa falhara,não fica bem. · 7/4 às 20:43



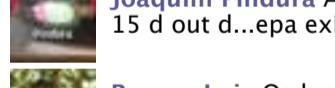
Damo Do Ouro E o Armandinho quem o apresentou nas eleições de 2004,,,,,?? pk Chissano ñ fez exa palhaçada! · 7/4 às 20:25



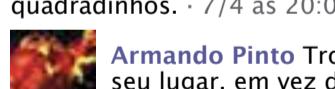
Samido Araibo Espravo Aaaaah... Meu Deus! Até kando isso? Volta logo · 7/4 às 20:22



Joaquim Pindura A decisao xta cmigo n dia 15 d out d...epa exkexi o an. · 7/4 às 20:16



Romao Luis Os k odeiam d Nhusi estao mal. voces keriam k fosse kem?pensem e depois publiquem,um dia verao sol pelos quadrinhos. · 7/4 às 20:00



Armando Pinto Troxe,um amigo pa tar no seu lugar. em vez d aranjar um substituto digno rexeitoso como MANUEL TOME, LUISA DIOGO, ARES ALY, E MAIS.... EXISTEM TANTOS. · 7/4 às 19:59



Zito Mepano Eu sabia, em vz d fzr sua despedida, tras amigo dele para fzerm propaganda. · 7/4 às 19:42



Samuel Somane Sao pauladas. Por isso politicos sao terroristas · 7/4 às 19:37



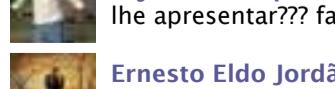
Orlando Lourenco Nhantungo Apesar d tudo isso, Nhussi nunca vai governar moç. · 7/4 às 19:31



Elsio Munguambe ah ah ah ah,,nhusi mesmo ah. · 7/4 às 19:31



Arjota Tandique voces pensam kem podia lhe apresentar??? falo de nyusi. · 7/4 às 19:24



Ernesto Eldo Jordão Barrama Ew ate me pergunto em k mundo extamx exex stao a exajerar. · Ontem às 10:01



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO Abdul REPORTA:

#acidente de #viação na EN1 a 15 km de zandamela #Inhambane uma viatura ligeira chocou frontalmente com um autocarro de passageiros. O motorista do ligeiro perdeu a vida no local.



Nito Ribeiro Ribeiro Ja virou moda todos os dias acidentes de viacao o aviso fica para nos os outros automobilistas correr nao e chegar, conduza na velocidade moderada, si bebeu nao conduz e faca sempre uma conducao defensiva mais vale perder um minuto na vida duc uma vida por um minuto. K deus oica nossos choros. Amen. · 5/4 às 13:57



Aniceto Moiane Pra mim tanto sangue ixo sao os finais dos tempo k apocalipse fala. · 5/4 às 13:12



Naterio Nhadilo O k s paxa cm moz? Nest primeiro trimestre axo k ja bateu record d acidentes, comparando cm os anx anteriores. · 5/4 às 12:16



Fafa Sebastiao Chemo Tenho medo d pegar chapa agora. · 6/4 às 21:23



Celso Mahenhane por causa da ma conducao ultimamente virou moda as pessoas conduzem a gingar ao telfone dps causam · 6/4 às 15:55



Luis Mário Namarocolo Mas porque que em moçambique contece muitos acidentes? Sera Por causa dos nossos veiculos ou condutores. · 6/4 às 10:21



Evaristo Munambo Mortes accidentais virou moda no nosso país,é lamentavel. · 6/4 às 7:18



Eugenio Herculano Resumo da vida é alcool e despiste e continua-se nao reconhecendo!..é triste! · 5/4 às 19:36



Romeu De Brigido Fernandes PERDA DE VIDAS CONTINUA „INFELIZMENTE NAO PARECE HAVER SOLUCAO PARA ISTO. · 5/4 às 18:54



Manuel Juma Ephá,este acidente aconteceu ontem cm um autocarro k ia a nampula,,e soma 2 acidentes so em inhambane,,pelo menos o k temos conhecimento e cm perdas d vidas....sinceiramente isto por sermos convicdos quando xtamos n vulante as vez acabamos nisto,,,mto triste. · 5/4 às 18:38



Luis Piroro Piroro Eu navrda concordo as palvras d profecia d k qndo chegar ahora d filho d hmhem volta pra este terra avera varios quesequencias k ira acontecer agra é omomento. · 5/4 às 18:05



Elisio Munguambe isto xta num grande exagero moz"guebas " afinal ate qwandoo chuvas de sangue em cada minuto. · 5/4 às 17:16



Mussa Rajabo Eu agora xtou sem vntade de viajar.pork todos os dias oíço mesmas miserias de acidentes. · 5/4 às



Sabinho Junior Presenciei esse acidente foi horrivel,uma viatura de marca toyota xcova ficou dividida ao meio tentando esquivar uma bicicleta e acabou na morte de um cidadão que se encontrava no volante da mesma.foi triste.estou assustado ate agora. · 5/4 às 16:09



Enes Fabião Nhabanga Afinal u k esta em causa com os nossos automobilistas? Algo esta mal pah. Nossa policia tem atuar mto serio. · 5/4 às 15:54



Mateus Francisco Navaia Na passada 4ª feira passada no inicio da noite houve mais um acidente na N6 na zona de «Macadeira» troço Chimoio-Machipanda que envolveu um transporte semi-colectivo (IACE) e ambateu atrás de um Freth-Line onde sucumbiram mais de 5 compatriotas incluindo o seu motorista e outros ficaram gravemente feridos. É triste! · 5/4 às 15:29



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

O diálogo político entre o Governo e a Renamo voltou a conhecer um impasse esta sexta-feira (04) pois a Perdiz não aceita falar da sua desmilitarização alegadamente porque o assunto será tratado quando estiver a ser discutido o segundo ponto da agenda, relativo à Defesa e Segurança.

<http://www.verdade.co.mz/destaques/democracia/45348>

Idrisse Max A renamo faz bem, n se confia no guebuza, principalmente agora. · 7/4 às 12:57

Benjamim Agostinho Mucopote A realidade é uma:"A Renamo nunca ira aceitar desarmar", isto todos ja sabemos.Pelo menos os senhores nesses encontros deveriam priorizar o cessar-fogo.Dai avançavam a outros pontos. · 7/4 às 13:24

Filipe Luis Slim por favor senhor CURUPTO aceita negociar com o BANDIDO acerca de cessar fogo agora depois vao negociar a disarmamento nao vés que o ASSASSINO tem o povo como refém? · 7/4 às 13:23

Mateus Francisco Navaia {Cara; Coroa} obseravando esta moeda atrás da (Cara), há uma história por contar (Coroa)! Não faz sentido que o diálogo vai "numa boa" e por de trás disto continuam a se massacrar! Tendo em conta que todos são Moçambicanos quem está a provocar outro e porque? · 7/4 às 14:42

Nemésio Muatenlero Eu como povo nw sei nada d dialogo, por isso estou fora da politica. Depois d discutirem quero saber do resultado final. · 7/4 às 14:32

Cadir Guluja Eu ja nao sei como se dança essa musica "dialogo". Ja tem muitas versoes. Quando acabar o cafe no joaquim chissano haod por fim a esses encontros. Meu dinheiro que esta akabar por sustentar filhos grandes como estes. · 7/4 às 13:55

Neta Chirandzane Kando 2 bois lutam,o capim e k sofre. · 7/4 às 13:53

Miguel Dramuce ja deixaram de ser boy, é luta de elefante! · 7/4 às 13:58

Gk-Joakim Novela Força renamo,esse governo ninguem confia,muitos lutao por intereces individuas,siñ acabara por inforcar a renamo · Ontem às 2:56

Castigo Muianga Bla bla k nao acaba epa k venha a tal guerra · 7/4 às 23:54

Maria Nuvunga será que estes senhores da guerra têm famílias digo, esposa, filhos? que conversa tem com eles depois de massacrar inocentes? por favor queremos Paz · 7/4 às 22:50

Lampreia Divaine Leo Lampreia Sera k a renamo pediu a protexxa em santugira? · 7/4 às 21:10

Bernardo Afonso Matsinhe Bendito E natural q tem q se periozar o cessar fogo. Os filhos dos donos estao a acabar em nome de defesa da integridade terretorial. · 7/4 às 19:40

Eddy Marchal Sochangana É verdad este governo é pirata, so podm ser d ala dos pirates somales mas baseados em Moçambique, porkê k ñ manda recolher as forças deles emtão prk a renamo xtá cmprometido msmo com a paz e ker d uma vez por todas livrar-se dox seus guerrilheiros mandando-os p as fileiras das forças do estado, mas êish · 7/4 às 18:31

Emidio Nguambe O governo parece estar constituído de ignorantes, porque nao madar parar ataques k as tropas governamentais protagonisam contra a renamo. A renamo esta certa aconfiaca e muito pouca. · 7/4 às 16:26

Ezidio Rodrigues Feliz 7 de abril para todas as mulheres especialmente pra as minhas pricensas"a minha mae,minha esposa e a minha filha" · 7/4 às 16:09

Lina Zimbico Zimbico Esses so estao a gastar agua mineral so, a quanto tempo inciou esse tal dialogo? E ate hoje nao chegam a nenhum concenso, chega pha. · 7/4 às 14:19